



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Instituto De Estudos Da Linguagem

Laboratório De Estudos Avançados Em Jornalismo

BARBARA HELENA DANIEL SANTOS

DO PALANQUE À PLATAFORMA: UMA ANÁLISE DO
DISCURSO DIGITAL DA DIREITA BRASILEIRA NO YOUTUBE

FROM THE STAGE TO THE PLATFORM: A DIGITAL
DISCOURSE ANALYSIS OF THE BRAZILIAN RIGHT-WING ON YOUTUBE

Campinas
2024

BARBARA HELENA DANIEL SANTOS

DO PALANQUE À PLATAFORMA: UMA ANÁLISE DO
DISCURSO DIGITAL DA DIREITA BRASILEIRA NO YOUTUBE

Dissertação apresentada ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, no Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Divulgação Científica e Cultural, na Área de Divulgação Científica e Cultural.

Orientadora: Cristiane Pereira Costa Dias
Coorientadora: Renata de Oliveira Carreon

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA BARBARA HELENA DANIEL SANTOS, E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. CRISTIANE PEREIRA COSTA DIAS.

Campinas
2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Ana Lúcia Siqueira Silva - CRB 8/7956

Santos, Barbara Helena Daniel, 1998-
Sa59d Do palanque à plataforma : uma análise do discurso digital da direita brasileira no YouTube / Barbara Helena Daniel Santos. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Cristiane Pereira Costa Dias.
Coorientador: Renata de Oliveira Carreon.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Discurso político. 2. Discurso digital. 3. YouTube. I. Dias, Cristiane Pereira da Costa, 1974-. II. Carreon, Renata de Oliveira. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. IV. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: From the stage to the platform : a digital discourse analysis of the brazilian right-wing on YouTube

Palavras-chave em inglês:

Political discourse

Digital discourse

YouTube

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestra em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Cristiane Pereira Costa Dias [Orientador]

Renata de Oliveira Carreon

Mônica Graciela Zoppi Fontana

Guilherme Adorno de Oliveira

Data de defesa: 25-03-2024

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-6025-0771>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7282012565457510>

COMISSÃO EXAMINADORA

Presidente: Profa. Dra. Cristiane Pereira Costa Dias

Membro: Profa. Dra. Mónica Graciela Zoppi Fontana

Membro: Prof. Dr. Guilherme Adorno de Oliveira

**IEL/UNICAMP
2024**

A ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

“A verdadeira polarização está entre os que querem o direito de viver e os que querem o direito de matar”.

– Álvaro Borba, 2022.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, é indispensável explicitar que esta pesquisa foi desenvolvida através do financiamento da grandiosa Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, na modalidade de fomento código 001, sob o processo número 88887.675230/2022-00, e a ela, bem como a todo aparato de reconstrução da produção de ciência do Estado brasileiro, sou muito grata.

Para além disso, sumarizar minha gratidão em apenas uma página é uma missão impossível, e justamente por isso não tentarei. Gostaria apenas de citar algumas pessoas que estiveram comigo desde o primeiro momento da caminhada, que foi pavimentada há séculos, desde o outro lado do Atlântico. O faço não porque os mencionados são mais importantes que qualquer um dos anônimos, mas porque serão elas e eles a receber este trabalho em mãos como uma forma de simbolizar mais um passo no cumprimento da promessa que fiz às minhas irmãs e irmãos, neste plano e em outros – o compromisso de dedicar integralmente minha existência à luta pela emancipação do Todo. Entre Ubuntu e Iroko, somos um.

Obrigada Ana Maria e Maria Lucimar. Débora e José Aparecido. Obrigada Lucas, Sara e Sophia. Agradeço imensamente à Chauanna, por todo o afeto que segue me curando. Giovana, Bruno, Laila, Júlia e Lucas. Marília, Vinícius, Tiago, João, Felipe, Wallace e Beatriz.

Obrigada às minhas orientadoras, por acreditarem em mim, mesmo quando eu duvidei – *principalmente* quando eu duvidei. Obrigada a todas as professoras que me formaram e me ergueram, aos mestres teóricos que compartilharam seus conhecimentos comigo e com o mundo; obrigada aos filósofos da vida com quem me encontrei e que me encontraram. Aos camaradas e mentores, encarnados e em outro plano, só posso agradecer.

Se eu fosse só, já não estaria mais aqui.

RESUMO

Como explicitado por Michel Pêcheux (1995), a língua não é autônoma, a interpretação não é individual, e o sujeito não tem ingerência absoluta sobre sua fala. Sendo assim, para sermos capazes de falar, assumimos posições que são ideológica e historicamente construídas. No movimento de identificação do sujeito do discurso com o sujeito do Saber, se estabelece a posição-sujeito, delimitada por disputas e deslizamentos de sentido, estando em constante mutação. A partir disso, a presente pesquisa se propõe a analisar os desdobramentos instados pela materialidade digital em relação à posição-sujeito político dentro da formação discursiva da direita brasileira. Trabalhamos com a noção de que, atuando como um acontecimento enunciativo, o atravessamento do discurso digital afeta essencialmente a posição-sujeito político dominante e, assim, estrutura uma posição-sujeito dissidente, chamada aqui de posição-sujeito *youtuber* político, que permitirá ao sujeito do discurso se relacionar com a ideologia sob diferentes sentidos, sem, no entanto, romper com sua FD de origem (INDURSKY, 2008). Em tempo, tomaremos como superfície textual vídeos de um parlamentar e um ex-parlamentar de direita no YouTube brasileiro – Arthur do Val e Nikolas Ferreira –, cujas pautas sejam mandatoriamente políticas. Para lê-los, utilizaremos como embasamento teórico a corrente Análise do Discurso Digital (DIAS, 2018) somada às contribuições basilares de autores como Michel Pêcheux (1995, 2011), Jean-Jacques Courtine (2006, 2009), Eni Orlandi (2020), Freda Indursky (2008), e Cristiane Dias (2016, 2018, 2019, 2020, 2022).

Palavras-chave: 1. Discurso Político; 2. Discurso Digital; 3. YouTube.

ABSTRACT

As explained by Michel Pêcheux (1995), language is not autonomous, interpretation is not individual, and the subject does not have absolute control over their speech. Therefore, in order to be able to speak, we assume positions that are ideologically and historically constructed. In the process of identifying the discourse subject with the subject of Knowledge, the subject-position is wrought, delineated by disputes and shifts in meaning, constantly evolving. Based on this, the present research aims to analyze the developments prompted by digital materiality concerning the political subject-position within the discourse formation of the Brazilian right-wing. We work with the notion that, acting as an enunciative event, the intersection of digital discourse essentially affects the dominant political subject-position, thus structuring a dissident subject-position, referred to here as the political YouTuber subject-position. This will allow the discourse subject to relate to the ideology in different ways without breaking away from its original discourse formation (Indursky, 2008). In this context, we will examine videos of a current and a former right-wing parliamentarian active on Brazilian YouTube – Arthur do Val and Nikolas Ferreira – whose virtual contents are necessarily political. To analyze them, we will use the theoretical framework of Digital Discourse Analysis (Dias, 2018) combined with the foundational contributions of authors such as Michel Pêcheux (1995, 2011), Jean-Jacques Courtine (2006, 2009), Eni Orlandi (2020), Freda Indursky (2008), and Cristiane Dias (2016, 2018, 2019, 2020, 2022).

Key-words: 1. Political Discourse; 2. Digital Discourse; 3. YouTube.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 — Do Verbo à Carne: discurso, discurso digital, discurso do digital	12
1.1 Análise do Discurso	12
1.2 Análise do Discurso Digital	19
1.3 Discurso do Digital	25
CAPÍTULO 2 — Entre o Digital e o Neoliberal: ultraliberalização, ultraconservadorismo, direita brasileira e <i>youtubers</i> políticos	30
2.1 Neoliberalismo	30
2.2 A(s) direita(s) brasileira(s)	41
2.3 A política de plataforma	57
CAPÍTULO 3 — Do Palanque à Plataforma: O digital e o desdobramento da posição-sujeito político na direita brasileira	67
3.1 Elaboração do arquivo e objetos de análise	67
3.2 Análise	75
3.3 Para efeito de conclusão	94
4. BIBLIOGRAFIA	96
5. ANEXOS	101
5.1 Corpora	101
5.1.1. Recortes de Arthur do Val	101
5.1.2. Recortes de Nikolas Ferreira	102
5.2 Anúncios	104
5.2.1. Tabela 1 – anúncios veiculados nos vídeos de Nikolas Ferreira	104
5.2.1. Tabela 2 – anúncios veiculados nos vídeos de Arthur do Val	106

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi idealizada, produzida e finalmente trazida à público ante a urgência do momento histórico-social em que nos encontramos. Frente a esta quadra da história, a expansão e o aprofundamento dos estudos acerca do discurso digital e da materialidade discursiva do digital não são apenas necessários, mas provam-se gradativamente mais urgentes dado as consequências da instrumentalização das tecnologias da informação e da comunicação pelo capital no jogo político e social.

A compreensão do caráter histórico, social e ideológico discurso, bem como a articulação assertiva de seu funcionamento em favor do fortalecimento de movimentos de resistência e espaços que fomentam a justiça social, são, pois, uma ferramenta complexa e promissora das ciências humanas ante o período nefasto e retrógrado que as empresas de tecnologia, sem nenhum tipo de regulação, têm projetando para nosso futuro enquanto espécie.

Desta forma, esta pesquisa figura enquanto um movimento de inquietação e inconformismo, que precisa e será divulgada de forma acessível para além da Universidade, e que se coloca desde já despida de qualquer presunção de neutralidade científica perante o avanço da extrema direita no cenário global, onde a ascensão do fascismo, a banalização da precarização do trabalho e a completa falta de escrúpulos nas redes tem sido causa e consequência de um fazer-político orientado por e para o capital. Mais do que nunca é preciso que a ciência, em especial aquela feita sob financiamento público e coletivo, esteja a serviço da vida. Isso posto, apresentamos nossa estrutura de discussão tal como segue.

Em tempo, o objetivo geral do trabalho é compreender, a partir da Análise do Discurso, os desdobramentos instados pelo atravessamento da materialidade digital na posição-sujeito político da formação discursiva da direita brasileira. Para tanto, temos como objetivos específicos contextualizar histórica e teoricamente a disciplina, a fim de introduzir as noções basilares desta ciência e apresentar ao leitor a vertente da Análise do Discurso Digital; estabelecer o conceito de neoliberalismo enquanto dispositivo analítico para abordarmos o material a ser estudado; trabalhar as formas de organização da direita brasileira sob as características psico-econômicas-sociais do capitalismo de plataforma; e finalmente analisar o arquivo arrecadado ao longo da pesquisa sob as lentes previamente citadas.

Comprendemos que o processo de hegemonização do capitalismo de plataforma (SRNICEK, 2016) figura como um acontecimento enunciativo (INDURSKY, 2008) e possibilita, a partir do funcionamento da ideologia neoliberal, a estruturação de dissidências

na compreensão primeira acerca do fazer-político dentro da formação discursiva (doravante FD) em questão. Assim, cristaliza-se o que optamos por chamar em nosso texto de posição-sujeito *youtuber* político, ou apenas *youtuber* político, uma posição-sujeito que não rompe com sua formação discursiva inicial, mas difere da posição-sujeito que a gerou.

Começaremos nossas elucubrações no Capítulo 1, recuperando as raízes teóricas da Análise de Discurso (doravante AD) ao dialogar com Denise Maldidier (2003), quem nos elucidará quanto aos pilares e ao desenvolvimento da disciplina, ao passo que Eni Orlandi (2020) será responsável por nos esclarecer os elementos-chave para a compreensão da teoria. Trabalharemos também com Cristiane Dias (2018), pioneira da Análise do Discurso Digital no Brasil, e a partir de quem apresentaremos ao leitor o “passo adiante” que a AD deu em relação a seus estudos basilares, considerando o caráter digital da existência humana na contemporaneidade. Para aprofundar e localizar socialmente esta noção fundamental, utilizaremos o canadense Nick Srnicek em sua obra norteadora da discussão final do capítulo, *Platform Capitalism* (2016), que, em consonância com os escritos de Guilherme Ferragutti (2018), assentarão o terreno para a exposição do conceito de Formação Algorítmica (FA).

No Capítulo 2, discorreremos sobre a ideologia neoliberal e seu funcionamento enquanto meio de organização social e engenharia de afetos coletivos, recobrando a forma como tal ideologia se instaurou no Brasil e reorganizou o campo da direita no país. A partir disso, relacionaremos tais acontecimentos à ascensão das figuras a serem aqui analisadas, i.e., Arthur do Val, ex deputado estadual por São Paulo, e Nikolas Ferreira, atual deputado federal por Minas Gerais. Aqui, usaremos como base teórica os trabalhos de Vladimir Safatle, Nelson da Silva Jr. e Christian Dunker (2021), Wendy Brown (2023), Solano (2018) e Solano e Rocha (2019).

Traremos, por fim, no Capítulo 3, a análise dos discursos dos parlamentares elencados, expondo sua imbricação intrínseca junto ao próprio funcionamento e concepção filosófica do YouTube. A partir das marcas do digital na delimitação da posição-sujeito político dentro da formação discursiva em questão, destacadas através dos sentidos mobilizados no dizer dos sujeitos do discurso, da especificidade das textualizações múltiplas contidas nas imagens de quem fala e nas imagens trazidas pela plataforma, da materialidade específica dos comentários, anúncios, e da tríade concepção-formulação-circulação essencialmente atravessadas pelo conceito do digital, trabalharemos a arguição acerca do que consideramos uma posição-sujeito *youtuber* político em relação à posição-sujeito político – num processo de desdobramento entre forma dissidente e dominante. Para isso, contaremos com o auxílio de Indursky (2008), Adorno (2015), e Adorno e Nogueira (2023).

CAPÍTULO 1

Do Verbo à Carne: discurso, discurso digital, discurso do digital

1.1 Análise do Discurso

Ao fim dos anos 1960 a França convulsionava; estudantes, operários e acadêmicos ateavam fogo à concepção de civilização vigente, e das cinzas remodelavam sua utopia de liberdade, igualdade e fraternidade¹. Frente àquele cenário anárquico², um jovem filósofo transitava pelos corredores do *Centre National de la Recherche Scientifique* rascunhando questionamentos capazes de transformar a prática das Ciências Sociais de forma definitiva. Michel Pêcheux, como produto essencial de seu tempo, revolucionou a epistemologia do saber, articulando as Ciências Sociais com a Linguística e a Filosofia, propondo uma compreensão completamente outra a respeito do funcionamento da linguagem (ORLANDI, 2020). A partir de Pêcheux, passamos a compreender a linguagem de forma historicamente situada, socialmente construída, e não de todo autônoma; o sujeito já não habitava mais seu centro, e como quase tudo que fora concebido ou alterado pela mente humana, as nuances do dizer – e do calar – mostravam-se fundamentalmente atravessadas pela luta de classes.

Como caracterizado por Silva e Santos (2014), a história da AD é uma história de rupturas. A disciplina surge como uma tentativa de despir o discurso da subjetividade através de processos mecânicos, sob a gestão de algoritmos e processos matemáticos, sendo a informática então “parte integrante da própria pesquisa” de Pêcheux e seus pares (MALDIDIER, 2003, p. 86). Aos poucos, porém, e à muitas mãos, o conceito de discurso enquanto “palavra em movimento, prática de linguagem” (ORLANDI, 2020, p. 13) é estruturado – a questão da tecnologia aplicada ao estudo dos sentidos não arrefece, porém; em vez disso, como veremos adiante, “o recurso à informática” que se “inscrevia no interior do pensamento político” (MALDIDIER, 2003, p. 94), retorna ao centro das questões postas à

¹ Cf: SOLIDARITY. Paris: Maio de 68. Tradução: Léo Vinícius. São Paulo: Conrad. 2013. Disponível em: <marxists.org/portugues/brinton/1968/maio68/maio68.pdf>

² Cf: VAZ, Conessa. "Maio de 1968 ainda não terminou". Outras Palavras, 6 mai. 2018. Disponível em: <outraspalavras.net/sem-categoria/maio-de-1968-e-o-sentimento-do-inacabado/>. Acesso em: 7 nov. 2023. 14 mai. 2023.

Cf: “Maio de 68 é algo como um momento simbólico de crise da civilização”. Entrevista com Edgar Morin. Instituto Humanitas Unisinos, 12 mai. 2018. Disponível em: <ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/578855-maio-de-68-e-algo-como-um-momento-simbolico-de-cris-e-da-civilizacao-entrevista-com-edgar-morin>. Acesso em: 7 nov. 2023. 14 mai. 2023.

AD, e o faz pelo efeito da própria história.

Com os avanços teóricos, passamos a conceber a linguagem enquanto “mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”, mediação essa que se coloca enquanto base da existência humana, sendo “o trabalho simbólico do discurso” (ORLANDI, 2020, p. 13), esse processo de significação que aplicamos às palavras e às coisas e que elas dialogicamente aplicam sobre nós, o sustentáculo de tudo o que conhecemos enquanto espécie.

É na multidisciplinaridade que a AD encontra a base teórica para sua composição, e a linguista Eni Orlandi (2020) ilustra essa genealogia expondo os três pilares fundamentais da corrente. Da Linguística, afirma ela, a AD herdou a “não-transparência da linguagem”, conceito que ampara a ideia de não univocidade na relação linguagem/pensamento/mundo proposta pela disciplina (p. 17-18).

Do Materialismo Histórico Dialético, absorveu-se a noção de que “o homem faz a história, mas esta também não lhe é transparente” (ORLANDI, p. 17). A língua quando conjugada com a história no processo de produção de sentidos gera a *forma material*, sendo esta a “forma linguística encarnada na história” (idem.), capaz de produzir sentidos lastreados e rastreáveis que, por sua vez, tiram a autonomia que *a priori* era imputada à linguagem. Dito de outro modo e usando os *youtubers* políticos analisados nesta pesquisa para exemplificar, “a verdade” não significa a mesma coisa para Nikolas Ferreira e Arthur do Val, da mesma forma que não é compreendida da mesma forma por outrem fora da formação discursiva de ambos. Os sentidos são estabelecidos através das disputas políticas e das condições histórico-materiais.

“Reunindo estrutura e acontecimento”, Orlandi acrescenta, “a forma material é vista como acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história” (ORLANDI, p. 17). E este é o ponto de inflexão com a Psicanálise, pois, em outras palavras, o que se diz engendra sentidos que se materializam no palpável da realidade; a palavra passa, assim, a ter ingerência no social concreto, e ao influir na existência do indivíduo historicamente localizado sob seu alcance e vigência, subjetiva-o para além de sua percepção. Há, portanto, um “deslocamento da noção de homem para a de sujeito” (ibid., p. 18). Este, segue Orlandi, “se constitui na relação com o simbólico, na história”, ou ainda “pelo real da língua e pelo real da história”, alheio a como isso o afeta (idem.). “Isso redundaria dizer”, finaliza a autora, “que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (idem).

A ideologia é parte fundamental no funcionamento do discurso. Incorporada à

disciplina através dos trabalhos de Louis Althusser (1999), temos, em AD, que a ideologia é materializada na realidade através do discurso, e ao fazê-lo, torna-se o grande fator responsável por interpelar o sujeito – constituí-lo em sua forma de compreender o mundo, “não como ocultação da realidade, mas como princípio mesmo de sua constituição” (MALDIDIER, 2003, p. 12). Segundo Pêcheux (1975, apud. ORLANDI, 2020, p. 15), “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. Para a AD, o indivíduo só se torna sujeito – capaz de entender-se como um no todo, de passar pela experiência de existir socialmente – a partir da ação da linguagem; tal como ilustra Orlandi (2020, p. 18) “as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que no entanto significam em nós e para nós”.

Existir enquanto ser humano é interpretar; é, através da ideologia presente na língua e cravada na história, aplicar sentido a tudo o que conhecemos e, por conseguinte, ser constituído também por estes mesmos sentidos. Como dito, porém, tais sentidos vêm a nós como evidências que sempre estiveram ali; nas palavras de Orlandi (2020, p. 43), “interpreta-se e ao mesmo tempo nega-se a interpretação, colocando-a no grau zero. Naturaliza-se o que é produzido na relação do histórico e do simbólico”.

A interpretação, porém, “é necessariamente regulada em suas possibilidades, em suas condições” (ORLANDI, 2020, p. 45). “Ela não é mero gesto de decodificação, de apreensão do sentido. A interpretação não é livre de determinações: não é qualquer uma e é desigualmente distribuída na formação social” (DIAS, 2018, p. 27), de acordo com a linguista Cristiane Dias, a interpretação é condicionada pelas relações de produção social nas quais estamos inseridos, delimitando assim as características de um sujeito social, agente de uma prática, chamado pela AD de forma-sujeito (idem).

É sob a forma-sujeito historicamente localizada, nos explica Dias, em diálogo com Orlandi (2001, 2012), “que os sujeitos assumem posições na sociedade, individuados pelo Estado, pelos discursos e pelas instituições” (DIAS, 2018, p. 27). Ou seja, através do Estado que o legitima enquanto existente, dos discursos que o circundam e o edificam, e das instituições que lhe acolhem ou repelem, o sujeito é moldado numa forma sócio-histórica. A forma-sujeito com a qual lidaremos nesta pesquisa é a forma-sujeito capitalista, neoliberal, subjetivada e assujeitada por um momento histórico onde todo e qualquer aspecto da vida é passível de tornar-se mercadoria, e, assim sendo, o sujeito é compelido a compreender-se enquanto capital, enquanto um negócio. Discorreremos sobre isso mais adiante, no Capítulo 2.

Para poder falar, o indivíduo assujeitado precisa assumir uma posição. O ato de

dizer não depende de uma subjetividade, mas subordina-se, antes, à ocupação de um “lugar”, à tomada de um papel que viabilize o ato de enunciar; “é a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz” (ORLANDI, 2020, p. 47). Tal como ilustra Orlandi (idem.), para que se possa ter acesso a um discurso que ideologicamente foi constituído enquanto um discurso de mãe, por exemplo, assume-se a posição-sujeito mãe: “Quando, ao abrir a porta para um filho altas horas da madrugada, a mãe fala, ‘Isso são horas?’, ela está na posição-mãe, falando como as mães falam” (idem). E completa: “Podemos até dizer que não é a mãe falando, é a *posição*. Ela está *sendo dita*³. E isso significa. Isso lhe dá identidade” (idem), identidade esta que só o é porque está relativa às outras, e que se difere delas, calcando seu sentido e sua forma sob a fricção de seus contrastes e limites.

A definição das posições-sujeito, tal qual a forma-sujeito, têm suas bordas delimitadas pela ideologia e pela história. Elas se desenham, porém, em um nível mais específico das relações sociais, e são diretamente afetadas pelo que chamamos de formações imaginárias. Como posto por Orlandi (ORLANDI, 2020, p. 40), o imaginário é parte essencial do funcionamento da linguagem; os sentidos que ele produz “assenta[m]-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder”. Assim, as formações imaginárias se constituem “nesse confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições” (idem.).

Esta é uma noção fundamental para este trabalho, pois, como coloca a autora (ORLANDI, 2020, p. 40), o imaginário é justamente o que nos ajuda a organizar, a um nível primeiro e imediato, o que se diz. “Os sentidos não estão nas palavras. Estão aquém e além delas”, uma vez que “não é no dizer em si mesmo que o sentido é de esquerda ou de direita, nem tampouco pelas intenções de quem diz”. Para analisar discursivamente um texto, questioná-lo a respeito de suas filiações históricas e sobre a forma como ele se propõe a significar ideologicamente, precisamos, em primeiro lugar, expor suas condições de produção, referenciá-lo ao interdiscurso que o toma e apreendê-lo na formação discursiva que o possibilita.

Colorindo os conceitos citados com os tons desta pesquisa, temos uma posição-sujeito político “tradicional” – ou dominante, como veremos mais adiante –, que, dentro de uma formação discursiva de direita, é composta por elementos antecipatórios dados pela história e pelas confluências sociais. Espera-se que o político de direita fale de determinada maneira, que diga certas coisas, que se pareça e aja de forma específica. Essa “espera” está associada à formação discursiva à qual sabemos que a posição-sujeito político

³ Grifo nosso.

de direita está submetida; essa formação discursiva é que permitirá – e compelirá – o sujeito do discurso a dizer o que e como diz. No entanto, tais antecipações, por serem fruto de relações sociais e essencialmente atravessadas pela materialidade da história, podem sofrer deslocamentos e até mesmo fragmentar-se em coisas completamente outras, assim como o próprio conteúdo da formação discursiva, que, por ser dialético – formador e formado pela agência do sujeito na história e da ideologia no sujeito –, está suscetível à assimilações e atritos com seu “exterior”.

Expliquemos: de acordo com o linguista e antropólogo Jean-Jacques Courtine (2009), considerar as condições de produção numa análise não se limita a colocar os interlocutores em locais fixos e predefinidos por formações imaginárias estáticas, como se estas posições de onde fala o sujeito do discurso e a própria imagem que a antecipa fossem naturais e impassíveis de questionamento. Por outro lado, também não podemos partir da psicologização da comunicação, atribuindo a síntese da condição de produção ao comportamento do sujeito que enuncia ou a um empirismo raso. De acordo com Orlandi (2020, p. 28), consideradas num sentido estrito, as condições de produção são as circunstâncias da enunciação, seu contexto imediato; já quando tomadas em seu sentido mais amplo, elas incluem o contexto sócio-histórico e ideológico.

Aqui a memória discursiva desempenha um papel essencial, pois, quando pensada em relação ao discurso, ela se apresenta como o que chamamos de interdiscurso, ou ainda “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, do já-dito que está na base do dizível, sustentando cada palavra” (ORLANDI, 2020, p. 29). Orlandi explica que “o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa uma situação discursiva dada” (ibid., p. 30); essa instância em questão acumula todos os sentidos a respeito do que foi dito, de todas as formas, por qualquer outra pessoa, ainda que há muito tempo e em outro lugar. Logo, “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. O que é dito em outro lugar também significa ‘nossas palavras’” (idem.).

Neste sentido, temos que “há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo”, ou, colocado de outra forma, existe um movimento dialógico entre interdiscurso e intradiscurso, entre a constituição e a formulação (ORLANDI, 2020, p. 30). Eni Orlandi traz Courtine para explicar a diferença entre os termos anteriores, e o faz sugerindo uma concepção cartográfica: o interdiscurso – a constituição – representa um eixo vertical, “onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos – em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível”, e o eixo horizontal, o intradiscurso – representando a

formulação –, “isto é, aquilo que estamos dizendo naquele dado momento, em condições dadas” (ibid., p. 30-31).

Desta forma, a formulação estaria determinada por sua relação com o interdiscurso, “com o saber discursivo que foi-se construindo ao longo da história” e que representa o eixo de sua constituição (ORLANDI, 2020, p. 33). Nas palavras de Orlandi “a constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória discursiva)” (idem.). Assim, só faz sentido que a posição-sujeito político de direita enuncie “os políticos corruptos deste país” e, automaticamente, seu interlocutor associe tal dizer ao PT, Lula e à esquerda, porque antes disso os desdobramentos sociohistóricos estabeleceram uma interdiscursividade que assimila e equipara estes termos. Ao implicar “PT” à palavra “corrupto” sem necessariamente precisar explicar esta equiparação, o sujeito do discurso que assume a posição-sujeito político usa-se da constituição de sua formação discursiva de direita para formular uma frase que significa de forma específica para àqueles que se identificam com seu discurso em questão.

De modo como visto até aqui, porém, tudo o que pode ser constituído e formulado, a própria existência de um interdiscurso, depende da atuação do caráter ideológico e histórico. O discurso se organiza para significar por meio do que chamamos de formações ideológicas e formações discursivas. As formações ideológicas “têm um caráter ‘regional’ ou específico e comportam posições de classe” (COURTINE, 2009, p. 72). Isso explica como é possível, “a partir de formações ideológicas antagônicas, falar dos mesmos objetos (democracia, liberdade, etc.) e deles falar ‘diferentemente’” (idem.). Citando Haroche (et al., 1972, p. 84), Courtine ainda acrescenta: “as palavras mudam de sentido em função das posições daqueles que as empregam” (idem.).

No que tange as formações discursivas, tomamo-nas por “componentes interligados das formações ideológicas” (COURTINE, 2009, p. 73). Elas determinam “o que pode e deve ser dito”, o que equivale dizer que “palavras, expressões, proposições, [etc.], recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas” (ibid., p. 72.). As FD comportam-se como *clusters* de galáxias, com bordas flexíveis, etéreas, estruturadas pelo o interdiscurso através da aglutinação de história e matéria em dizeres, formando um “todo complexo dominante” movente que, em contato com formações discursivas distintas e heterogêneas, produz a constante atualização da concepção dos sentidos do real (idem.).

Assim, para ilustrar, quando um sujeito, assumindo a posição-sujeito político dominante, refere-se à sua “imagem”, os sentidos que ele movimentava diferem dos sentidos que essa mesma coisa dita a partir de uma posição-sujeito *youtuber* político implicam. Isso

porque o *youtuber* político traz para a formação discursiva de direita elementos sócio-histórico que afetam fundamentalmente o conceito de “imagem”, concebendo o termo sob uma lente heterogênea, *dissidente*, tal como veremos com Freda Indursky (2008) numa discussão mais ampliada a seguir.

Todas as conceituações explicadas acima foram desenvolvidas paulatinamente, ao longo dos anos, através do trabalho incansável de mentes brilhantes que, mesmo sob a ausência de sua figura fundadora, i.e., Michel Pêcheux, lapidaram a disciplina com afinco, defendendo seu aspecto científico e sua essencialidade para a instituição de uma forma mais autônoma, crítica de leitura.

Posto tudo isso temos que, como resultado da aplicação obstinada do materialismo histórico dialético em sua metodologia, a Análise do Discurso chegou ao século XXI disposta a propor para si mesma novas formas de leitura, que passam, em essência, pela introdução e disseminação ampla do digital na vida cotidiana, tal como veremos no tópico a seguir.

Na discussão transcorrida até o momento vimos que a Análise do Discurso é uma disciplina que surge ao final dos anos 1960 com o intuito de oferecer novas formas de leitura. Desenvolvida por diversos pensadores ao longo dos anos, temos hoje dentro da corrente de pensamento que o discurso, esta materialização da ideologia na língua e da língua na história, se organiza enquanto formação discursiva (FD), delineada e caracterizada por uma formação ideológica que se forja no desenrolar da luta de classes (PÊCHEUX; FUCHS, 1993. PÊCHEUX, 1995). Nesta perspectiva a FD se comporta como determinante do que é articulável, pensável, passível de existência conceitual para o sujeito; ela é composta pelo interdiscurso que, em sua constante metamorfose, se constitui em contato com o heterogêneo, o anterior aos seus limites porosas. Este “sempre-já-lá” que histórica e socialmente significa o dizer por meio da memória; são “obviedades” que trazem sentidos transparentes, “sedimentados”. O acesso a esta memória discursiva, ao sentido pré-estabelecido, porém, carece de que o sujeito do discurso assumira o que chamamos de posição-sujeito, constituída a partir e em relação à formação discursiva, seus atritos e sínteses histórico-ideológicas. A partir da posição-sujeito, então, o sujeito do discurso pode acessar o interdiscurso, a formação discursiva, e com eles, “o sujeito do Saber” universalizante, esta figura que compreende os sentidos de forma essencial e natural e que por meio deste movimento se vê capaz de existir em sua realidade material enquanto um indivíduo *assujeitado* em uma forma-sujeito histórica (DIAS, 2018).

1.2 Análise do Discurso Digital

Na introdução de seu livro “Análise do Discurso Digital: sujeito, espaço, memória e arquivo” (2018), a linguista Cristiane Dias nos adianta que “consequentemente ao trabalho de análise, há reverberações nos conceitos já postos e bem assentados da teoria” (p., 19). Isso, porém, não sugere a instituição de uma “nova” Análise do Discurso para lidar com os novos materiais de leitura que nos são oferecidos. Antes pelo contrário, atesta a demanda e o surgimento de “novas questões a serem formuladas e velhas questões a serem reformuladas” dentro da própria disciplina, de acordo com as mudanças materiais e ideológicas no mundo (idem.).

Dado o avanço das tecnologias digitais, temos uma clara mudança de paradigmas relacionados à existência do ser humano, sobretudo no que se refere “à forma do sujeito, sua constituição e seus processos de subjetivação”, que não se limitam à forma histórica de assujeitamento na sociedade do digital, “mas também a construção do conhecimento em suas formas institucionais e políticas” (DIAS, 2018., p. 20).

A partir de Dias (2018), passamos a discutir dentro da AD “como o digital tem produzido um desdobramento em noções como memória e autoria, [n]a própria linguagem, mas também [no] sujeito e [no] espaço” (p. 21); para esta pesquisa, acrescenta-se sua influência nas posições-sujeito e no desenvolvimento do que Guilherme Ferragut (2018) chama de formações algorítmicas, como veremos mais adiante.

Compreender o digital em sua materialidade e as transformações que este engendra nos processos de assujeitamento contemporâneos requer “compreender a exterioridade constitutiva do digital, as relações e os meios de produção capitalistas, mas também a formulação e a circulação” dessa ordem discursiva específica (DIAS, 2018, p. 27). De acordo com Dias, “o que sustenta a formulação dos dizeres no digital é a sua circulação” (ibid., p.33), sendo esta instância muito responsável por gerar retornos sobre a própria constituição dos sentidos atravessados por esse meio; existe aqui uma outra forma de se pensar a produção discursiva, e ela está atrelada ao funcionamento da máquina e das redes.

Esta miríade de novas formas de significar o discurso, com processos específicos que rearranjam o ciclo constituição/formulação/circulação, exige que pensemos o digital “para além de uma mera forma de produção da tecnologia, mas como uma condição de produção político-ideológica do discurso, como a condição e o meio de produção e reprodução das formas de existência capitalistas” na atualidade (DIAS, 2018, p. 28).

No cenário contemporâneo, “entre o real da língua e da história, há ainda o real da máquina”, tal como apontam Daniel e Carreon (no prelo, s/p.). “Nesse sentido, o discurso

digital é materialidade específica da ideologia, mas nessa materialidade (co)operam outras formas materiais de textualização que levam à injunção na trajetória de sentidos” (idem.).

Aqui, quando nos referimos à “materialidade”, não necessariamente estamos lidando com o aspecto físico, mas sim com a opacidade, com a historicidade aplicada ao real de determinado conceito. A materialidade digital se coloca então como “o processo de significação que se dá pela emergência da discursividade digital na forma material do discurso” (DIAS, 2016, p. 173), e implica “marcar uma distinção entre suporte e materialidade” (idem.), entre uma concepção do digital como restrita a um ambiente específico e aquilo que seria “uma concepção do digital como um processo mais amplo, parte das tecnologias de linguagem” (DIAS, 2018, p. 189).

É necessário, neste processo, recobrar o aspecto sócio-histórico e político da questão, e olhar para a atuação dessa ordem discursiva, identificar suas marcas e formas de significar incutidas na formação dialógica do tecido existencial coletivo. Como resumido por Dias, é preciso “levar em conta o acontecimento do discurso da tecnologia, sua inscrição na memória discursiva e sua atualização nas formulações digitais” (DIAS, 2016, p. 168). Como é possível observar em nosso material de análise, temos novamente a diferenciação de um discurso político “tradicional” e de um discurso político compreendido – constituído, formulado e circulado – sob a ordem do digital. A própria ideia de falar para e falar com os eleitores passa, no discurso digital, por camadas e processos ímpares, afetados em todas as instâncias discursivas pela materialidade digital. Adaptar o uso das tecnologias digitais ao discurso político, portanto, não é o mesmo – não produz os mesmos efeitos, não significa da mesma maneira – que assumir uma posição-sujeito *viabilizada* pela ideologia hegemônica incorporada ao digital.

Embora pretendamos apresentar os objetos de pesquisa de forma mais demorada logo adiante, alguns dos recortes abstraídos de suas falas ilustram bem a discussão acima.

AVAD-01: Por isso que **você que tá aqui nesse canal, você é demais, cara. Talvez você nem saiba o quão diferenciado você é [...].**

AVAD-02: “**Os caras têm canhões, os caras têm a imprensa, os caras têm as tias de WhatsApp, os caras têm os robôs do Twitter, e você? Você tem o que? Você que- você que é mais inteligente do que isso. Você tem o que? Você tem pouca coisa, cara. Você tem, por enquanto, esse canal aqui, por exemplo. Você tem, por enquanto, o meu Instagram, o Instagram do MBL, os grupos de Whatsapp do MBL.**

NFAD-01: Por que a *mídia* [...] continua a mentir de maneira descarada [...]? *Goebbels* [...] dizia que **uma mentira se torna verdade quando ela é contada mil vezes**, né. Então **eles vão batendo**, batendo, batendo... Até que, enfim,

consiga ali mudar a narrativa”.

NFAD-02: “[...] Então assim, a gente precisa lutar, cara, de maneira absurda contra essa mídia escrota, e o que que acaba com eles? A gente sabe que que é [...]: o celular, né? O celular consegue, as redes sociais aí conseguem destruir essa falsa narrativa aí da mídia, né”.

Tanto em AVAD-01 e AVAD-02 – excertos das falas de Arthur do Val – quanto em NFAD-01 e NFAD-02 – os dizeres recortados a partir de Nikolas Ferreira –, é notável que a própria constituição dos sentidos está voltada ao fato de que os discursos circulam pelo digital. Não se trata apenas da superfície através da qual se veicula a informação – no caso, o YouTube. A forma como os sujeitos do discurso dizem o que dizem, significa e ressoa profundamente com as singularidades do que é falar por meio de uma plataforma. Para além, o ato de dizer o que se diz, do modo como se diz, dentro da lógica de funcionamento do YouTube, está intrinsecamente ligado ao que é a plataforma em sua filosofia, e a como o sujeito que fala através dela é compreendido. O dizer aqui está atravessado pela relação do sujeito do discurso com a materialidade do digital, e isso traz consigo impactos na relação deste sujeito com a ideologia. Como resultado, o processo discursivo em questão finda por se apresentar enquanto algo diferente do que temos visto ao longo do curso da história, mesmo – e talvez especialmente – quando o consideramos em relação às metamorfoses que o avanço tecnológico trouxe ao discurso político. Refletiremos mais sobre isso nos capítulos que se seguem.

Por ora, é fundamental para nosso raciocínio pontuar que o discurso da ordem da tecnologia carrega consigo, através de um processo ideológico bem estabelecido, o sentido cristalizado e transparente de “progresso”, de “evolução”, quase equivalente ao “sucesso”. Ao longo do tempo e cada vez mais o termo “tecnologia” é fagocitado pelo conceito de digital; segundo Dias (2018, p. 39) “somos tomados pela transparência do sentido do digital, como se ele significasse a (única) tecnologia, como se fosse a única na base de seu desenvolvimento avançado”. No entanto, “o fato é que o digital é um sentido específico da tecnologia, afetado, portanto, pelo modo como as tecnologias em sentido analógico significam na história” (idem).

Em um trecho de seu livro de 2018, Dias nos conta que

“Comumente o que vimos é a tecnologia compreendida em sua ‘forma empírica’, ou seja, aquela que já corresponde a uma realidade (ORLANDI, 2008), a digital. Diferentemente da forma empírica, a forma material coloca o sentido em relação com a memória, o sujeito e com as condições de produção, nos possibilitando compreender o processo de produção de sentidos, a significação material do discurso nos dizeres e objetos que compõem o nosso cotidiano. Assim,

os objetos digitais como os *smartphones* não significam apenas por aquilo que eles podem fazer empírica e pragmaticamente, como dispositivo digital, mas pelos discursos que os significam como objetos de inclusão, de *status*, em processos sociais numa sociedade dividida. O discurso da mobilidade, da avançada tecnologia, do acesso à informação, da comunicação, das relações entre sujeitos, mas também o do poder aquisitivo, significam *smartphone* e são por ele significados. Portanto, o sentido da tecnologia é efeito do modo como ela é significada politicamente na constituição dos artefatos do mundo numa relação indissociável com a forma das relações sociais, políticas e econômicas, numa determinada formação social” (DIAS, 2018, p. 39-40).

No entanto, através do processo ideológico de síntese empobrecida que sugere “tecnologia” = “digital” = “progresso”, acionamos uma roupagem “neutralizada” a todos os termos e passamos a enxergá-los fora da história, alheio aos processos políticos que lhes atribuíram espessura, mas principalmente, passamos a negligenciar o fato de que “a tecnologia digital é determinante dos processos de individuação do sujeito cuja forma é capitalista” (DIAS, 2018, 42).

A forma-sujeito capitalista – forma-sujeito predominante na contemporaneidade – é em grande medida delineada pela relação do sujeito com a ordem do digital, pois “perguntar pelo sujeito e pelos processos de subjetivação que o constituem na sociedade significa perguntar pelo funcionamento da linguagem e da ideologia” (DIAS, 2018, p. 50). Tal como nos organizamos socialmente hoje, a linguagem operada através da ideologia é aquela que existe sob os ditames capitalistas; os discursos que nos significam e com os quais nossos próprios discursos se relacionam são aqueles produzidos dentro de uma formação ideológica neoliberal, intrinsecamente atravessada pela materialidade digital.

O Estado, no modelo presente, “funciona muito mais como mero gestor (econômico, social, jurídico, etc.) do que como aquele que promove formas de vida em sociedade” (DIAS, 2018, p. 57). A forma-sujeito contemporânea é assujeitada por uma instituição que já não é mais de Direito, mas sim Econômica. Isso porque o Estado deixa de ser de Direito “não porque o jurídico não tenha mais função, mas porque há um des-arranjo da função do jurídico como mediador da relação do sujeito com a sociedade, na forma da lei” (ibid. p. 54), uma vez que a lei em si ainda não enquadra a profusão de mudanças e possibilidades rendidas pelo digital, e passa a ser Econômico pois “encontra um re-arranjo com as tecnologias digitais, pela coleta e capitalização de enormes quantidades de dados” (idem.), regulando a vida sob o prisma do consumo e do lucro de forma mais aberta do que jamais antes visto, assim como veremos no tópico a seguir.

O cenário acima descrito implica um processo de homogeneização capaz de produzir “um sujeito universal personalizado, para o qual o princípio da não contradição é

sustentado pela produção de pequenos sistemas lógico-digitais universalizantes” (DIAS, 2018, p. 55). Tais “sistemas” são as “unidades imaginárias” que produzem coesão em nossa existência. São eles os responsáveis por fornecer a “ilusão necessária da centralidade do sujeito em relação ao mundo” (ibid., p. 59); eles supostamente não falham, não esquecem, e, envolvidos pela capa ideológica da excelência tecnológica, sugerem ao “usuário” que eles, neutros e apartidários, *só podem* estar corretos.

No processo de administração de nossas relações, memórias, informações de caráter vital, bens materiais, etc., o digital passa a gerir de forma terceirizada desde aspectos básicos de nossa rotina, como o que, quanto e quando comer, até questões balizadoras para nossa existência social, como por exemplo “decisões sócio-afetivas e políticas”, que são “cada vez mais atravessados pelos dizeres em circulação nas redes sociais” e demais plataformas (DIAS, 2018, p. 59).

O padrão de existência retigráfico⁴ (DIAS, 2016) que o ser humano assume ao incorporar mais e mais os sistemas lógicos digitais em seu cotidiano não vem apenas permitindo às máquinas e ao algoritmo – e, por conseguinte, a quem os coordena – influenciar em seu processo de formação de opiniões, como para além disso tem criado a tendência de entregar aos grandes gestores de dados o comando de todas as instâncias da existência humana, sejam elas econômicas, culturais, políticas ou interpessoais. Nas palavras de Dias (2018, p. 60), “poderíamos dizer que o digital se tornou o grande sistema lógico-portátil no qual todos os outros se convertem”.

Vale destacar que, quando pensamos a instância do político sob esta atmosfera, temos um desdobramento curioso: a posição-sujeito político que disside da concepção dominante ao constituir a partir, também, do discurso do digital, passa a assimilar inegociavelmente as plataformas à sua composição mesma – as singularidades que esse desdobramento implicam serão tratadas ao longo de nossa discussão, mas vejamos este conceito em funcionamento abaixo, no discurso de Arthur do Val:

AVAD-01: AVAD-01: Por isso que você que tá aqui nesse canal, **você é demais**, cara. Talvez você nem saiba **o quão diferenciado você é**. [...] Você que tá aqui é **muito diferente, sei lá, de 80% do Brasil**. Você é **diferente de 99% da classe política brasileira**, das lideranças políticas. **Você não se ajoelha**, cara; você não se ajoelha. E **você não merece nada menos do que o que a gente te apresenta**.

⁴ Segundo Cristiane Dias (2016), espaço retigráfico seria o “meio material no qual considera-se a técnica encarnada no mundo, em sua base tecno-histórica, não como transparência, mas como materialidade”. Neste sentido, o conceito advém da “textualização do tecnológico e do espaço urbano”, e é compreendido aqui como a instância que une digital e material dialogicamente na vivência empírica e imediata do sujeito, que incorpora a materialidade digital de forma geográfica e espacialmente pensada.

Neste recorte retirado de um dos vídeos do Val, temos nas marcas do discurso que o interlocutor seria diferenciado por escolher consumir o conteúdo do canal do ex-deputado. Este recorte evoca tanto a memória discursiva neoliberal, que equipara “escolha” à “liberdade”, quanto a lógica de funcionamento do digital, que também assimila a possibilidade de escolha do conteúdo à liberdade e à exaltação da individualidade. Há um caráter superior e autônomo significando aqui, implicando uma distinção a quem escolhe se informar por este meio. O efeito de excelência elegido pela plataforma remonta à independência e a distinção, tal como as paráfrases a seguir ilustram:

Você é diferente por escolher este canal → Este canal é diferente por escolher não se ajoelhar → Não se ajoelhar equivale a ser livre → Ser livre depende da escolha de estar neste canal.

Assim, temos por ora que as mudanças de ordem ideológica e material instigaram transformações dentro da disciplina de Análise do Discurso, incorporando o digital aos estudos e, com isso, descobrindo novos objetos para análise que requerem novas formas de leitura e abordagem. O digital enquanto instância não pode ser resumido à máquina ou ao mundo “*online*”; ele engloba tudo que por ele foi discursivizado, e sua materialidade está justamente na espessura que a história e as disputas políticas produzem nele e através dele. Ademais, o efeito do digital sobre o processo de assujeitamento da sociedade é indiscutível, uma vez que sua incorporação a todos os âmbitos da vida humana gera deslocamentos nas posturas tanto do Estado, ao desarranjar sua forma jurídica e instituir um caráter econômico como sua funcionalidade última, quanto nos indivíduos por ele assujeitados, transformados por sua agência em “sujeitos universais personalizados” aqueles que, através de “sistemas lógicos digitais”, tem sua vida administrada por algoritmos capazes de mediar desde suas relações sociais até suas opiniões políticas, num processo que se dá através da coleta ininterrupta de informações do sujeito pela máquina e seus operadores.

Neste sentido, portanto, abordaremos no tópico a seguir o funcionamento do digital e das plataformas que por meio dele operam, a fim de, ao expor sua opacidade, trazer à luz também as disputas políticas que regem os processos discursivos por eles atravessados.

1.3 Discurso *do* Digital

Em 2016 o economista digital Nick Srnicek publicou o livro *Platform Capitalism*, no qual ele defende que o estágio atual do capitalismo está essencialmente ligado ao funcionamento das plataformas digitais. O autor classifica as plataformas enquanto “infraestruturas que permitem que dois ou mais grupos interajam” (SRNICEK, 2016, p. 30), mas não somente. Como vimos, o digital não é apenas um suporte ou um espaço alheio à realidade. Tomado de forma simplista, ele é contíguo à nossa materialidade; falando em termos de AD, ele é parte intrincada do processo dialógico de individuação do sujeito, do discurso e da ideologia.

Neste sentido, o que tornou as plataformas parte inerente do funcionamento do capitalismo atual são dois fatores: seu modelo de negócios e o ativo que elas geram ao funcionar. Plataformas atuam através de um monopólio de informação e infraestrutura de produção que só uma doutrina neoliberal poderia gerar e, ao fazê-lo, acumulam o ativo mais importante do século XXI: *dados*.

Daniel e Carreon ilustram:

“A globalização e o avanço das tecnologias da informação e da comunicação permitiram soluções mais acessíveis e facilmente reprodutíveis; da estrutura logística do negócio até o gerenciamento de recursos humanos, delegar, automatizar e digitalizar tornaram-se metas. Assim como na vida dos trabalhadores comuns, alugar tornou-se mais rentável – e mais possível – do que comprar. Logo, “enquanto as empresas um dia tiveram que gastar grandes quantias de dinheiro investindo em equipamento de computação e na expertise necessária para suas áreas”, explica Srnicek, “hoje as start-ups florescem porque elas podem simplesmente alugar hardwares e softwares da nuvem” (2016, p. 46)”, (DANIEL; CARREON, no prelo, s/p.).

Nas palavras de Srnicek (2016, p. 50), “habilidades pela tecnologia digital, as plataformas surgem como meios para liderar e controlar indústrias”. No cenário atual, “elas têm proeminência sobre manufatura, logística e design, fornecendo a estrutura básica sobre a qual o resto da indústria opera” (idem.). De acordo com o economista, “longe de serem meras proprietárias da informação”, as mesmas pessoas que hoje gerenciam plataformas amplamente utilizadas por nós “estão se tornando proprietárias das infraestruturas da sociedade” (idem.). Como sintetizado por Daniel e Carreon, “a plataforma passa a ser estruturante das relações sociais e, por consequência, da própria individuação dos sujeitos” (no prelo, s/p).

Em diálogo com Srnicek (2016), Daniel e Carreon explicam que “dados são registros de atividades de usuários provenientes da vigilância – dentro da rede e também fora dela” (no prelo, s/p). Eles funcionam enquanto “meios de tradução e padronização do

comportamento dos sujeitos” e “passaram a ter múltiplas funções dentro do funcionamento do capitalismo”, i.e., “eles educam e dão vantagem competitiva, coordenam e terceirizam trabalhadores, otimizam e flexibilizam processos produtivos” (idem.) – a própria análise dos dados é em si mesma geradora de mais dados. Eles são recolhidos, filtrados e devidamente direcionados para os usuários nas plataformas através de algoritmos que, em última instância, derivam de políticas específicas assumidas por empresas específicas, sob interesses ideológicos e de classe claramente determinados (KALIL, 2020, p. 88-89).

Como trazido na introdução do tópico anterior, “entre o real da língua e da história, há ainda o real da máquina” (DANIEL; CARREON, no prelo, s/p.), e os dados são justamente a forma de *escrituração* – escrita política, histórica – que acrescenta o maquínico à concepção da materialidade. Uma vez que, no digital, se formula a partir das imposições da circulação, a “ferramenta” que viabiliza a circulação está diretamente ligada ao que se diz e ao que se silencia. Em outras palavras, os dados, e, mais especificamente, os algoritmos que os traduzem, estão no cerne do processo discursivo digital.

Pensando nisso, em sua tese de doutorado orientada por Cristiane Dias e Rachele Ruas, Guilherme Ferragut (2018) desenvolveu o conceito de “Formação Algorítmica” (FA), que compreende “tudo o que pode e deve ser digitado, pesquisado, clicado, acessado, compartilhado, falado, ouvido, assistido e/ou lido pelo digital” (p. 121, tradução nossa). Nesta concepção, ao direcionar o estágio da circulação no digital, os algoritmos direcionam também a formulação. O que se diz é, portanto, mediado pelo algoritmo, e o processo de relação entre os discursos passa a ser atravessado por eles. Ainda segundo Ferragutti:

“Ao apresentar determinados resultados nos motores de busca, ou ao circular de certa forma as mensagens postadas em uma rede social, as formações algorítmicas antecipam o mecanismo de antecipação dos sujeitos. [...] Assim, o objeto imaginário é criado, pelo digital, por meio das formações algorítmicas. [...] Em outras palavras, temos aqui um novo objeto imaginário formado a partir de formações algorítmicas, um “ponto de vista do sujeito” criado a partir da travessia pelo digital (FERRAGUT, 2018, p. 125-126, tradução nossa)”.

Isso implica dizer que, enquanto o discurso é organizado no interdiscurso em formações discursivas que comportam uma superestrutura acima e anterior ao dizer, a formação algorítmica atua enquanto uma “interferência” metálica neste processo de enredamento. Através do funcionamento do algoritmo, a projeção oferecida por uma formação imaginária sócio-historicamente adquirida é interceptada por uma formação algorítmica que direciona, através da máquina, tanto o processo de estruturação da formação imaginária, quanto a própria constituição do interdiscurso de uma FD específica.

Assim, de acordo com Daniel e Carreon (no prelo, s/p) temos na formação

algorítmica um “processo antecipatório que, por meio da mineração de dados, regurgita ‘preferências pessoais’ aos usuários em forma de propagandas, conteúdos sugeridos etc.” de tal forma que “a inscrição a certa formação discursiva desse sujeito acaba sendo antecipada”, atravessada, influenciada pela FA em questão. Isso pode ser observado a partir da análise dos recortes que se seguem:



Figura 1: Sugestão de conteúdo do YouTube.

Fonte: MAMÁEFALEI, “Oooooo Dona Lourdes/Vakinha Pro Goleiro B”, 18 ago. 2022.
Disponível em: <youtube.com/watch?v=mAcFEUmbzpc>. Acesso em: 7 nov. 2023.



Figura 2: Vídeo sugerido pelo YouTube

Fonte: SPOTNIKS, “Nenhuma mulher precisa do feminismo. Mude a Minha Opinião.”, 3 fev. 2022.
Disponível em: <youtube.com/watch?v=BEuALS21sHk&ab_channel=Spotniks>. Acesso em: 7 nov. 2023.

A pauta feminista no Brasil é historicamente de esquerda; discursos sobre liberdade sexual, saúde reprodutiva progressista e aborto, por exemplo, compõe o discurso político da esquerda brasileira. O conteúdo sugerido pelo algoritmo durante o vídeo de Arthur do Val, por sua vez, oferece ao leitor um discurso *anti-feminista*, cuja argumentação é toda baseada no moralismo cristão, e trabalha com a mobilização da memória discursiva a fim de constranger àqueles que estão do outro lado do debate. Pietra Bertolazzi, que segundo descrição de seu canal possui “conteúdo conservador de qualidade, anti-feminista e anti-lacração”, vai às ruas com o canal Spotnicks “tentar” ser convencida por outras mulheres de que feminismo pudesse lhe ser útil, embora em nenhum momento se demonstre disposta a de fato ouvir. Logo na thumbnail, vemos que a palavra “libertinagem” atribui sentidos negativos e humilhantes ao discurso oposto. Assim, temos o próprio algoritmo reforçando um discurso ultraconservador e moralista sem que, necessariamente, Arthur tenha de dizer qualquer coisa neste sentido, neste vídeo em específico. A construção da imagem de Arthur, sua unidade narrativa – tal como veremos mais adiante – torna-se composta, também, por esse discurso *transversal*, que dá coerência e lineariza os dizeres no interdiscurso de uma formação discursiva (LÉON; PÊCHEUX, 2011), porém, aqui, mobilizado e sobreposto pelo algoritmo.

Posto isso, tendemos a concordar com a noção de Cristiane Dias (2018) de “sujeito de dados”. Para ela, “o dado está na base do digital e dos processos de individuação dos sujeitos”, sendo ele o pilar “dos procedimentos discursivos e dos dispositivos de poder que determinam o mundo e os processos de identificação” (2018, p. 23). Isso porque, como vimos, é através dos dados que o sujeito lê e também se inscreve no digital; são os dados, através dos algoritmos, que condicionam e delimitam a circulação e a formulação do discurso, bem como a própria significação de si.

Estamos de frente, portanto, com uma forma-sujeito que caracteriza-se por estar “centrada sobre o princípio tecnológico de uma sociedade digital, na qual sujeito e sentidos se constituem em seu cotidiano por meio de uma capitalização constante dos dados que ele fornece ao utilizar dispositivos e sistemas digitais” (DIAS, 2018, p. 168). Para Dias, são justamente estes sistemas que determinam o processo de individuação dos sujeitos por um Estado econômico-tecnológico (idem.), este Estado, porém, só pode funcionar como tal numa conjuntura política e social muito específica, a saber, o neoliberalismo, doutrina propulsora das condições de produção de nosso material de análise, como veremos no próximo capítulo.

Por ora, vimos que o estágio atual do capitalismo se caracteriza por uma dependência das plataformas digitais, empreendimentos que, para além de oferecerem meios de conectar indivíduos entre si e com empresas diversas, monopolizam informação e a própria

infraestrutura social através da oferta centralizada de serviços digitais, geradores de dados. Dados, por sua vez, são registros sobre acontecimentos, e quando utilizados em favor do capital, tornam-se ativos importantíssimos para a competitividade mercadológica e para os processos de vigilância. Os dados, porém, são lidos e traduzidos por algoritmos, mecanismos de leitura que assim como seu combustível têm um lastro muito firme na materialidade, i.e., são modelados por sujeitos submetidos a ideologias específicas e trabalhando em função de interesses de classe definidos. Os algoritmos controlam a circulação de informação no digital, e ao fazê-lo, também submetem aos seus parâmetros a formulação. Em resumo, algoritmos delimitam o que pode e deve ser dito no digital, compondo o que Guilherme Ferragutti (2018) propôs chamar de formação algorítmica, capazes de antecipar o próprio mecanismo de antecipação imaginária do sujeito, e assim deliberadamente direcionar as possibilidades de identificação do sujeito com determinados discursos.

CAPÍTULO 2

Entre o Digital e o Neoliberal:

ultraliberalização, ultraconservadorismo, direita brasileira e *youtubers* políticos

2.1 Neoliberalismo

Nascido no ocaso dos anos 1930 como uma contraproposta às medidas de bem-estar social adotadas após a crise de 1929 nos Estados Unidos, o neoliberalismo é atualmente o modelo econômico vigente na maior parte do planeta Terra. Associada a pensadores de destaque da Escola Austríaca e, mais tarde, da Escola de Chicago, tais como Ludwig von Mises, Friedrich Hayek e Milton Friedman, a doutrina demorou cerca de quatro décadas para de fato ser implementada, tendo como primeira experiência o Chile ditatorial dos anos 1970 – e isso não é um acaso.

Mesmo sendo herdeiros do liberalismo econômico clássico, os neoliberais tomaram rotas consideravelmente diferentes em diversos aspectos da teoria política que norteou seus antecessores. Os dois modelos de pensamento confluem no que tange à noção de liberdade de mercado, a partir da qual desenvolvem todo o restante de suas teorias; no entanto, as abordagens a respeito das “questões morais” e das formas de sofrimento são no mínimo díspares. Ainda assim, é consenso entre elas a noção de que a entidade incorpórea que convém ser chamada de “mercado”, além de ser autorregulável e asséptica à interferências políticas num cenário ideal e fictício, se coloca enquanto elemento essencial para o exercício do caráter humano do indivíduo. Isso porque, no pensamento de ambas, mas com grande destaque na teoria neoliberal, a liberdade do sujeito está atrelada por completo à liberdade de comércio e de consumo (DARDOT; LAVAL, 2016. FISHER, 2020. SAFATLE, et al., 2021).

Ao tratar do conceito sob o prisma neoliberal, Silva e outros filósofos do Laboratório de Pesquisas em Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da USP, afirmam que, por um lado, Hayek “reduz a noção de liberdade a um campo exclusivamente individualista e econômico e, por outro, alça-a à categoria de princípio máximo a ser defendido” (SILVA; et al., 2021, p. 83). Para além, “qualquer movimento contrário a realização de tal liberdade individual” é visto “como uma coerção, necessariamente nefasta à regulação social, sinônimo aqui de regulação econômica”(idem.), justamente porque estamos colocando liberdade social e liberdade econômica enquanto conceitos equivalentes e interdependentes.

Segundo a ideologia neoliberal, regulações econômicas/sociais tendem a desembocar em experiências autoritárias, uma vez que, nesta corrente filosófica e política, a

civilização como a conhecemos é interpretada enquanto resultado de experiências de tentativa e erro completamente espontâneas, sob um caráter darwiniano onde “diferentes hábitos determinam os sobreviventes e os inadaptados, tanto no campo individual como no institucional” (SILVA; et al., 2021, p. 85). Nesta linha de raciocínio, portanto, interferências sociais coletivamente articuladas que visem beneficiar um conjunto de pessoas estão fadadas ao despotismo.

Há que se fazer um adendo nesta altura para esclarecer que a doutrina neoliberal não rechaça o autoritarismo de fato – antes pelo contrário. Como defendido pelo economista Friedrich Hayek, muitas vezes a “liberdade” tal como concebida dentro deste modelo econômico carece de uma ditadura provisória, já que, em suas palavras, “é possível para um ditador governar de forma liberal. E é possível que uma democracia governe com uma total falta de liberalismo”. Para ele, é preferível “um ditador liberal a um governo democrático sem liberalismo”⁵.

Segundo Ludwig von Mises (2010, p. 23), a economia subjetivista moderna converteu a teoria de preços de mercado numa teoria geral da escolha humana. Ou, em outras palavras, “a decisão de comprar e vender seria o elemento fundamental da ação humana” (FRANCO, et al., 2021, p. 59); a essência de um sujeito existente, pensante e livre seria, portanto, a *escolha*. Assim, neste trem de raciocínio, o que quer que se coloque entre o homem e sua possibilidade de escolher é um impositor coercivo, contrário à liberdade econômica – contrário à condição humana em si.

Mises acreditava que “todo indivíduo, por estar vivo, não está plenamente satisfeito, e sempre age para buscar maior conforto”, logo, “a busca desse conforto é a busca pela felicidade” e “quanto mais se satisfaz, mais o indivíduo se torna feliz” (MISES, 2010, apud. FRANCO, et al., 2021, p. 62-63). “Toda ação exprimiria”, portanto, “a vontade do indivíduo e a forma como ele busca diminuir seu desconforto” (idem.). Desta forma, a busca pela felicidade “funde-se com a ideia mercadológica de demanda, de modo que os afetos humanos passam a ser reduzidos a motivações para investir, comprar e vender” (idem.). Nas palavras do próprio teórico, “realizar um lucro é invariavelmente o objetivo de toda ação [humana]” (MISES, 2010, p. 349).

Esta máxima, no entanto, mostra-se essencialmente contraditória, pois, como

⁵ ADRIÁN, R. **Extracts from an Interview with Friedrich von Hayek on El Mercurio, 1981**. Punto de Vista Económico, 21 dez. 2016. Disponível em: <puntodevistaeconomico.com/2016/12/21/extracts-from-an-interview-with-friedrich-von-hayek-el-mercurio-chile-1981/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

trazido por Laval e Dardot, a liberdade de escolha sob a economia neoliberal significa manter-se obediente “a uma conduta de maximização em um quadro legal, institucional, regulamentar [...] que deve precisamente ser construído para que o indivíduo escolha ‘com toda liberdade’ o que ele deve obrigatoriamente escolher no seu próprio interesse” (2016, p. 300). Ou seja, o neoliberalismo vende a ilusão da liberdade de escolha, quando, na verdade, existe uma obrigatoriedade à submissão ao mercado que, somada ao esfacelamento de direitos básicos, muitas vezes orienta o sujeito a escolher entre morrer de fome ou morrer de tanto trabalhar⁶.

Em fragmentos de nosso material de análise, podemos ver o comportamento dessa ideologia cristalizado no discurso. No excerto AVAD-09, Arthur do Val diz:

AVAD-09: “Hoje é diferente, cara [de quando era quando se instituiu a CLT e, eu cito, “a maioria dos trabalhadores era analfabeta e incapaz de defender seus direitos”]. Hoje um prestador de serviço de TI muitas vezes ele tem que trabalhar domingo às três horas da manhã, e segunda-feira meio-dia ele não tem que trabalhar”.

“Diferente”, aqui, evoca o sentido de “melhor”. É “melhor” trabalhar no domingo às três da manhã do que na segunda-feira ao meio-dia. Porém, o que o “diferente” cala, o que fica silenciado nesta “mudança” ou “melhoria” é justamente a precarização do trabalho sem vínculo empregatício e sem regulamentação. Esse silenciamento vem reforçado por uma normalização diluída destas questões em nosso cotidiano. Arthur fala enquanto um político *youtuber* que é, antes de tudo, produtor de conteúdo; ele fala através de uma rede que, antes de ser uma plataforma de entretenimento, é o ganha-pão de muitos indivíduos. A rede, a conexão, a internet em si e seus interpelamentos com o mundo do trabalho corroboram na invisibilização da virulência imposta pelos regimes de exploração neoliberal, em especial aos trabalhadores de países subdesenvolvidos e em desenvolvimento.

Para além, como sabemos desde Lenin (2017), o Estado é um aparelho de violência de classes; neste sentido, “para que a liberdade como empreendedorismo e livre-iniciativa pudesse reinar, o Estado deveria intervir para despolitizar a sociedade, única maneira de impedir que a política interviesse na autonomia necessária de ação da economia” (SAFATLE, 2021, p. 24-25). Em outras palavras, sob o neoliberalismo, o Estado só deve ser

⁶ ANTUNES, R. "Trabalho precário, intermitente, é a antessala do desemprego" [Entrevista concedida a] HERMANSON, M. Brasil de Fato, São Paulo, 29 abr. 2019. Disponível em: <brasildefato.com.br/2019/04/29/trabalho-precario-intermitente-e-a-antessala-do-desemprego-diz-ricardo-antunes>. Acesso em: 7 nov. 2023.

C.f.: ANTUNES, R. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

mínimo quando se trata de subsidiar a existência digna da classe trabalhadora, de outro modo, ele deve intervir diretamente no desmantelamento da vida política coletiva e trabalhar de forma ativa para oferecer vantagem de avanço predatório ao mercado sobre os direitos dos cidadãos⁷.

De acordo com Safatle, sob a convivência e através da atuação do Estado, o “mercado” pôde “encontrar o melhor aproveitamento do sofrimento no trabalho, extraindo o máximo de cansaço com o mínimo de risco jurídico, o máximo de engajamento no projeto com o mínimo de fidelização recíproca da empresa” (et al., 2021, p. 10-11), aumentando como nunca antes os níveis de lucro dos mais ricos, mesmo em tempos de crise econômica^{8 9}.

Vemos, portanto, que o sofrimento, a agonia e a frustração já não são mais motivos de receio para a classe burguesa quando esta se dispõe a recrudescer seus métodos de espoliação e exploração da classe trabalhadora. Segundo o próprio Hayek, a felicidade e a seguridade não estão implícitas na liberdade que o neoliberalismo oferece (1983; 2010, apud SILVA; et al., 2021, p. 84-88); ao contrário, “carência e dor são ótimos motivos para agir” (FRANCO, et al., 2021, p. 54). Neste trem de raciocínio, a insegurança é um elemento fundamental para a conquista da liberdade, *status* que implica um esforço permanente de hierarquização mundo – uma vez que, nesta lógica, tudo que é apreensível na realidade está sob a égide da dicotomia lucro-perda. Para Hayek, o risco é o que determina o grau de merecimento do sucesso, a despeito de qualquer forma de conhecimento formal, pois este coloca à prova as habilidades de adaptação ao ambiente, de evolução e aperfeiçoamento (idem.).

Estender os valores de mercado a tudo e a todos é o *modus operandi* da doutrina neoliberal e sua expressão máxima seria o conceito de “capital humano”, que implica uma visão de si “marcada pela exigência de autovalorização constante, medida pela lógica da mercadoria” (FRANCO, et al., 2021, p. 48). Através de uma compreensão deliberadamente ilusória da realidade, “os indivíduos são alçados a agentes autônomos, capazes de agir livremente para satisfazer seus interesses” (idem.). Assim, com “cada um convertido em ‘capital’, os sujeitos passam a se compreender como empresas submetidas à insegurança

⁷ DARI KREIN, J. "Reforma' trabalhista: a história de uma falsa promessa e as mudanças da 'destruição sem fim'" [Entrevista concedida a] NUZZI, V. Rede Brasil Atual, São Paulo, 23 set. 2019. Disponível em: <redebrazilatual.com.br/trabalho/reforma-trabalhista-a-historia-de-uma-falsa-promessa-e-as-mudancas-da-destruicao-sem-fim/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

⁸ MISHEL, L.; KANDRA, J. "CEO pay has skyrocketed 1322% since 1978". Washington, DC: Economic Policy Institute. Disponível em: <epi.org/publication/ceo-pay-in-2020/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

⁹ **Power, Profits and the Pandemic:** From corporate extraction for the few to an economy that works for all. Oxford: OXFAMGB, 2020. Disponível em: <oxfam.org.br/justica-social-e-economica/poder-lucros-e-pandemia/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

típica da dinâmica de mercado”, assumindo uma postura compulsiva de comparação e hierarquização constante de coisas e pessoas, num processo de reificação de si e do mundo a sua volta (idem.). Como resumido por Dardot e Laval (2016, p. 412) “todas as atividades devem se comparar a uma produção, a um investimento, a um cálculo de custo. A economia se torna”, assim, “uma disciplina pessoal”.

De acordo com a doutora em comunicação Gabriela Raulino, até mesmo o tempo que passamos nas redes sociais foi transformado em gerador de capital, em modo de expropriação de valor gerado. Nas palavras da autora, este é um cenário onde “a audiência desempenha um trabalho produtivo que resulta no que vem sendo denominado ‘mais-valia 2.0’” (2022, p. 172). Há, nas plataformas, a apropriação sistemática de “trabalho não-pago” por meio do “agenciamento social via meios eletrônicos de comunicação, incorporando pessoas que estariam aparentemente se divertindo ou cuidando de suas atividades profissionais” (idem.).

Trata-se, portanto, da difusão de um “design psicológico” específico, ou ainda, de uma “engenharia social” enquanto política de Estado (SAFATLE, 2021, p. 30). Nas palavras da própria Margareth Thatcher, “economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma”¹⁰. Para além de uma episteme que funciona enquanto “matriz de produção de discursos e atravessa diferentes dimensões da cultura” (SILVA, et al., 2021, p. 77), o neoliberalismo gesta ainda relações de poder específicas, aplicadas por instituições, que, a despeito de sua premissa aversa ao político, incorporam justamente este aspecto das relações sociais. “Nesse campo, o neoliberalismo atribui ao Estado um papel diferencial em relação ao liberalismo”, explica Silva e seus companheiros (idem). Aqui vemos “não mais o Estado mínimo”, mas sim “um Estado forte o suficiente para garantir apoio jurídico e policial à gestão social como setor lucrativo” (idem).

Nesta mesma toada, torna-se função do Estado também a imposição de um caráter moral à psicologia coletiva e à economia como um todo, oferecendo ao mesmo tempo uma “justificativa” para seus desígnios e ainda outra camada de postura disciplinadora. Como resultado, temos os contornos conservadores que destacam a doutrina tal como ela se apresenta hoje. É sabido que ao fim da Segunda Guerra, um modelo econômico completamente antagônico ao capitalismo se consolidava enquanto modo de vida e elegia a União Soviética enquanto uma potência planetária. Os países que mantiveram as regras do jogo do mercado precisaram ceder, ao menos um pouco, tanto à pressão política que as

¹⁰ THATCHER, Margaret. **Entrevista para o Sunday Times**. 3 fev. 1981. Disponível em: <margareththatcher.org/document/104475>. Acesso em: 7 nov. 2023.

conquistas de direitos humanos e trabalhistas do bloco do leste impunham, quanto à realidade material de suas populações famélicas, desempregadas e traumatizadas, recém-saídas do pior conflito bélico que o mundo já vira.

Nas décadas seguintes, com o surgimento de políticas de bem-estar social e conquistas sociais importantes, os sujeitos agora podiam ocupar-se de outras coisas que não a incerteza da própria sobrevivência. Emergem então pautas que questionavam costumes e a própria compreensão do que é ser humano. Desejos e direitos agitavam o cenário social; era a aurora de movimentos feministas nas grandes metrópoles e o acirramento com grandes vitórias da luta da população negra por cidadania e dignidade.

A mudança no estatuto de “humanidade” de parcelas marginalizadas da sociedade gerou desconforto em públicos que estavam acostumados a gozar das benéncias da “civilização” de forma isolada. A crise do petróleo da década de 1970 inicia mais uma das crises cíclicas do capital, e as políticas de *welfare* entram numa espiral em derrocada quando o Estado precisa decidir entre salvar as empresas ou o povo. Os neoliberais ganham espaço para guiar a economia, mas a ressurreição dos lucros internos dependem da crucificação do bem-estar do povo, e assim urge a necessidade de controlar o comportamento político para que o caráter profano de sua doutrina pudesse de fato ser implementado.

A Sociedade Mont Pèlerin, primeiro *think tank* criado para difundir as ideias neoliberais em 1947, reforçava em seus textos a ideia de que “o crescimento de uma visão da história que nega todo padrão moral absoluto” estaria colocando em crise não apenas a economia, mas principalmente “os valores centrais da civilização” (SAFATLE, 2021, p. 20). Nas palavras de Safatle, essa dupla articulação é extremamente significativa pois nos faz concluir que “a recusa ao primado da propriedade privada e da competitividade não seria apenas um equívoco econômico, mas principalmente uma falta moral” (idem).

O condicionamento da moral e o conservadorismo exacerbado aqui funcionam enquanto dispositivo de frenagem de qualquer movimento progressista que tente se contrapor a um regime de pauperização da classe trabalhadora em função do enriquecimento de uma classe emergente de rentistas e especuladores. A desigualdade seria, pois, neste cenário, algo natural – nem mesmo Jesus teria sido contra, tal como coloca Nikolas Ferreira em um dos nossos recortes:

NFAD-06: “Na verdade Jesus não veio aqui pra acabar com a pobreza, Jesus não veio aqui pra poder acabar com a desigualdade, ele veio aqui pagar um preço que você não poderia pagar, ponto final”.

O “preço” alegórico, irreferenciável, não-material a que se refere Nikolas, colabora para uma interpretação a-política de toda a existência humana no discurso cristão, e assim como as crises do capital, a miséria passa a ser naturalizada.

Em alguns excertos de análise, em especial através do discurso de Arthur do Val, vemos como o discurso neoliberal se evidencia através de silenciamentos específicos. Quando Arthur diz, em AVAD-15, que “as pessoas às vezes **não querem** a liberdade, porque com a liberdade vem a **responsabilidade das suas escolhas**”, ele está silenciando que a liberdade no regime capitalista exige a premissa do dinheiro. Logo, “responsabilidade das suas escolhas” carrega em si a necessidade de lidar com escolhas que não foram tomadas em circunstâncias justamente asseguradas.

AVAD-16: “[Lula] fala o seguinte, ele fala muito bem, **trocar a palavra “governar” pela palavra “cuidar”. Que isso pra mim é o símbolo da derrota do brasileiro.** Ele está basicamente dizendo pra mim e pra você assim: **‘vota em mim porque você é um merda, entendeu? E você precisa de alguém pra cuidar de você.** E eu sou político, eu sou o legalzão que vai cuidar da sua vida’. Que- que isso, velho? Que isso, cara? **Eu não quero ser cuidado por um presidente! Tá? E muitas vezes as pessoas fazem essa opção, de se eximir das próprias responsabilidades,** das próprias escolhas [...]”.

Liberdade requer responsabilidade, e aqueles que dependem de outrem – seja um político ou o próprio Estado – além de irresponsáveis, são *indignos* de serem livres, não *merecem* a liberdade. Dependendo do Estado equivale então à perda, uma vez que o discurso neoliberal associa redistribuição de renda a roubo e, neste sentido, quem as endossa tais políticas está se aproveitando do crime em detrimento daqueles que estão sendo lesados por ele. Ser cuidado é ser dependente de políticas públicas; renegar este cuidado é renegar o papel do Estado, é reiterar um regime pautado na exploração e expropriação do homem pelo homem, sem nenhum tipo de amparo.

Para além, “ser cuidado” implica aqui uma situação de humilhação quando a memória discursiva traz à tona, em primeiro plano, o discurso machista e fascista. Neles, o cuidado não é visto como uma necessidade humana de acolhimento e sociabilidade, mas como uma *deficiência*, como uma *fraqueza*. Sob o discurso neoliberal, ser cuidado *tira* sua liberdade, pois fere sua autossuficiência e desloca o centro de importância da existência única, individual, para um processo de vida compartilhado, coletivo. No neoliberalismo essencialmente ultraliberal e ultraconservador, a autonomia pautada no isolamento é um elemento imprescindível para a liberdade, uma vez que precisar de outra pessoa fere a possibilidade de dedicação integral do sujeito ao *ego*, ao *self*, ao capital humano que exige ser constantemente aprimorado, valorizado, nunca simplesmente “cuidado”.

O discurso moral passa, portanto, a ser cuidadosamente alinhado ao discurso econômico, para fazer com que a “austeridade” mude do campo comportamental para o campo político. Tal como trazido por Safatle (2021), o termo “austeridade” é importado para a economia a partir da filosofia, sem necessariamente trazer consigo a elaboração de uma teoria econômica na qual possa se apoiar ou com a qual possa comprovar sua eficácia. Antes pelo contrário, trata-se de uma “resposta padrão para a questão: o que fazemos quando o mercado falhar?” (p. 17-18). De acordo com o teórico, com o advento do neoliberalismo enquanto doutrina dominante, “ser contra a austeridade [torna-se], inicialmente, uma falta moral, um desrespeito ao trabalho de terceiros, além de uma incapacidade infantil de retenção e poupança” (idem.).

Segundo o Oxford Languages Dictionary, diz-se de austero algo “de caráter severo, o qual se reflete na rigidez das opiniões, dos hábitos, no rigor consigo mesmo e com os outros”, é “caracterizado pela formalidade e seriedade” e “exige penosos esforços do indivíduo”. Desse modo, “criticar a austeridade é assim colocar-se fora da possibilidade de ser reconhecido como sujeito moral autônomo e responsável” (SAFATLE, 2021, p. 18).

O discurso da austeridade, sempre muito bem acompanhado de discussões a respeito das restrições e sacrifícios pessoais, que se somam e se espelham em falas que comparam a economia de um país à economia doméstica, tem uma dupla função. Além de oferecer uma saída facilmente assimilável pelos cidadãos a um mecanismo *nonsense* de combate às crises que no fim acaba por intensificá-las, ainda estrutura uma armadilha psicológica para o sujeito enquanto ser político. Psicanaliticamente falando, o Estado aqui passa a representar uma “figura paterna” onde os sujeitos “buscam proteção”, numa recusa constante e irresponsável de assumir as rédeas de sua vida adulta frente a uma “sociedade de riscos” (SAFATLE, 2021, p. 18). Em resumo,

“Autonomia da economia, sua posição de discurso de poder ilimitada na definição das orientações de gestão social, caminha juntamente com a legitimação cada vez mais clara de suas injunções como uma psicologia moral, ou seja, como um discurso no qual se articulam injunções morais e pressuposições a respeito de desenvolvimento e maturação. O que nos leva a afirmar que o império da economia é solidário da transformação do campo social em um campo indexado por algo que poderíamos chamar de "economia moral", com consequências maiores não exatamente para os modos de produção e circulação de riqueza, mas para eliminação violenta da esfera do político enquanto o espaço efetivo de deliberação e decisão, com a redução da crítica à condução de Patologia”, (SAFATLE, 2021, p. 20).

A transformação da economia numa economia moral conservadora passa principalmente pela psicologização da compreensão política por intermédio de uma redução familiarizante, termo este que não diz respeito a “tornar íntimo” o funcionamento do fazer-político, mas traduz a redução de tais processos e de seus agentes à arquétipos existentes na dinâmica de dominação social exercida pela estrutura familiar histórica e contemporânea.

Nas palavras de Safatle, “o familiarismo em política pressupõe a fantasia social da família como núcleo de relações hierárquicas naturalizadas, não problemáticas, de autoridade baseada no amor e na devoção” (2021, p. 22). Esses núcleos são, na verdade, lugares sociais onde autoridade e submissão são dadas como naturais. Logo, essa “sobreposição das relações econômicas sociais complexas à lógica de uma ‘casa’, não visa apenas a produção ideológica de ilusões de naturalidade dos modos de circulação e produção de riquezas”, mas também, e principalmente, ela busca “a sobreposição fantasmagórica entre o corpo social e o corpo do pai, da mãe e dos irmãos”, que culmina na produção de uma “docilidade em relação à autoridade, na perpetuação de um sentimento de dependência”, na naturalização da submissão de gênero, entre outras neuroses (ibid., p. 22-23). Desta forma, temos que, sob o regime neoliberal, a família deixa de ser um “uma rede de proteção” para tornar-se “um reservatório de disciplina e uma estrutura de autoridade” (BROWN, 2023, p. 114).

Como sustenta a cientista política Wendy Brown, a familiarização da política está diretamente relacionada à cristianização de seu discurso (2023), principalmente depois da virada do século XIX para o século XX, com o surgimento da categoria “neoconservadora”, que encarna na contemporaneidade o ultraconservadorismo. De acordo com o jurista Silvio Almeida (2018), esta faceta atualizada do ultraconservadorismo “estrutura-se como reação ao *Welfare State* [Estado do bem-estar social], à contracultura e à nova esquerda, fenômenos atrelados ao pós-Segunda Guerra Mundial e ao advento do regime de acumulação fordista” (p. 27). Nesta lógica que ajuda a estruturar os contornos do neoliberalismo, “a crise econômica” advém, em última instância, de “uma crise moral, ocasionada pelo abandono dos valores tradicionais que governam a sociedade desde os primórdios da civilização, feito em nome de um igualitarismo artificialmente criado pela intervenção estatal” (idem.), e isso está muito bem ilustrado em nosso material de análise, a partir de falas como as de Nikolas Ferreira,

NFAD-13: “Quem dera se o Lula tivesse só roubado, né? Na verdade o que ele roubou mesmo e ele- e ele destruiu foi a nossa moral, nossos princípios, nossos costumes. Universidades formando não estudantes, mas ativistas. É, cada vez mais ideologia de gênero, ativismo LGBT, legalização das drogas, agenda em prol do aborto, né, matar criança no ventre, e realmente a grande- nossa preocupação aí contra o Lula”.

E de Arthur do Val:

AVAD-14: E olha só: **os deputados que estão no congresso**, eles vêm de onde? Eles saem de onde? Eles saem de Marte? De Saturno? Saem da Lua? Não, **eles saem do nosso país. Eles são reflexos da nossa sociedade. E será que a nossa sociedade está pior? Porque assim, o congresso a cada vez que passa você vê que tá cada vez pior. Será que isso não é de fato um reflexo da nossa sociedade?**

Wendy Brown (2023) relata que o próprio Friedrich Hayek pregava que, assim como as regras do mercado, as tradições não foram projetadas ou forçadas sobre o coletivo, mas são, sim, resultados de uma “evolução” dos modos de atuação livre e individual que sobreviveu às mudanças históricas por serem simplesmente “boas”¹¹ (p. 123). Para este que é um dos fundadores da doutrina neoliberal, a tradição, inclusive, sempre fora produzida e transmitida através da religião, e, ainda segundo suas elucubrações, o que muitas pessoas querem dizer quando falam de Deus é justamente a personificação da moral e dos valores que mantém vivos a elas e suas comunidades (idem).

Na lógica dos ultraconservadores contemporâneos, a tradição passa a ser algo sagrado, divino e passível de ditar os rumos da sociedade jurídica e legislativamente. “Deus”, por óbvio, corresponde ao deus cristão, e os costumes sacralizados são aqueles de base ocidental e branca, norteados e desenvolvidos dialogicamente na forma do cristianismo liberal e conservador, reacionário o bastante para atualizar a inquisição num modelo social que proíbe a queima de mulheres vivas e em praça pública, mas ainda lhes nega o controle de seus próprios corpos¹².

Da articulação entre um neoconservadorismo cristão – fruto de um levante contra os avanços progressistas que desestabilizam as categorias sagradas de “tradição” e a “moral” –, e o neoliberalismo econômico – que precisa de uma série de códigos comportamentais para refrear o contra-ataque político às suas medidas de extermínio –, nasce a doutrina socioeconômica a que hoje estamos submetidos. Através de uma aliança duplamente retrógrada, busca-se “um entrave aos excessos Democráticos e ao colapso de autoridade que [tanto os neoliberais quanto os neoconservadores] acreditavam ser incitados pelas provisões do Estado social” (BROWN, 2023, p. 114). Antes pelo contrário, o que o Estado sob o neoliberalismo instiga é um sistema de governo devidamente aparelhado para fechar

¹¹ Hayek afirma isso ignorando a materialidade da realidade, uma vez que o capitalismo tomou forma a partir da violência, tanto em seu berço, na Inglaterra, a princípio com a lei de cercamentos de terra, quanto da Europa para fora, com os processos de colonização. A “evolução” do “mercado” e a sobrevivência dos “costumes” se deram mais pelo morticínio e pelo espólio generalizados do que por reservarem qualquer caráter superior àqueles que deles diferem.

¹² Cf.: FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpos e Acumulação Primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

discussões onde elas são necessárias e questionar platitudes sobre as quais se assenta uma existência digna. Isso implica dizer que “o livre exercício religioso e a livre expressão operam conjuntamente” numa versão conservadora e distorcida destes conceitos (ibid., p. 153). “Pareados, eles têm sido mobilizados para contestar o significado dos poderes sociais nas democracias e para reforçar a moralidade tradicional contra mandatos de igualdade [...]”, assegura Brown (2023, p. 153).

Nesta lógica “econômica-moral”, seria apenas natural que, “se os indivíduos pudessem voltar a depender da família para tudo [...] eles também seriam submetidos à autoridade, moralidade e disciplina econômica da família”, aceitando, assim, as regras do jogo do mercado e submetendo-se sem questionamentos aos desmandos de um Estado cada vez mais aparelhado por oligopólios (BROWN, 2023, p. 153).

Temos, portanto, que as mudanças “nas operações de linguagem, tais como narrativização, nomeação, metaforização ou alegorização” nas posturas institucionais e nos processos sociabilizantes “possuem força de determinação da vida psíquica em sua integridade” (SAFATLE, et al., 2021, p. 13). Assim sendo, elas figuram como parte essencial na construção de uma nova forma-sujeito que, sob o neoliberalismo, acaba por ser deliberadamente despida de uma gramática política capaz de significar o conflito inerente de classes e a possibilidade de mudanças por meio da organização coletiva. Com efeito, estamos diante de um regime econômico que neutraliza o caráter agente do ser humano e de formas-sujeito históricas levadas “a não se verem mais como portadores e mobilizadores de conflitos estruturais, mas como operadores de performance [e] otimizadores de marcadores não problematizado” (SAFATLE, 2021, p. 25).

Vale ressaltar que esse processo é diluído e associado pelo corpo social a partir da promoção de “uma visão de mundo comprometida”, que, funcionando pela ideologia, “consegue não se mostrar tal como é” (GUILBERT, 2020, p. 38), e o faz em grande medida através dos grandes meios de comunicação e das próprias redes sociais, atravessadas e constituídas pelo discurso da empresariabilidade¹³. Em outras palavras, o discurso neoliberal

¹³ Em texto de 2023, Adorno e Nogueira discorrem sobre como, no estágio atual do capitalismo, “o ‘eu’ é discursivizado em produto”, e como “o autoempreendedorismo” torna-se “um modelo de identificação”. Eles pautam a discussão a partir das considerações de Bombardelli (2019), que trabalha com a “compreensão do funcionamento do discurso capitalista em relação ao deslocamento ‘emprego/trabalho’ para ‘empresa’, de maneira que há um movimento em que se passa do sujeito da empregabilidade para o sujeito da empresariabilidade”. Citando diretamente o autor, os linguistas trazem a noção de que “o sujeito trabalhador, agora deslocado para sujeito empresário, é aquele que encarna a memória do empreendedorismo, nas condições econômicas do neoliberalismo, que se submete às regras da empresariabilidade”. Assim, “na concepção neoliberal, a empresariabilidade pode fazer do indivíduo um empresário de si mesmo e, simultaneamente, explorador/explorado por meio de seu próprio desempenho”. BOMARDELLI, 2019, p. 85, apud. ADORNO; NOGUEIRA, 2023, p. 319.

“não aparece nos meios de comunicação como um discurso, mas como falas esparsas provenientes do senso comum ou de leis econômicas estabelecidas e indiscutíveis” (idem.). Tal como sintetizado pelo cientista social Thierry Guilbert (2020) e ilustrado pelos recortes produzidos por nossos objetivos de pesquisa, em nosso cotidiano, o neoliberalismo enquanto doutrina e engenharia social tornou-se simplesmente uma “evidência” (p. 38).

Em suma, vimos neste tópico que o neoliberalismo é uma doutrina econômica, social e política, que equipara a liberdade social à liberdade de mercado, estipulando o lucro como sentido último da existência humana. O Estado aqui é instrumentalizado para flexibilizar a atuação de grandes detentores de capital, enquanto pauperiza a classe trabalhadora por meio de retirada de direitos e aumento da violência Estatal. Por outro lado, a implementação de um léxico mercadológico nos campos econômicos, educacionais, sociais através dos meios de comunicação de massa e em espaços de trabalho e recreação, submete o indivíduo a um processo de subjetivação completamente pautado pela dicotomia lucro-prejuízo. Isso somado a um processo de precarização de todos os aspectos da vida força cidadãos a viverem sob uma lógica de violência e competitividade constante. Como forma adicional de dominação, o neoliberalismo fagocita o neoconservadorismo cristão, e através de conceitos rígidos e específicos de “moral” e “tradição”, somados a uma gradativa familiarização do campo político, são implementadas medidas de controle social e de docilidade coercitiva ao cidadão.

2.2 A(s) direita(s) brasileira(s)

É fato que até os anos 2000, identificar-se à direita do espectro político no Brasil carregava consigo um mal-estar causado pelas sombras do regime de exceção empresarial-militar. No entanto, fosse como fosse, “a direita nunca esteve ausente da política brasileira” (MIGUEL, 2018, p. 13). A grande diferença do momento atual para o cenário do início do século é o grau de protagonismo e extremismo do discurso que essa direita adquiriu (ibid. p. 14).

Falar em “direita brasileira” é, se não um equívoco, uma simplificação grosseira. De acordo com a cientista política Helcimara Telles, “a direita brasileira nunca conseguiu se instituir com êxito em um único partido. Ela é fragmentada e seus quadros disputam eleições proporcionais em múltiplas legendas”, tendendo a se organizar em ações coordenadas no pós-eleição (TELLES, 2019, p. 56). No entanto, em 2016, a fim de compreender melhor esta nova conformação da base político-ideológica que se apresentava nas ruas e nas redes, o

cientista da computação Márcio Moretto Ribeiro (2018) analisou 24 páginas do Facebook autointituladas de direita, cujo conteúdo principal orbitava entre a exaltação das forças de policiamento e repressão, o patriotismo, o liberalismo econômico e o conservadorismo moral – ou ainda, entre o ultraliberalismo e o ultraconservadorismo, se condensarmos seu discurso num enquadramento teórico. O pesquisador descreve a “visão de mundo” imediata acerca do debate político neste espectro ideológico baseado nas ideias exemplares do grupo, e ressalta que, apesar de a descrição negligenciar nuances específicas de comportamentos e posicionamentos dos indivíduos, ainda assim o resultado ajuda a entender as ideias que organizam o campo (p. 99), oferecendo, no âmbito deste trabalho, uma regularidade necessária para o andamento da discussão.

De acordo com Ribeiro, dentro das doutrinas que articulam ideias ultraliberaís e ultraconservadoras

“qualquer indivíduo tachado de vagabundo, incluindo o menor de idade, perde todos os seus direitos no momento em que opta pela via do crime. Ele deve ser encarcerado ou mesmo morto. Aqueles que protegem o “cidadão de bem”, portanto, são vistos como os heróis dessa sociedade. Citando uma frase muito compartilhada de Jair Bolsonaro, um dos ícones desse campo, é preferível “um presídio lotado de vagabundos do que um cemitério cheio de inocentes”. Para essa concepção, o motivo pelo qual pessoas seguem a vida do crime é uma educação equivocada; é preciso desde cedo disciplinar as crianças que apresentam comportamentos desviantes da norma para evitar que se tornem vagabundos ou promíscuos; aqueles que defendem os direitos humanos dos bandidos são os mesmos que propagam uma educação frouxa e promíscua que retira a inocência das crianças e as tornam vulneráveis aos pedófilos. Esses, chamados de esquerdopatas, são os inimigos; fazem isso para manter a população ignorante e refém de programas sociais que perpetuam políticos corruptos no poder; Lula é o chefe dessa quadrilha que tem o controle do Judiciário, pois nomeou os ministros do STF, e dos movimentos sociais e sindicatos, que servem como braço armado de um governo mais preocupado em mandar dinheiro para países da América Latina e para sustentar vagabundos do que com os trabalhadores; abundam evidências de que os movimentos sociais e sindicatos são corruptos, violentos e têm como plano oculto a implantação do comunismo no Brasil; o comunismo é um risco ainda maior do que a corrupção, pois ameaça a liberdade do “cidadão de bem”; foi para combater essa ameaça que o Exército foi forçado a intervir em 1964; diferentemente dos dias atuais, naquele tempo havia ordem, tanto pública quanto privada. Essa visão de mundo é autoevidente para todos, mas a mídia, mentirosa e manipuladora, impede que a população a enxergue; por isso é importante procurar e propagar a verdade nas redes sociais”, (RIBEIRO, Márcio Moretto, 2018, p. 99-100).

Cientes, portanto, da composição interdiscursiva que estabelece esta formação discursiva – neoliberal, ou ainda ultraliberal e ultraconservadora –, façamos um resgate de como sua configuração se deu sócio-historicamente para compreendermos também os objetos de pesquisa a serem analisados mais adiante.

No decorrer dos mandatos de Collor (1990-1992), Itamar Franco (1992-1994) e dos dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), entre 1995 e 2002, políticas

abertamente neoliberais foram paulatinamente introduzidas no Brasil¹⁴. Com elas, e de acordo com o que vimos no tópico anterior, o projeto de despolitização social se intensificou, tendo seu processo de degradação consolidado durante os governos do Partido dos Trabalhadores, com Lula – 2003-2010 – e com Dilma Rousseff – 2011-2016 –, apesar da instituição de um “Estado de bem estar-social” relativamente funcional na administração da dupla de esquerda.

Ainda que no âmbito institucional as medidas neoliberais tenham se dado a partir dos anos 1990, a “popularização” da ideologia se consolidou apenas cerca de uma década mais tarde, através da chegada da internet (ROCHA, 2019, p. 131). De acordo com Camila Rocha, doutora em ciências políticas, no início dos anos 2000 até existiam blogs e listas de e-mail que cumpriam a função de divulgar a teoria neoliberal e os argumentos em favor da liberalização do mercado, mas eram iniciativas individuais e pulverizadas, sem grande articulação ou plano de alcance. A mudança começa com a criação do Orkut, uma das primeiras redes sociais digitais a fazer sucesso expressivo no Brasil, mas que apesar dos números impressionantes de alcance, não representava um acesso homogêneo no que tange às nuances da população.

“Ao contrário”, esclarece Rocha, “entre os anos 2005 e 2007, auge do Orkut no Brasil, o acesso à internet no país era bastante restrito a uma elite formada sobretudo por adolescentes e jovens adultos com alta escolaridade”, residentes da faixa Sul-Sudeste e filhos das classes A e B. O recorte dos usuários por classe fica claro quando pontuamos que, num país onde seis em cada dez pessoas não tinham saneamento básico à época¹⁵, a maior parte dos frequentadores de fóruns do Orkut possuíam computadores em casa e/ou frequentavam centros de acesso públicos pagos (lan houses e internet cafés)” (ROCHA, 2019, p. 131).

Jovens simpatizantes do Estado mínimo e profissionais liberais encontraram no Orkut uma rede de contatos, formando assim uma verdadeira comunidade caracterizada pelo acolhimento e pela empatia, em detrimento dos espaços de “exclusão” e “silenciamento” que as Universidades e o contexto político geral – a partir de programas e estruturas voltadas à igualdade e à conciliação – lhes oferecia. Cria-se, a partir daí, uma identidade coletiva compartilhada (ROCHA, 2019), e um senso de pertencimento social que o próprio funcionamento do neoliberalismo tende a minar para a maior parte das pessoas que dependem de instituições e espaços públicos para o lazer e a formação continuada, por exemplo.

Esse processo acompanhou uma ascensão econômica das classes C e D, através

¹⁴ Cf.: NEGRÃO, J. J. de Oliveira. O governo FHC e o neoliberalismo. *Lutas Sociais*, (1), 103–112, 2004. Disponível em: <doi.org/10.23925/ls.v0i1.18809>. Acesso em: 7 nov. 2023.

¹⁵ Trata Brasil: Saneamento e Saúde. NERI, M. C. (Coord.). Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2007.

dos programas de redistribuição de renda, ampliação do ensino superior público, valorização contínua do salário mínimo e inclusão social, promovidos pelo governo do PT. Tal como posto pelas antropólogas Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco, “essas fases do desenvolvimento nacional afetam não apenas as condições materiais da existência, mas igualmente o *self individual*, [...] as formas de fazer política e de compreender o mundo” (2018, p. 58).

Para as teóricas, esse movimento nacional de melhoria nas condições de vida de uma classe cronicamente pauperizada – e de cuja pauperização dependia a fartura da outra classe – “era marcado pela micropolítica de ‘reivindicação do direito ao prazer’”, e, em igual medida, caracterizado por um processo subjetivo profundo onde “a histórica invisibilidade e humildade dos ‘subalternos’ se transmutava em orgulho e autoestima, tanto no nível individual como de classe” (PINHEIRO-MACHADO; SCALCO, 2018, p. 59). Entre os mais jovens, o discurso de “eles terão de me engolir” tornou-se comum (idem.), assim como as expressões culturais que passaram reivindicar a ocupação de espaços públicos centrais sem o apagamento das características periféricas, a exemplo do fenômeno dos rolezinhos¹⁶, que nada mais eram do que jovens da classe trabalhadora frequentando *shoppings*, e o funk ostentação¹⁷, que agora narrava no ritmo que factualmente pertence ao gueto, a nova realidade de consumo a que eles começavam ter acesso.

Porém, ainda segundo Pinheiro-Machado e Scalco, ao passo que a entrada de sujeitos na economia de mercado resultava “na produção de sujeitos mais demandantes, conscientes e exigentes”, a atualização de marcadores simbólicos de poder reorganizava os processos de marginalização, através dos quais, à época, “o ato de consumir conspicuamente e ostentar marcas operava como um espelho de um mundo que mantinha-se segregado, violento, racista e desigual” (2018, p. 59-60).

Para além, apesar da integração das classes mais depauperadas ao fluxo de mercado que as políticas assistenciais e reparadoras do governo do Partido dos Trabalhadores instaurou, o desenvolvimento do perfil político e a compreensão do caráter essencialmente conflitivo do cotidiano do coletivo foram gradualmente sendo negligenciadas nos processos de individuação da maior parte da população (TOLEDO, 2008. PARAIZO, 2015) – um cenário dialogicamente sintomático e causal da consolidação neoliberal.

¹⁶ **C.f.:** Pinheiro-Machado, R., & Scalco, L. M. Rolezinhos: Marcas, consumo e segregação no Brasil. *Revista Estudos Culturais*, 1(1), 1-21, 2014. Disponível em: <doi.org/10.11606/issn.2446-7693i1p1-2>.

¹⁷ **C.f.:** Pereira, A. B.. Funk ostentação em São Paulo: imaginação, consumo e novas tecnologias da informação e da comunicação. *Revista Estudos Culturais*, 1(1), 1-18, 2014. Disponível em: <doi.org/10.11606/issn.2446-7693i1p1-18>.

Os anos 2000 e o começo dos anos 2010 presenciaram, assim, um acirramento da luta de classes, velado no discurso mas cada vez mais palpável na materialidade do dia a dia. Como explica Luís Felipe Miguel, cientista político, “a redução da vulnerabilidade dos mais pobres teve impacto inegável no mercado de trabalho, fazendo escassear a mão de obra que estava disponível a preço vil e que beneficiava esta classe média” (2018, p. 21). Isso, assim como as “políticas de qualificação profissional e as taxas reduzidas de desemprego”, permitiram que classes subempregadas como empregadas domésticas e serventes em construção civil “migrassem para outras ocupações, uma opção atraente devido não só à possível remuneração maior, mas também à relação laboral mais bem definida e ao maior prestígio social” (ibid., p. 21-22).

Estes pequenos deslocamentos na configuração social foram responsáveis pelo surgimento de um crescente desconforto da classe média, “que se via às voltas com seu eterno receio de perder a diferença em relação aos mais pobres” (MIGUEL, 2018, p. 21), e que como agravante, via uma de suas maiores vantagens comparativas sendo – ainda que minimamente – neutralizada pela “democratização do acesso ao ensino superior, que os governos do PT promoveram por meio da expansão da rede de universidades federais, da implantação de cotas sociais e raciais para o ingresso nelas”, e também pela definidora política de crédito para estudantes de faculdades privadas (ibid., p. 22).

Paralelo a estes movimentos no tecido social, ao longo dos primeiros mandatos do Partido dos Trabalhadores, as lideranças do PSDB – partido Social-Democrata cuja essência era privatista e liberalizante, representante de uma “direita esclarecida” que visava um distanciamento sanitário do MDB e seus esqueletos da ditadura – e os grupos mais extremos à direita – “anticomunistas renitentes, nostálgicos da ditadura militar, alguns fundamentalistas religiosos e uns poucos liberais econômicos extremistas” – uniram-se numa “frente ampla” de oposição altamente combativa (MIGUEL, 2018, p. 15).

Esse cenário resultou em dois fenômenos onde “o PSDB entendeu que seu caminho era liderar a direita, e a direita entendeu que havia espaço para radicalizar seu discurso” (MIGUEL, 2018, p. 16). É certo que os “tucanos”, como são chamados os peessedebistas, não podiam ser considerados de fato extremistas; porém, de acordo com Miguel (ibid., p. 15), a necessidade de reconquistar ao menos uma parcela da base social que perdera para as políticas de combate à miséria do PT fez com que o partido desse ênfase a uma “agenda moral” e conservadora (ibid., p. 19). Fazendo da oposição ao aborto o carro-chefe da campanha presidencial de 2010 e da redução da maioria penal uma das principais bandeiras em 2014 (ibid., p. 15), o partido assume definitivamente uma postura

reacionária, aliando-se às forças do fundamentalismo religioso, que figuram aqui como um importante fator, tanto da compreensão da configuração das forças neoliberais – ultraliberais e ultraconservadoras –, quanto do contexto ao qual estamos nos referindo, i.e., o meado dos anos 2010.

Como lembra Luís Felipe Miguel (2018, p. 18) “o fundamentalismo religioso tornou-se uma força política no Brasil a partir dos anos 1990, com o investimento das igrejas neopentecostais em prol da eleição de seus pastores”. Quando eleitos, seus parlamentares legislam ativamente “contra o direito ao aborto, contra as compreensões inclusivas da entidade familiar e contra políticas de combate à homofobia” (idem.). Fora do congresso, os pastores seguem com uma atuação fortemente política, dentro das igrejas e, mais recentemente, através das redes sociais (idem). Miguel reitera que “fundamentalismo não significa necessariamente fanatismo”, antes pelo contrário, “é um discurso utilizado de acordo com o senso de oportunidade de seus líderes”, pois “contribui para manter o rebanho disciplinado, imuniza-o diante de discursos contraditórios e fornece aos chefes um capital importante”, a saber, “uma base popular”, que eles usam como moeda de troca para negociar votos, projetos e verbas (idem.). “O controle de emissoras de rádio e televisão completa o quadro”, pontua o cientista político, e, por fim, resume: “os líderes religiosos desempenham o papel de novos coronéis da política brasileira” (ibid., p. 19).

Este panorama se soma a uma crise econômica que desde 2008 vinha aturdingo o mundo todo, e que chega ao Brasil de forma avassaladora, potencializada por medidas de austeridade impostas ao e pelo governo Dilma. Como reflexo, o ano de 2013 entra para a história como um dos momentos de mais intensa mobilização popular. De acordo com o historiador social Flávio Henrique Calheiros Casimiro (2016), “as manifestações do chamado movimento Passe Livre representavam, no seu início, reivindicações sociais de caráter progressista”; elas foram organizadas “por setores populares, movimentos sociais e estudantil, assim como por partidos representantes da esquerda como o PSOL, PSTU e PCB” (p. 356). Visando canalizar a indignação referente ao aumento do preço do transporte público, o movimento também questionava as faltas do Estado em diversos outros serviços públicos. Nas palavras de Casimiro, tratava-se de um movimento “apartidário, todavia não apolítico. Não representava um partido em específico, mas englobava as bandeiras progressistas dos partidos de esquerda supracitados e dos movimentos sociais” (idem.).

Porém, a grande publicização dos julgamentos do Mensalão fortaleceu a ideia de um Estado mal-gerido e disfuncional, com foco deliberado no Partido dos Trabalhadores (BIROLI; MANTOVANI, 2015). A indignação com os casos de corrupção trazidos à luz

pela recém criada Operação Lava Jato se somaram ao quadro, instigando paixões políticas negativas, arbitrariamente direcionadas ao governo, e muito mais explosivas do que as esquerdas no momento tinham estrutura para absorver ou reorganizar (PINTO, 2019. FERNANDES, 2019).

Isso implica dizer que, durante os meses de março, abril e agosto de 2015, progressivamente as ruas das principais cidades brasileiras foram tomadas por “certos tipos de atores sociais que há décadas não participavam de forma tão intensa na arena pública”, em especial as classes A e B, organizadas por movimentos, coletivos e instituições à direita do espectro político (MESSEMBERG, 2019, p. 175). Em geral, eram “grupos de perfil conservador, que a despeito de suas clivagens internas em termos de tonalidades ideológicas, expuseram publicamente convicções de cunho segregador e autoritário” (idem.).

Camila Rocha (2019) lembra que a “presença precoce” de jovens universitários e profissionais liberais com interesses pelo liberalismo em fóruns e redes sociais virtuais foi um fator determinante para o sucesso das mobilizações à direita na época. Sua articulação com “uma rede de *think tanks* neoliberais”, que já atuava no país desde o início dos processos de neoliberalização da economia, entre o final dos anos 1980 e o início dos anos 1990, foi capaz de “oferecer suporte organizacional e financeiro à militância em formação” quando “mudanças na estrutura de oportunidades políticas” se fizeram presente (p. 125-126). Estas oportunidades, ainda de acordo com a autora, foram as jornadas de junho de 2013, tal como vimos, e a reeleição de Dilma Rousseff em 2014 (idem.), ambos pontos nevrálgicos para a reorganização de uma oposição ampla à direita.

Quando Dilma se reelege em 2014 com uma vitória sobre Aécio Neves, do PSDB, por meio de uma virada na apuração dos últimos 5% dos votos¹⁸, Neves e seu partido iniciam uma campanha pública pela auditoria das eleições, alegando fraude nas urnas¹⁹ – os acordos visando a protocolização do impeachment da presidenta se iniciam antes mesmo de seu segundo mandato.

É o momento em que jovens que defendiam teorias ultraliberais e que foram recrutados por *think tanks* como o Instituto Liberal, Instituto de Estudos Empresariais e o Instituto Milenial, puderam colocar em prática o treinamento político-ideológico que

¹⁸ BRÍGIDO, Carolina. “Dilma virou o jogo com quase 90% dos votos apurados”, **O GLOBO**, 27 out. 2014. Disponível em: <globo.globo.com/politica/dilma-virou-jogo-com-quase-90-dos-votos-apurados-14376946>. Acesso em: 7 nov. 2023.

¹⁹ PSDB pede ao TSE auditoria para verificar 'lisura' da eleição. **G1**, 30 out. 2014. Disponível em: <g1.globo.com/politica/noticia/2014/10/psdb-pede-ao-tse-auditoria-para-verificar-lisura-da-eleicao.html>. Acesso em: 7 nov. 2023.

receberam, mirando a disputa de poder em vias de fato. Com a aplicação dos recursos financeiros vindos de seus mentores-organizadores, grupos como o Estudantes Pela Liberdade (EPL) criaram seu próprio movimento de atuação, o Movimento Brasil Livre (MBL), tornando-se assim um dos maiores articuladores políticos do país à época (CASIMIRO, 2016. CASIMIRO, 2018).

À título de contexto, o EPL pode ser descrito como “uma organização fundamental na articulação entre os *think tanks* conservadores americanos – especialmente entre aqueles que se definem como “libertários” – e a juventude “antipopulista” da América Latina” (CASIMIRO, 2016). Segundo o que trouxe a jornalista Marina Amaral, em 2015, o MBL foi uma marca criada pelo EPL para atuar nas manifestações de rua que se iniciaram em 2013 sem comprometer seus financiadores – as norte-americanas Atlas Network e Cato Institute (AMARAL, 2015. CASIMIRO, 2016).

Por sua vez, o MBL se define em sua página do Facebook como “uma entidade sem fins lucrativos que visa mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera”, cujo objetivo é defender “a Democracia, a República, a Liberdade de Expressão e de Imprensa, o Livre Mercado, a Redução do Estado e a Redução da Burocracia”. O grupo foi criado em São Paulo, e quando começou a ganhar maior protagonismo na agenda política do país, encontrava-se sob responsabilidade de Kim Kataguirí – já membro do EPL –, Frederico Rauh, Gabriel Calamari e os irmãos Alexandre e Renan Santos. O que eles têm em comum é o fato de serem jovens de classe média, com conexões no cenário político e em veículos de comunicação de massa; os cinco são grandes defensores de políticas ultraliberalizantes, e se utilizam de uma “estética urbana” para obter capilaridade mais facilmente entre as grandes capitais do país (FREITAS, 2018, p. 30-31).

Valendo-se de linguagem acessível no Facebook, Twitter e YouTube, de memes e do engajamento que enunciados polêmicos geram nas redes sociais, o Movimento Brasil Livre lançava seus dirigentes enquanto “pessoas públicas”, usando-os para “explicar suas reivindicações, tomar a frente nos protestos, e a fazer postagens diárias com suas próprias imagens dissertando acerca dos assuntos que seriam tratados no momento” (FREITAS, 2018, p. 31). Os rostos associados às falas corroboravam para a criação de um efeito de credibilidade e proximidade (ROSANVALLON, 2008, p. 267, apud. CARREON; BARONAS, 2020, p. 543), mirando principalmente homens, jovens, brancos, de classe média, identificados como “apartidários” ou “suprapartidários”, e cujo grau de politização era “bastante questionável” (MOURA, 2020, p. 3; FREITAS, 2018, p. 63).

Desde o início caracterizado pela divulgação de vídeos que naturalizavam

“narrativas revisionistas e ataques aos movimentos sociais”, “discursos de ódio de classe e sobre minorias” (CASIMIRO, 2018, p. 48), o MBL tornou-se, em 2015, a ponta de lança das manifestações pró-impeachment, “se utilizando da lógica de funcionamento das redes sociais para organizar a revolta de centenas de milhares de pessoas” (idem.), e se associando à partidos e figuras de direita, ainda que reforçassem o discurso *anti-establishment*.

Vemos portanto que, na defesa de pautas que até então não figuravam no léxico popular brasileiro, o MBL foi um dos responsáveis pelo discurso do Estado mínimo se tornar acessível e amplamente divulgado não apenas entre uma classe média ressentida, mas também entre uma classe baixa que experimentara o sabor da dignidade e agora estava sendo excluída, um vez mais, do banquete. Para além, tanto em uma parcela populacional quanto em outra, havia o pânico moral incutido pelo que Pêcheux vai chamar de “discurso transversal”, a partir do qual funciona “uma linha que atravessa as sequências dispersas, numa espécie de fio de trama que tece, alinha os sentidos escapantes e os lineariza” (AMARAL, VINHAS, 2020). Neste caso, os “excessos democráticos” que agora colocavam em categoria de cidadão pessoas que “não deveriam sequer existir” (BROWN, 2023) tornavam-se causa e consequência do estremecimento de toda a estrutura econômica, a partir da sobreposição interdiscursiva e da articulação intradiscursiva de determinados dizeres no discurso da direita.

De uma forma ou de outra, uma parte significativa da população brasileira em meados dos anos 2010 ansiava por um discurso que reconhecesse suas dores e que oferecesse uma resposta fácil, rápida e acessível para consolá-los. O saldo deste cenário é que, apesar de serem múltiplos os fatores que levaram o povo às ruas em de Junho de 2013, o argumento unificador que os manteve protestando nos anos seguintes pode ser resumido em um único termo guarda-chuva meticulosamente arquitetado: corrupção.

Segundo Miguel, a revolta contra a corrupção, tal como vista nos protestos de 2013-2016, “é marcada pela seletividade, mas também pelo maniqueísmo” (2018, p. 23). Isso porque, neste contexto, “a corrupção não é entendida como um produto das relações do poder político com o poder econômico, mas como um desvio de pessoas sem caráter” (idem.). Neste sentido, seletividade e maniqueísmo não marcaram apenas a mentalidade da classe média e daqueles que, num geral, precisavam de respostas rápidas, fáceis e palpáveis para o que estava acontecendo na economia e no campo “dos costumes”, mas também pautaram a postura da cobertura midiática (idem).

Para Telles (2019), “o julgamento que os eleitores fazem da política decorre não somente dos discursos emitidos pelos partidos e por seus líderes”, afinal, “a imprensa tem um papel importante na formação da opinião pública, na medida em que veicula uma agenda e

interage com a vida cotidiana das pessoas” (p. 79). Para avaliar a política e concebê-la enquanto algo compreensível, “o cidadão necessita de informações, e estas são obtidas, sobretudo, pelas notícias veiculadas nos meios de comunicação” (idem.). A autora está se referindo aqui aos veículos de imprensa tradicionais, que desempenharam um papel fundamental no desenrolar do processo fraudulento de impeachment da presidenta Dilma. No entanto, é sabido que as informações obtidas pela população estão cada vez menos centralizadas nos modelos midiáticos do século XX – rádio, TV e jornal – e cada vez mais pulverizados em plataformas (Reuters Institute, 2023) que, a partir de recortes algorítmicos, oferecem conteúdo “sob medida” à quem as acessa. Assim, não é um equívoco dizer que os formadores de opinião estão espalhados pelos meios de comunicação, cada vez mais presentes em vias digitais.

Citando Alessandra Aldé (2004, p. 46), a socióloga Débora Messenberg define “formadores de opinião” enquanto “lideranças reconhecidas por suas audiências às quais se transfere a responsabilidade de organizar cognitivamente uma grande quantidade de informações sobre um mundo complexo” (2019, p. 182), auxiliando, no processo, a aquisição de competências mínimas para que o cidadão assimile e atue na política. Eles são “emissores legitimados pelo meio social receptor, por serem distinguidos como dotados de opinião autorizada, identificados como agentes com grande competência interpretativa da realidade concreta”, além de supostamente terem “acesso privilegiado às informações consideradas relevantes” (idem.). Os formadores de opinião definem as pautas de interesse a serem discutidas, elencando assim as “prioridades informacionais de sua audiência e intérpretes de sua vida cotidiana e da política” (idem).

Como aferido por Helcimara Telles (2019) a partir de um estudo feito *in loco* durante as manifestações de 2014, o público que protestava fora convocado pelas redes sociais. Eles que eram “em sua maioria, indivíduos brancos, com alto grau de escolaridade, renda média superior a cinco salários-mínimos” e se consideravam “muito interessados na política” nacional; para além, usavam especialmente a internet como meio de se informar e talhar suas opiniões a respeito dos acontecimentos, uma vez que demonstravam “pouca confiança nos meios de comunicação” tradicionais (p. 61-60).

Nas palavras da cientista política, “esse público afirmou que se manifestava pela indignação com a corrupção (36%), mas também pela insatisfação com a política (18%) e para pedir a saída da presidenta Dilma e do PT (16%)” (TELLES, 2019, p. 61). Ela descreve que:

“para os manifestantes o principal problema do país é a corrupção. E, apesar de se pronunciarem insatisfeitos com a piora da economia e com a política, esses temas não estão no centro de suas preocupações e motivações para os protestos: o Congresso Nacional, a reforma política e a economia não alcançam, juntos, 4% das citações sobre os principais problemas do país”. TELLES, 2019, p. 60.

Esse é um relato que ilustra a articulação discursiva da direita em prol da construção da panaceia que desestruturaria completamente o tabuleiro da política institucional. A instituição da “corrupção” enquanto mal maior e a associação do termo ao Partido dos Trabalhadores foi um processo gradual, que precisou tanto da atuação dos partidos de direita tradicional, quanto se usou e foi usado por movimentos novos ou marginalizados dentro do funcionamento do jogo eleitoral. O antipetismo foi o elo que solidificou a união entre os ultraliberais e os ultraconservadores no Brasil (MESSEMBERG, 2019).

Segundo Messenberg, “ao reduzir a uma única causalidade os acontecimentos desconcertantes e incômodos, finda por lhes restituir a inteligibilidade, minimizando a terrível angústia provocada pelo desconhecido” (MESSEMBERG, 2019, p. 197). Recobrando o funcionamento do fascismo, ela explica que “a personificação do mal (petistas, comunistas, imigrantes, judeus) permite, assim, o seu fácil reconhecimento e, por conseguinte, a vigilância e o combate” (ibid., p. 197-198). Logo, “encontrando-se encarnado, o mal reafirma a identidade dos grupos sociais que se consideram majoritários e apresenta-se como a antítese da ‘normalidade’” (idem.). De acordo com a autora, ao fornecer resposta ao que não se compreende ou ao que não se aceita, esse “mito do complô” reafirma identidades sociais e “termina funcionando como instrumento poderoso para a exclusão dos diferentes e justificador de fracassos” (idem.).

Esse caráter segregador e violento está intrínseco ao discurso dos formadores de opinião à direita do espectro político que se popularizaram e ganharam protagonismo depois dos ciclos de protesto que culminaram no Golpe de Estado contra Dilma Rousseff (PINTO, 2019), tal como veremos mais adiante neste trabalho, através da análise dos objetos de pesquisa elencados. Mesmo depois da redemocratização, o filósofo político Edson Teles (2018) afirma que a sociedade manteve a “concepção de segurança pública como a guerra contra o inimigo, este variando entre ‘bandidos’, militantes de movimentos sociais, jovens negros e pobres, loucos, traficantes, pessoas LGBTIs [e] indígenas” (p. 75). Localizando historicamente a discussão, o teórico aponta que, “em junho de 2013 e em outros momentos de conflitos fora da média aceita pelas políticas de contenção [...], combinou-se a repressão

policial com a produção do inimigo”, culminando no “elogio de um poder higienizante e pacificador” (idem.).

Formadores de opinião e uma parcela específica da sociedade já melhor descrita aqui, criaram, de um lado, o conceito de “‘cidadão de bem’, trabalhador (ou proprietário) e ordeiro e, de outro, o vagabundo, vândalo, drogado, arruaceiro, o indivíduo fora das bordas que delimitam o possível autorizado pela ordem [...]” (TELES, 2019, p. 76). Assim, “as resistências passam a ser tratadas como indesejáveis, perigosas e perniciosas ao corpo social” e “os atos bélicos dirigem-se contra essas subjetividades e suas ações e performances de abertura” (idem.). Para o autor, esta torna-se também “uma guerra de subjetivação. Contra as subjetividades das experimentações de múltiplas práticas, dos habitantes dos morros e das periferias, dos afetos proibidos e das anormalidades” (idem.).

O efeito prático disso e suas reverberações na contemporaneidade é a expansão do aceitável no campo do politicamente dizível. Em especial pela atuação da direita no meio digital, os limites do que é admissível ser dito – e, conseqüentemente, feito – se ampliou, tornando a fronteira entre apologia à ideologias fascistas e liberdade de expressão perigosa e artificialmente tênues, muito em função de uma interpretação neoliberal do conceito de liberdade de expressão (BROWN, 2023. CASARA, 2018). Nas palavras de Carlos Carapanã, “por inépcia ou intenção, [aqueles que defendem a doutrina neoliberal] fazem com que os piores pesadelos da humanidade voltem à pauta, [agora] devidamente legitimados” (2018, p. 42).

A partir disso, compreendemos que a articulação entre as novas forças mobilizadoras ultraliberais e ultraconservadores e a direita tradicional acirra uma disputa ideológica e de classes, oferecendo contornos segregadores, autoritários, e essencialmente antidemocráticos. Como resume Miguel (2018) “de maneira mais geral, a partir da Constituição de 1988, a disputa política no Brasil ocorria num terreno demarcado pelo discurso dos direitos, que se tornara amplamente hegemônico” (p. 20). Ocorre que “a mobilização da direita rompeu com isso” (idem.), não somente mas em grande medida por criar um léxico violento e segregador que aos poucos foi se tornando naturalizado em todas as instâncias sociais.

Como um adendo a este cenário, Telles (2019) nos lembra que, na América Latina como um todo, “o maior nível de satisfação com o desempenho do governo aumenta a crença de que os partidos representam eleitores” (p. 63), e um bom desempenho do governo está umbilicalmente atrelado ao desempenho econômico do país (ibid., p. 73). Dessa forma, com “o tema da corrupção e a investigação de políticos envolvidos em atos ilícitos na

administração pública” tornado uma pauta moral e erroneamente submetido a uma relação de causalidade com o declínio econômico, “a desconfiança no sistema político e a suspeita sobre a legitimidade das eleições” cresceram exponencialmente (ibid., p. 70). Dito de outra forma, “da insatisfação com a política e com a economia por grande parte dos brasileiros, emerge o antipartidarismo reativo” (ibid., p. 75-76) que, além de enfraquecer as bases do funcionamento de um Estado democrático de direito, abre brechas para a entrada de *outsiders* no cenário político do país;

Em diálogo com Crespo e Garrido (2008), Telles (2019) descreve *outsiders* enquanto “candidatos com estilos e discursos anti partidários, que aspiram cargos institucionais e que participam das eleições sem o apoio de um importante partido nacional em que tenham desenvolvido suas carreiras políticas” (p. 75). Ela explica que eles “podem chegar ao poder com menos obstáculos em função da baixa institucionalização do sistema partidário e da reduzida identificação com os partidos” (ibid., p. 75-76), organizando a opinião pública em torno de temas que lhes sejam sensíveis, através do personalismo e do uso de valências, entendidas aqui como “questões neutras e sobre as quais existe consenso, como a paz, o desenvolvimento econômico etc.”, mas que “passam a ser centrais nas campanhas eleitorais”, ocupando “o lugar antes reservado aos conteúdos programáticos” e podendo, assim, “definir os resultados das eleições”, (ibid., p. 66).

Ainda segundo a autora, “as novas tecnologias” da comunicação e da informação, assim como a plataformização das discussões políticas e da formação de opinião em espaços alternativos, facilitaram a participação política não convencional (TELLES, 2019, p. 76). De forma ambígua, através delas “podem ser reforçados tanto a mobilização cívica quanto o antipartidarismo daqueles cidadãos que estão interessados, porém insatisfeitos com a política” (idem.). O problema é que “os usuários da internet que possuem muita atenção política”, mas que ao mesmo tempo dispõem de “pouco engajamento cívico” somado a um alto grau de “desencanto com as instituições” (TELLES, 2019, p. 77) – justamente o perfil dos manifestantes de 2013-2016 e daqueles que se identificavam com o discurso ultraliberal e ultraconservador de novos agentes políticos como o MBL ou os partidos de direita agora norteados por pautas moralizantes – “podem ser atraídos por *outsiders*, que, ao se comportarem como ‘novos líderes’, negam o papel das instituições e robustecem o descrédito com a política” (ibid., p. 77-78).

Através das posturas de formadores de opinião como o MBL e de figuras *outsiders*, que paulatinamente suplantaram a organização partidária tradicional à direita, o fim da década de 2010 e o início da década de 2020 presenciou a disseminação da ideia de que “a

corrupção é um atributo das elites partidárias e, por essa razão, elas são ineficazes e ilegítimas para exercerem as funções governativa e representativa” (TELLES, 2019, p. 76). Isso, somado à lógica tecnocrata e ao discurso empreendedor-mercadológico da ideologia neoliberal, resulta num cenário democrático enfraquecido pelo questionamento do sistema partidário e pela tendência à uma derrocada personalista-autoritária (BROWN, 2023. TELLES, 2019).

A consequência das mobilizações de 2014, 2015 e 2016, cooptadas e redirecionadas à direita sob motes segregacionistas, autoritários e progressivamente mais fascistas, foi a perda de protagonismo da “direita moderada”, como o PSDB e o MDB, em favor da ascensão de líderes abertamente identificados com a extrema-direita e que inflamavam uma “polarização política”, de contornos cada vez mais violentos, militarizados e, ironicamente, apolíticos.

A figura de Jair Bolsonaro – chamado *outsider* mesmo depois de quase três décadas de trabalho parlamentar – já era mencionada como um potencial ocupante da cadeira presidencial por pelo menos 24% dos manifestantes pró-impeachment em 2014 (TELLES, 2019, p. 102). Por conta de sua forte presença *online* através das redes sociais, o então deputado federal tornou-se pauta de programas de fofoca e presença regular em programas humorísticos voltados ao público jovem (PIAIA; OLIVEIRA, 2023). Em 2017, ao realizar uma pesquisa antropológica em escolas da periferia de Porto Alegre, Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco descrevem Bolsonaro como “um fenômeno, um símbolo totêmico de identificação juvenil masculina semelhante ao papel que a Nike ou a Adidas desempenhavam em tempos de crescimento econômico” (PINHEIRO-MACHADO; SCALCO, 2018, p. 30-31), isso tudo *antes* de concorrer à presidência e *depois* de fazer elogios a um notório torturador da ditadura militar, ao vivo, em plena câmara dos deputados.

Vale ressaltar, porém, que os sentidos articulados pela figura do *outsider* não são novos na política brasileira. Temos exemplos clássicos de políticos que foram alçados ao poder por justamente negar – ou mobilizar um efeito de negação – as instâncias políticas canônicas no geral. Fernando Collor de Mello foi eleito em 1998 prometendo ser um “caçador de marajás”, acusando o funcionalismo público de ser uma classe demasiadamente privilegiada enquanto ele próprio descendia de uma linhagem de políticos e era herdeiro de um império da midiática no Nordeste. Na mesma medida, João Dória conseguiu assegurar seu assento na prefeitura e depois no governo de São Paulo nos anos de 2016 e 2018 alegando que não era político, e sim gestor, ainda que ele operasse uma instituição cujo objetivo primeiro era abrir caminho para empresas dentro da estrutura estatal.

A diferença aqui, no entanto, e justamente o que dá um grande passo na

articulação de sentidos e mobilização de efeitos, é o digital. O sujeito que assume o que discutiremos enquanto posição-sujeito *youtuber* político, *é o canal, é sua página na rede*. Ao falar desta posição, ele transforma a plataforma num palanque ubíquo e inerente à sua figura, onde seu corpo o torna visível e validado aos moldes neoliberais – à despeito [*despite*]²⁰ dos meios da política e da mídia “tradicionais”. Ele comprova ser um *outsider* porque a materialidade de seu discurso induz um efeito de “autonomia” despreendida das amarras institucionais. O *youtuber* político passa a ser textualizado de diferentes formas, todas rarefeitas²¹, mas ao mesmo tempo se vê sintetizado num corpo singular, onde a serialização feita pelo trabalho de arquivo da plataforma, como veremos mais adiante, o historiciza, lhe concede uma coerência e uma unidade que transcende a composição estruturada por qualquer outro meio de comunicação de massas (ADORNO, 2015).

AVAD-04: Este canal aqui é pra quem é forte, esse canal aqui não é pra quem quer notícias adocicadas vindas da Jovem Pan, ou vindas da Folha de São Paulo. Eu sou contra os dois [Bolsonaro e Lula]. **É a posição mais difícil? É. Perde inscrito? Perde. Toma xingamento, é pressionado, é ameaçado de morte? É. Mas é o certo** e eu vou me manter assim.

AVAD-11: “Porque pra gente continuar nessa jornada, cara, o que eu peço pra você, que foi um vício que eu inclusive ajudei a criar, **é que você não me trate como você trata alguém do bolsonarismo ou alguém do lulismo**. E por que eu tô falando isso? **Eu não vou roubar dinheiro, eu não vou ser desonesto, eu não vou trair o projeto, mas eu vou errar. [...] Você vai tá ali, pra mim? Você vai tá ali me apoiando quando eu arrumar briga, quando as coisas acontecerem? Você vai tá ali? [...] Você que acredita no que eu tô fazendo, você não pode me tratar da mesma forma que você trata os nossos inimigos.**

Vemos assim a capilarização de um “discurso de ódio” operando a todo vapor. No entanto, mais interessante para nosso estudo do que identificar os traços do que se diz é compreender o modo de funcionamento do dizer. A maneira como a direita formula seu discurso estava e está, do cenário político pós-Golpe de 2016 ao momento analisado em 2022, diretamente ligada ao modo como tal discurso circula.

²⁰ *Despite*, em inglês, pode ser traduzido como “apesar de” e “a despeito”, mas também, e mais convenientemente, pode significar “aversão” e “ultraje”.

²¹ Ao trabalhar o conceito de mobilidade, levando em consideração as características do digital no meio urbano, Cristiane Dias traz que “a transformação dos sentidos na/da cidade e do sujeito urbano está ligada a um modo de significação do espaço pelas tecnologias digitais, a partir das quais os processos de significação, interpretação e textualização da cidade têm se dado” (2016, p. 157). Neste sentido, “podemos compreender a mobilidade contemporânea a partir de duas características: Mobilidade Densa e Mobilidade Rarefeita” (ibid., p. 158), onde a Mobilidade Densa: “consiste no mover-se no espaço físico”, a partir de e de forma atrelada ao espaço geográfico; assim, “o corpo se desloca de um ponto a outro numa temporalidade específica [...]. Ela diz respeito à organização do espaço, sistematicidade, fixação dos sentidos” (idem.). Já a Mobilidade Rarefeita se traduz no ato de mover-se “sem sair do lugar, no fluxo das redes digitais. O corpo se desloca de um ponto para muitos, de forma instantânea pelo fluxo de dados” (ibid., p. 159); nesta configuração, a temporalidade é “dispersa, rarefeita. É uma espacialidade não geográfica [...]. Nessa forma de mobilidade, o corpo do sujeito e o corpo da cidade se separam e se constituem por fragmentos e virtualidades” (idem.). Portanto, quando pensamos na textualização rarefeita dos youtubers políticos, estamos aplicando-as à lógica destes conceitos.

Como vimos em Orlandi (2020), o que se diz é diametralmente atravessado pela forma como estes dizeres circulam; a direita e seus porta-vozes falam *o que e de forma que* o conteúdo e seus sentidos possam melhor transitar na internet. Mais grave ainda: sabendo das brechas existentes nas plataformas, com todas as flexibilizações e impunidades oferecidas por espaços como o YouTube, tal como veremos mais adiante, o que é dito pela direita não passa por um filtro civilizatório. Nesta pesquisa trabalhamos a partir da concepção de que as redes sociais digitais foram uma das instâncias fundamentais que permitiu a naturalização de discursos fascistas no centro do jogo político institucional da social democracia contemporânea – não por uma “falha”, mas sim por sua constituição ideológica mesma.

Nas palavras de Carapanã (2018), no aglomerado mais ou menos coeso que dá os novos contornos à direita brasileira, o conservadorismo, o libertarianismo e o reacionarismo se somam a outras ideologias “que remetem à apologia do eugenismo e da segregação racial” e que “fazem com que a nova direita flerte, de maneira consciente ou inconsciente, com construtos que remetem ao nazismo e ao fascismo” (p. 26), por meio da normalização de discursos inconcebíveis e criminosos que, na internet, não encontram barreiras ou consequências.

A própria vitória de Jair Bolsonaro em 2018 tem como alguns de seus principais fatores a divulgação sistemática e irrestrita de mentiras, aliada a uma mobilização ampla de formadores de opinião que nunca se importam de fato em seguir os princípios éticos que se espera de sujeitos com tamanha plataforma de influência (MARANHÃO FILHO, et al., 2019). Essa postura alheia ao decoro e deliberadamente criminoso foi agravada e, em determinada medida, viabilizada pelo digital – e aqui não estamos falando do digital enquanto “espaço *online*”, como já posto por Dias (2018), mas como materialidade, na utilização, por exemplo, de dados para modulação comportamental de eleitores²², e da distorção dos efeitos de realidade através de *fake news* deliberadamente estruturadas para “viralizar”. Falar disso, portanto, é reconhecer a materialidade digital aplicada ao discurso da direita brasileira e suas consequências no que compreendemos enquanto posição-sujeito político.

Em suma, pudemos observar neste tópico que através de uma articulação entre os personagens tradicionais da disputa política liberal com elementos mais periféricos do espectro, formou-se uma frente ampla de oposição aos governos do PT que unia desde o PSDB até anticomunistas, ultraconservadores e ultraliberais em favor do impeachment de

²² TACTICAL TECHNOLOGY COLLECTIVE, Analysis of the playing field for the influence industry in preparation for the Brazilian general elections. **Our Data, Our Selves**, out. 2018. Disponível em: <cdn.ttc.io/s/ourdataourselves.tacticaltech.org/ttc-data-and-politics-brazil.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2023.

Dilma Rousseff, cuja oportunidade se sagrou graças às instabilidades gestadas por uma luta de classes cada vez mais acirrada – ainda que velada – e uma crise econômica violenta. A frente ampla à direita soube aproveitar as bases simpatizantes da ideologia neoliberal já suficientemente organizadas através de comunidades surgidas nos primórdios das redes sociais, e, através de investimentos advindos de *think tanks*, puderam de fato cooptar as revoltas surgidas em 2013, colocando em evidência “formadores de opinião” tais como os membros do Movimento Brasil Livre. Esses formadores de opinião passam a dominar e difundir um discurso político que se populariza nos anos seguintes, usando as redes sociais digitais para construir uma falsa proximidade com os sujeitos que os seguem através da qual reforçam a eficácia da panaceia para remediar todos os problemas sociais existentes, sendo esta solução mágica o que eles chamam de “combate à corrupção” – corrupção política; corrupção moral. Com uma economia em baixa e os problemas de gestão atrelados ao moralismo, intensifica-se uma onda de descrédito do sistema político e da própria democracia, agravados ainda mais pela lógica despolitizante e mercantilizante do neoliberalismo. A falta de confiança nos partidos e nas instituições abre, por conseguinte, espaços para figuras ditas *outsiders*, que se identificam enquanto “não-políticos” e que se utilizam de platitudes e valências para alcançar espaços de poder. Através dos *outsiders* e da postura antipolítica do coletivo, temos um agravamento do assujeitamento neoliberal, onde o autoritarismo e a segregação passam a ser interpretados como liberdade de expressão, e a democracia se vê em risco ao normalizar o inimaginável. Em suma, sinalizamos que o digital deflagrou uma mudança basilar na forma de fazer política, uma vez que a estrutura das próprias plataformas utilizadas como palanque pelos políticos para além de permitir, operam *através* da lógica de favorecer o discurso mais absurdo, ainda que este esteja pautado em pilares que vão do potencialmente danoso ao abertamente criminoso.

2.3 A política de plataforma

Um dos principais fatores responsáveis pela vitória de Jair Bolsonaro em 2018 foi sua mobilização nas redes sociais (MUNDIM, et al., 2023), algo que teve início pelo menos um ciclo eleitoral antes de sua vitória (JOATHAN; REBOUÇAS, 2020). Essa mobilização, porém, foi e vem sendo alvo de vários questionamentos²³, por se basear na disseminação

²³ AGÊNCIA SENADO. “CPMI das Fake News é instalada no Congresso”. **Senado Notícias**, 04 set. 2019. Disponível em: <senado.leg.br/noticias/materias/2019/09/04/cpmi-das-fake-news-e-instalada-no-congresso>. Acesso em: 7 nov. 2023.

OLIVEIRA, Caroline. “PF confirma a existência do “gabinete do ódio” em relatório enviado ao STF”. **Brasil de**

organizada de notícias falsas e teorias da conspiração – das 346 fake news analisadas pela doutora em comunicação Tatiana Dourado às vésperas da eleição presidencial em 2018, 45% beneficiava o então candidato do PSL e 70% corroborava positivamente com a direita nas urnas (DOURADO, 2020).

O que nos importa aqui, porém, não é necessariamente a eleição do 38º presidente da República, mas sim as táticas que ele cristalizou no cenário político institucional do nosso país. Os objetos de estudo aqui trabalhados, Arthur do Val e Nikolas Ferreira, foram ambos eleitos para cargos legislativos apoiando e se usando das mesmas estratégias de Bolsonaro. O primeiro, membro do MBL desde 2016, foi carregado à Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo junto à onda bolsonarista em 2018, enquanto o último obteve vitória nas eleições municipais de 2020 justamente por surfar a ressaca do fenômeno, valendo-se do negacionismo científico que o então presidente alimentava frente a pandemia de covid-19 como – e *através da* – plataforma.

Como estratégia eleitoral e orientação de legislatura, os dois parlamentares seguiram a cartilha que fora consagrada pelo ex-presidente, a saber, a truculência e a provocação em detrimento do debate público²⁴, as mentiras e o pânico moral contra pautas pertinentes²⁵, e as constantes polêmicas como manobra para se manterem relevantes. Para além, e como cerne do que nos interessa aqui, Arthur e Nikolas mantiveram e aprimoraram a principal herança de Bolsonaro no que tange às posturas parlamentares: um discurso político essencialmente estruturado pelas plataformas, em cada um dos estágios do ciclo discursivo.

Tanto do Val quanto Ferreira ganharam destaque entre a base da direita por meio dos vídeos publicados nas redes sociais, em especial no YouTube, portanto, cabe aqui explicar resumidamente como a rede funciona para então discutirmos a dimensão de seus

Fato, 1 fev. 2022. Disponível em: <brasildefato.com.br/2022/02/11/pf-confirma-a-existencia-de-gabinete-do-odio-em-relatorio-enviado-ao-stf-leia-o-documento>. Acesso em: 7 nov. 2023.

²⁴ PUTTI, Alexandre. “Arthur do Val chama sindicalistas de ‘vagabundos’ e sessão termina em confusão”. **Carta Capital**, 5 dez. 2019. Disponível em: <cartacapital.com.br/carta-capital/arthur-do-val-chama-sindicalistas-de-vagabundos-e-sessao-termina-em-confusao>. Acesso em: 7 nov. 2023.

“Nikolas Ferreira: relembre oito polêmicas do deputado condenado a pagar R\$ 80 mil por transfobia”, **O Globo**, 20 abr. 2023. Disponível em: <oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/04/nikolas-ferreira-relembre-oito-polemicas-do-deputado-condenado-a-pagar-r-80-mil-por-transfobia.ghtml>. Acesso em: 7 nov. 2023.

²⁵ MARZULLO, Luísa, “Nikolas Ferreira vira réu após expor aluna trans de 14 anos em banheiro escolar de BH”. **O Globo**, 21 set. 2023. Disponível em: <oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/09/21/nikolas-ferreira-vira-reu-por-transfobia-por-ter-exposto-aluna-em-banheiro-escolar.ghtml>. Acesso em: 7 nov. 2023.

LIMA NETO, Nelson. “Arthur do Val perde recurso contra Freixo em ação por 'fake news'; indenização é de R\$ 30 mil”. **O Globo**: blogs. Disponível em: <blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/arthur-do-val-perde-recurso-contr-freixo-em-acao-por-fake-news-indenizacao-e-de-r-30-mil.html>. Acesso em: 7 nov. 2023.

desdobramentos no discurso e na posição-sujeito político da direita brasileira.

Criado em 2005 como uma plataforma para hospedar vídeos *online*, o site foi vendido à Google apenas um ano depois, em 2006, por 1,65 bilhão de dólares. Como subsidiário da Alphabet Holding, o YouTube pretende alcançar a casa dos 2.5 bilhões de usuários mensais ao redor do mundo ainda em 2023 – 142 milhões destes já estão ativos no Brasil (DataReportal, 2023). Segundo a plataforma, a receita da empresa advém de diferentes modelos de operação: através da retenção dos lucros dos criadores de conteúdo em modalidades como SuperChat e Clube dos Canais; por meio do YouTube Premium, programa de contas por assinatura iniciado em 2014 e constantemente remodelado desde então, cujo foco é oferecer conteúdo exclusivo, streaming de música dentro do YouTube, e a possibilidade de assistir aos vídeos e lives sem interrupções de anunciantes; e, por fim, os anúncios pagos (YouTube, 2023). De acordo com relatório da We Are Social em parceria com a Meltwater, o ganho com publicidade na plataforma em questão superou a casa dos 29 bilhões de dólares em 2022 (DataReportal, 2022), e é de longe a maior fonte de renda da empresa.

No entanto, parte das cifras citadas é dependente da negligência de importantes questões éticas e de segurança, tanto no que tange os usuários das plataformas, quanto em relação aos impactos sociais por elas engendrados²⁶. A política de filtragem de conteúdos do YouTube, tal como a da maioria de seus pares no topo da lista das *big techs* mais rentáveis do mundo, ainda é falha e apesar de todas as promessas de melhoria feitas pela plataforma²⁷, não é difícil encontrar, em buscas abertas, conteúdos que vão de pedofilia²⁸ a canibalismo²⁹, passando pela apologia ao antissemitismo³⁰ e à homofobia³¹.

²⁶ FILHO, João. "Ou as big techs aceitam mudar ou as democracias em todo mundo seguirão ameaçadas pelas fake news". **The Intercept**, 25 fev. 2023. Disponível em: <intercept.com.br/2023/02/25/ou-as-big-techs-aceitam-mudar-ou-as-democracias-em-todo-mundo-seguirao-ameacas-pelas-fake-news/>. Acesso em: 23 fev. 2024.

C.f.: NÓBREGA, R.A.A.; GABRIEL, Y.F.P. Capitalismo De Plataforma, "Big Techs" e Precarização De Direitos Sociais. Niterói: **Confluências**, v. 25, n. 1, jan-abr. 2023.

²⁷ WONG, J. C.; LEVIN, S. YouTube vows to recommend fewer conspiracy theory videos. **The Guardian**, 25 jan. 2019. Disponível em: <theguardian.com/technology/2019/jan/25/youtube-conspiracy-theory-videos-recommendations>. Acesso em: 7 nov 2023.

²⁸ ORPHANIDES, K. G. On YouTube, a network of paedophiles is hiding in plain sight. **Wired**, 20 fev. 2019. Disponível em: <.wired.co.uk/article/youtube-pedophile-videos-advertising>. Acesso em: 7 nov. 2023.

²⁹ ORPHANIDES, K. G. Children's YouTube is still churning out blood, suicide and cannibalism. **Wired**, 23 mar. 2018. Disponível em: <wired.co.uk/article/youtube-for-kids-videos-problems-algorithm-recommend>. Acesso em: 7 nov 2023.

³⁰ FISHER, M., BENNHOLD, K. As Germans Seek News, YouTube Delivers Far-Right Tirades. **The New York Times**, 7 set. 2018. Disponível em: <nytimes.com/2018/09/07/world/europe/youtube-far-right-extremism.html>. Acesso em: 7 nov. 2023.

³¹ BENSINGER, G.; ALBERGOTTI, R. YouTube discriminates against LGBT content by unfairly culling it, suit alleges. **The Washington Post**, 17 ago. 2019. Disponível em:

A própria lógica por trás do mecanismo de recomendação dos vídeos já foi muito criticada. Segundo uma apuração de Paul Lewis para o jornal *The Guardian* com um ex-engenheiro do YouTube (2018), o algoritmo da plataforma tende a levar até mesmo os usuários “mais moderados” a discursos conspiracionistas, algo que a doutora em comunicação Rebecca Lewis também alertou ao discorrer sobre as Redes de Informação Alternativas, a partir das quais uma percepção deliberadamente distorcida da realidade vinha sendo de fato difundida entre simpatizantes cada vez mais extremados à direita (2018, p. 8-14).

Retornando aos objetos de estudo, Arthur e Nikolas já foram autuados pela plataforma e pela justiça para ter parte de seu conteúdo excluído³², mas ainda há discursos no mínimo controversos orbitando seus respectivos canais. Comentários, visualizações e tráfego insuflado por robôs também parecem não incomodar o YouTube, que, novamente, os enxerga como lucro.

A partir disso, podemos contextualizar certas idiossincrasias nos discursos de Arthur e Nikolas, atravessadas justamente pela ideologia marcante no discurso digital, pela estrutura interdiscursiva que organiza o funcionamento do YouTube.

Ao alegar que finalmente a “política do texto” havia chegado ao fim para dar espaço às “novas formas, diálogos, entrevistas, holofotes de televisão e videoclipes” dentro do gênero, Jean-Jacques Courtine explica que, já há quarenta anos atrás, liam-se “menos frequentemente as páginas impressas de um jornal ou livro” do que se assistia à uma tela (2006, p. 84). Nesta toada, o linguista calculou: “de agora em diante, o discurso político não pode ser dissociado da produção e recepção de imagens, da mesma maneira que o discurso do homem político não poderia mais se separar de sua imagem” (idem.). Frente ao nosso material de análise e teoria elencados nesta pesquisa, tendemos a concordar com a afirmação.

Ainda nas palavras do teórico, “o modelo do porta-voz político mudou profundamente os modos de subjetivação, regulados por novas práticas” (COURTINE, 2006, p. 85); assim, as metamorfoses do discurso político estariam direta e dialogicamente ligadas às mudanças do tecido social, da materialidade que nos circunda, constitui e atravessa. Tal como coloca o teórico da comunicação Marshall McLuhan (2007), o meio através do qual a mensagem, ou, em nossa concepção, o discurso é veiculado, mostra-se tão parte do discurso

<washingtonpost.com/technology/2019/08/14/youtube-discriminates-against-lgbt-content-by-unfairly-culling-it-suit-alleges/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

³² Justiça manda tirar do ar ataques de Arthur do Val contra padre Julio. **Veja**, 2 out. 2020. Disponível em: <vejasp.abril.com.br/cidades/arthur-do-val-padre-julio-justica>. Acesso em: 7 nov. 2023.

GOMES, B. Justiça manda Nikolas Ferreira excluir postagens transfóbicas das redes. **O Globo**, 8 ago. 2023. Disponível em: <oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/08/08/justica-manda-nikolas-ferreira-excluir-postagens-transfobicas-da-s-redes.ghml>. Acesso em: 7 nov. 2023.

quanto o que de fato é dito; lido através da teoria que aqui nos norteia, temos que a informação é portanto *feito* de uma tecnologia de linguagem (DIAS, 2018).

A posição sujeito-político que constitui e formula para que seu dizer circule através do YouTube, quando considerada sob a ordem do capitalismo de plataforma (SRNICEK, 2016) – o estágio atual deste modelo de produção que só é viável sob a hegemonia da ideologia neoliberal –, se desdobra. Para embasar teoricamente a forma como vemos esse movimento, mobilizamos as considerações da linguista Freda Indursky. Segundo Indursky (2008), a heterogeneidade da composição da forma-sujeito e da própria formação discursiva “assinala diferentes posições-sujeito”, e assim sendo, “cada uma destas posições-sujeito indica diferentes modos de se relacionar com a forma-sujeito e, através dela, com a ideologia” (p. 7). Dado caráter dialógico das formações discursivas e a heterogeneidade de sua composição, ao integrar discursos outros, complementares ou conflitivos, a formação discursiva pode dar origem a um processo de “*contra-identificação*”.

Aqui, ao ser exposta a certos fragmentos discursivos, a posição-sujeito dominante desdobra-se em uma posição-sujeito dissidente, que não há de romper com a FD na qual foi originada, mas que passa a promover uma relação entre o sujeito do discurso e a posição-sujeito dominante marcada pela tensão e pelo questionamento (INDURSKY, 2008, p. 12-13). De acordo com Indursky, “ao se constituir”, a posição-sujeito dissidente produz “sentidos antes interditados no seu domínio de saber”. Assim, ela “conduz ao estranhamento, à tensão interna às fronteiras da FD em que está inscrita”, e, conseqüentemente, instaura o que a autora chama de *acontecimento enunciativo* que, é importante frisar, difere, do que Pêcheux chama de *acontecimento discursivo*³³.

Nas palavras da linguista

“[...] enquanto no *acontecimento discursivo* ocorre uma *desidentificação* com a forma-sujeito, a qual está na origem da ruptura com a referida forma-sujeito, no *acontecimento enunciativo*, estamos diante de uma *contra-identificação* com a posição-sujeito dominante, a qual está na origem do

³³ Tal como colocado por Indursky, o *acontecimento discursivo* descrito por Pêcheux em uma série de conferências compiladas em uma publicação francesa de 1990 e traduzidas para o Português no livro “*Discurso: estrutura ou acontecimento*” (1995), “se institui no exato momento em que o sujeito do discurso rompe com um domínio de saber já instituído e com o qual estava identificado até então para identificar-se com um novo domínio de saber, que está em processo de constituição. Ou seja, não se trata da simples migração de uma FD instituída para outra, igualmente já instituída, tal como foi referido no parágrafo anterior. O que está em pauta, aqui, é o momento exato do surgimento de uma nova FD e de sua forma-sujeito, no momento mesmo em que o acontecimento que lhe dá origem ocorre. A captação deste momento de constituição de um novo domínio de saber pode ser observada pela agitação nas filiações de sentido. Dito de outra forma: trata-se de uma movimentação, uma deriva muito intensa dos sentidos em decorrência da qual dá-se o surgimento de um novo domínio de saber. Esse movimento em direção ao novo, ao inusitado, esse movimento de ruptura marca um momento pontual, único, fugaz, irrepitível, o qual registra não só o surgimento de um novo domínio de saber, mas também de uma nova forma-sujeito. Ou, se preferirmos, de um novo sujeito histórico, ideológico”, (INDURSKY, 2008, p. 9).

afrentamento com os saberes que emanam desta posição-sujeito dominante no interior de uma formação discursiva. No primeiro caso, ocorre *antagonismo* e *ruptura*. No segundo caso, *afrentamento* com *fragmentação* da forma-sujeito. No primeiro caso, tais saberes são *excludentes*. No segundo caso, estes saberes convivem, embora de forma *conflitante e tensa*. No primeiro caso, estamos face a diferenças que decorrem do trabalho da/na forma-sujeito como um todo. No segundo caso, estamos face a divergências decorrentes do trabalho da/na posição-sujeito dominante e instauração do estranhamento no interior da FD”. INDURSKY, 2008, p. 4.

Posto de outro modo, enquanto no acontecimento discursivo há uma ruptura “radical e definitiva” onde “o sujeito não suporta mais os saberes da FD em que se inscrevia e com ela se desidentifica, dela se retirando” (INDURSKY, 2008, p. 14), no acontecimento enunciativo temos “uma nova fragmentação em relação à forma-sujeito”, ou ainda “um novo modo de enunciar os sentidos no interior de uma formação discursiva” (idem.). Trata-se de um conflito “interno à FD” e que “se dá em relação aos modos enunciativos de uma determinada posição-sujeito, geralmente dominante”; surgem aqui “novos saberes, provenientes de outro lugar, no interior de uma mesma FD e estes aí acarretam um forte estranhamento” (idem.).

Logo, nossa hipótese nesta pesquisa e o que pretendemos demonstrar com nossa análises, é como, ao incorporar o discurso digital, ao constituir/formular/circular a partir da ordem do capitalismo de plataforma, a posição-sujeito político da formação discursiva da direita brasileira abre espaço para outros sentidos e outras formas de interação entre sujeito do discurso e ideologia. Sob os efeitos desses novos sentidos, a posição-sujeito político se desdobra aqui na posição-sujeito *youtuber* político.

A posição-sujeito *youtuber* político, diferentemente da posição-sujeito político dominante, estabelece uma relação de “paralelismo discursivo” entre “sujeito, canal e empresa (negócio)” (ADORNO; NOGUEIRA, 2023, p. 322)³⁴, para além da circulação isolada do discurso na plataforma – tal como trazido anteriormente, o sujeito do discurso passa, através desta posição-sujeito, a *ser* o canal, e portanto, estar além da política institucional, rejeitá-la junto a todos os signos que a compõem.

Segundo Orlandi (1999), parte do processo de interpelação do indivíduo em sujeito passa por um “movimento em relação aos processos identitários e de subjetivação”, onde “o Estado, com suas instituições e as relações materializadas pela formação social que lhe corresponde”, “individualiza a forma sujeito histórica, produzindo diferentes efeitos nos

³⁴ No texto “O sujeito discursivizado como empresa no Youtube: trabalho e condições (digitais) de produção”, Adorno e Nogueira (2023) vão esmiuçar os sentidos que o trabalho de “*youtuber*” mobiliza. Essa superposição entre “criador de conteúdo” e plataforma cabe em nossa reflexão, ainda que estejamos olhando por prismas diferentes.

processos de identificação” (p. 24-25). Com isso, podemos refletir sobre o fato de que, estando o Estado submisso ao capital, o capitalismo de plataforma enquanto acontecimento enunciativo afeta o discurso político de tal modo que o processo de identificação do sujeito do discurso com o sujeito do Saber e a ideologia está lastreado e intimamente ligado à materialidade digital.

Pensando a posição-sujeito *youtuber* político através das contribuições do linguista Guilherme Adorno, temos que, neste cenário, o *youtuber* político passa a ser mais reconhecido “pela reiteração da figura, da forma revestida, e menos por sua ‘obra dita’, apesar das duas coisas constituírem-se mutuamente” (2015, p., 6). Segundo ele, “a reiteração da sua figura é (predominantemente) sua própria obra” (idem.). Desta forma, “quando nos perguntamos pela permanência, há uma sobredeterminação da imagem do corpo em relação ao dizer” (idem.) – mas não uma imagem qualquer; uma imagem atrelada à plataforma.

Políticos de direita tradicional, aqueles que falam a partir da posição-sujeito político dominante, podem se usar e capilarizar sua presença midiática através das redes sociais e plataformas digitais, à exemplo dos grandes expoentes dos anos 2010 e 2020, Jair Bolsonaro, Donald Trump e Javier Milei. O que propomos nesta pesquisa, porém, e tal como compreendemos a partir das discussões que traçamos até agora, é que o *youtuber* político, falando a partir da posição-sujeito *youtuber* político, não utiliza a plataforma; ele *é* e *se compreende* enquanto ela. A constituição de seu discurso e, para além, de seu processo de assujeitamento advindo dessa relação entre sujeito do discurso e formação discursiva, passa pela incorporação da materialidade digital.

A partir da posição-sujeito *youtuber* político, “ser” um canal é ser “legitimado pelo aparato jurídico-midiático” (ADORNO, 2015, p. 5). Este aparato funciona, então, enquanto uma instância de autenticação, evocando a forma-sujeito de direito, que, no entanto, não exige responsabilidades necessariamente rígidas ou um compromisso sério com os limites civilizatórios. Aqui, a principal bússola é, como sintoma profundamente neoliberal, a expansão infinita, tanto em vias de circulação do conteúdo na plataforma para contemplar as ganas do *youtuber* político, quanto da plataforma enquanto sistema-lógico portátil que ao centralizar em si máximo de aspectos da vida humana, torna-se indispensável e exponencialmente mais valiosa. É uma relação de simbiose que naturaliza, fagocita, torna transparente e inerente a existência e a atuação das plataformas no processo do fazer-político, no processo tripartite e simultâneo de constituição-formulação-circulação do discurso.

No digital, a circulação tem um caráter efêmero, e pode ser, a partir da atuação da

memória metálica³⁵, reproduzido *ad infinitum*, reproduzido e ecoado até que não faça mais sentido ou escape, assumindo o caráter de memória digital³⁵. Portanto, apesar da rigidez em sua constante reproduzibilidade, torna-se passível de ser tornada outra com facilidade; é efêmero porque é volátil. E é *a partir* desta característica que o *youtuber* político não só formula, mas também *constitui*.

Não estamos falando aqui de uma adaptação de marketing que compreende a engenharia da plataforma e a instrumentaliza para ter um maior alcance, mas sim do ato de *se conceber a realidade material através do funcionamento da ideologia que delineou dialogicamente o site*, incorporar a filosofia da plataforma ao processo de assujeitamento do indivíduo que fala, de forma que o mesmo comportamento não seria viabilizado ou sequer concebido em outro espaço de circulação discursiva. Cruzar os limites do dizível dentro do que é considerado civilizado no discurso político deixa de ser um exercício ou um teste, deixa até mesmo de ser uma tática, e passa a compor o processo de antecipação que irá delimitar o que se espera que seja dito por aquela posição-sujeito – *youtuber* – político, assumindo contornos fundamentalmente fascistas, tal como veremos logo a seguir, na análise.

O uso de afirmações fraudulentas e o direcionamento deliberadamente segregador da visão de mundo não apenas passam despercebidos pelo YouTube, mas refletem o formato desejado, esperado, encorajado pelo site e suas métricas. Da forma como aferimos através desta pesquisa, as plataformas têm um papel fundamental na naturalização do recrudescimento do discurso político, seja pela omissão ou pelo incentivo da polêmica através da qual se obtém lucro. O meio, a forma de circulação, também diz sobre o que é dito.

Como vimos através do resgate do contexto histórico da formação da direita tal como ela se apresenta hoje no Brasil, o YouTube passou a abrigar, a partir do início da década de 2010, importantes figuras políticas e formadoras de opinião que posteriormente tornaram-se gerentes ativos da vida pública. Falando especificamente de Arthur do Val e de Nikolas Ferreira, embora os cargos institucionais tenham-lhes concedido um caráter de destaque e a possibilidade de circular entre os círculos de poder e administração do Estado, houve um claro investimento, individual e partidário, para que ao longo dos anos eles continuassem sendo vistos enquanto figuras acessíveis, próximas, relacionáveis. Isso se deu a partir da serialização de seus discursos através da plataforma, que pouco importam em questão de “conteúdo”, mas, como colocado por Adorno (2015), sedimentaram sua imagem.

O discurso digital, portanto, não apenas atravessa o discurso político para metamorfoseá-lo em algo mais veiculável e contemporâneo, como também, e principalmente,

³⁵ Ver Capítulo 3.

estrutura, por meio de um desdobramento na posição-sujeito político que o assume, novos sentidos, novas formas de interação do sujeito do discurso com a ideologia regente da formação discursiva que os acolhe.

O “palanque” através do qual esses sujeitos falam não requer necessariamente que se vá até ele pois ele compõe um “sistema lógico-digital portátil”, que organiza e aglutina inúmeros aspectos da vida do e-leitor³⁶, sendo o político apenas mais um deles, diluído, associado e significado pelo entretenimento. Esta plataforma, enquanto veículo de circulação de dizeres, não apresenta o discurso político enquanto intruso no fluxo contínuo de informação recebida pelo e-leitor, como por exemplo a televisão faz com seu Horário Eleitoral Gratuito ou com os comerciais partidários³⁷. Antes pelo contrário, através da lógica de funcionamento do algoritmo, o discurso político circulante torna-se parte do conteúdo apresentado, incorpora-se ao material acessado por intermédio de um sujeito do discurso que é *youtuber* – com o adendo de ser também político. O discurso em questão, passa, então, a ser associado a outros dizeres que já partem de um lugar de identificação com o e-leitor sem que haja qualquer necessidade de reformulação; uma conexão que é estabelecida com base na coleta de dados não apenas dentro do YouTube, mas pelo intermédio de toda uma rede de plataformas.

O que defendemos nesta pesquisa é a compreensão de que a possibilidade de significar o discurso político a partir de dizeres outros mediados pela plataforma – i.e., a partir das formações algorítmicas – desdobra-se numa posição-sujeito político dissidente, que não nega sua origem, mas que, graças ao atravessamento do digital, passa a se relacionar com a ideologia – essencialmente neoliberal, dialogicamente dependente e garantidora do capitalismo de plataforma – de outra forma. Esta nova forma de relação entre sujeito do discurso e ideologia, tal como a compreendemos a partir de nossos estudos, não apenas sugere a paulatina construção de uma posição-sujeito que, em seu discurso, fala a partir da lógica do Direito burguês e da social democracia burguesa, mas que agora também parte de uma abordagem que se refere às plataformas enquanto um ente asséptico e abstrato, um palanque naturalizado e neutralizado, assimilado ao próprio processo de existência livre do ser humano – não necessariamente acreditando nisso, mas construindo uma linha retórica que reitera esta posição transparente.

³⁶ Optamos por esta grafia específica da palavra “eleitor” pela possibilidade de, através dela, evocar a ordem do digital com o “e-”, a esfera eleitoral, de fato, e a noção de “leitor ideal”, como trabalhamos em AD.

³⁷ PARDO, Roselha Gondim dos Santos. "Propaganda Político-eleitoral", **Tribunal Superior Eleitoral**. Revista eletrônica EJE, n. 5 a. 2. Disponível em: <tse.jus.br/institucional/escola-judiciaria-eleitoral/publicacoes/revistas-da-eje/artigos/revista-eletronica-ano-ii-n-o-5/propaganda-politico-eleitoral>. Acesso em 22 fev. 2024.

Em suma, vimos neste tópico que a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 canonizou métodos escusos de produção discursiva considerando o ambiente de circulação das redes sociais digitais. Os objetos de estudo desta pesquisa aprimoraram as táticas de disseminação de desinformação e de criação de polêmica nas plataformas para manterem-se relevantes durante suas legislaturas, pautando seu comportamento nesta dinâmica de troca pelas redes e assimilando o discurso digital ao discurso político, algo que gerou, em consequência, reverberações no ciclo de constituição-formulação-circulação e o que Freda Indursky chamou de acontecimento enunciativo, capaz de desdobrar a posição-sujeito político em algo outro, não antagônico à FD em questão, mas diferente da posição-sujeito político dominante da qual adveio. Chamamos essa dissidência de posição-sujeito *youtuber* político, considerando que os novos sentidos por ela gerados proporcionam uma nova forma de relacionamento entre sujeito do discurso e ideologia, muito mais simbiótica e essencialmente fundada no neoliberalismo e na ordem do capitalismo de plataforma.

CAPÍTULO 3

Do Palanque à Plataforma:

O digital e o desdobramento da posição-sujeito político na direita brasileira

3.1 Elaboração do arquivo e objetos de análise

Em termos técnicos, para a construção de nosso arquivo, optamos por priorizar figuras que já tivessem ocupado, estivessem ocupando, ou que pleiteassem um cargo na corrida eleitoral de 2022. Buscamos por personagens que se identificassem politicamente à direita, que possuíssem pelo menos 2,1 milhões de visualizações na plataforma escolhida para análise – na intenção de refletir aproximadamente 1% da população brasileira, de acordo com o censo do IBGE em 2019³⁸ – e que estivessem cadastrados no YouTube desde, ou anteriormente a, 1 de janeiro de 2019 – data de início do mandato de Jair Bolsonaro como Presidente da República e marco da agudização dos contornos da “política de plataforma”, tal como trouxemos no capítulo anterior.

Com estes filtros pré-estabelecidos, utilizamo-nos de uma abordagem que considerasse então o caráter sócio-político dos futuros objetos de pesquisa. O ex-Deputado Estadual, membro do MBL, Arthur do Val, e o atual Deputado Federal Nikolas Ferreira carregam, cada uma a sua forma, altos graus de importância e incidência no cenário político do Brasil contemporâneo. Arthur foi um dos rostos que trouxe coesão e familiaridade à pauta de difusão do golpe contra Dilma Rousseff em 2016, enquanto Nikolas capitaneou uma onda ultraconservadora em Minas Gerais como candidato herdeiro de Bolsonaro no estado e, antes disso, como grande oponente à cidadania da comunidade LGBTQIAP+.

Orgulhosamente paulistano, Arthur do Val nasceu em 1986. O engenheiro químico de formação é também herdeiro de uma empresa de reciclagem de resíduos metálicos, e em sua biografia descreve-se como um “empresário” no ramo de “transportes, combustíveis, construção civil e estacionamento”³⁹. Iniciou sua carreira como *youtuber* depois da reeleição de Dilma Rousseff, em 2014, “com vídeos propositivos, explicativos e de

³⁸ IBGE, Estimativas da população residente no Brasil e unidades da Federação com data de referência em 1º de julho de 2019. Disponível em: <ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2019/POP2019_20220905.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2023.

³⁹ FRANCO, M. 'Moleque capeta', youtuber chega à Assembleia de SP como político-celebridade. Folha de São Paulo, 6 mar. 2019. Disponível em: <folha.uol.com.br/poder/2019/03/moleque-capeta-youtuber-chega-a-assembleia-de-sp-como-politico-celebridade.shtml>. Acesso em: 7 nov. 2023.

enfrentamento em campo daqueles que pensam completamente diferente”⁴⁰. Arthur tornou-se membro do Movimento Brasil Livre em 2016, e como resultado da soma de seu amplo alcance nas redes com o financiamento de *think thanks* garantidos pelo MBL, o YouTuber elegeu-se Deputado Estadual em São Paulo, através do partido Democratas, em 2018⁴¹.

Expulso da legenda no ano seguinte, concorreu à prefeitura de São Paulo em 2020, arrecadando quase 10% dos votos, agora filiado ao Patriotas. No entanto, do Val viu seu objetivo de “transmitir os princípios liberais e a defesa dos interesses dos indivíduos à mercê do Estado” (ALESP) ser interrompido antes do fim do mandato. No início de 2022, depois do vazamento de áudios contendo falas misóginas, aporofóbicas e xenofóbicas a respeito de mulheres ucranianas vítimas da guerra contra a Rússia⁴², Arthur, que viajara para a zona de conflito a fim de expor os acontecimentos em seu canal, teve seu mandato cassado na Alesp por quebra de decoro parlamentar⁴³. Seu “erro num momento de empolgação”⁴⁴ lhe custou uma desfiliação forçada e também a possibilidade de pleitear qualquer cargo político pelos próximos oito anos.

Ainda que esteja longe da tribuna e dos plenários de votação, Arthur performa uma campanha constante – não individual, mas em favor do MBL, que embora tenha elegido apenas dois candidatos nas últimas eleições, tem planos para tornar-se em breve um partido próprio, chamado Missão, e cujos pilares serão “Liberdade e responsabilidade; paz e proteção a direitos individuais; livre iniciativa e empreendedorismo; incentivo ao trabalho e respeito à propriedade privada; igualdade perante a lei” e “Democracia”⁴⁵.

Em seu canal, os vídeos correspondem ao que Cristiane Dias vai chamar de “Textualidades Seriadas” (2019), onde cada um “traz em sua formulação, por um lado, um

⁴⁰ ALESP. Arthur do Val (Ex-Parlamentar). Disponível em: <al.sp.gov.br/deputado/?matricula=300611>. Acesso em: 7 nov. 2023.

⁴¹ Quem é Arthur do Val? Conheça o candidato do Patriota à Prefeitura de São Paulo. **O Estado de São Paulo**, s/d. Disponível em: <estadao.com.br/politica/quem-e-arthur-do-val-conheca-o-candidato-do-patriota-a-prefeitura-de-sao-paulo/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

⁴² TRINDADE, NAIRA. Em meio à guerra, Mamãe Falei manda áudio sobre as mulheres da Ucrânia: “são fáceis porque são pobres”; ouça os áudios. **O Globo**: Lauro Jardim, 4 mar. 2023. Disponível em: <blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/em-meio-guerra-mamae-falei-manda-audio-sobre-mulheres-da-ucrania-sao-faceis-porque-sao-pobres.html>. Acesso em: 7 nov. 2023.

⁴³ RODRIGUES, R. Alesp aprova cassação de Arthur do Val, que perde os direitos políticos por oito anos; é o 1º mandato cassado em 23 anos. **G1**, 17 mai. 2023. Disponível em: <g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/05/17/alesp-aprova-cassacao-do-ex-deputado-arthur-do-val-que-perde-os-direitos-politicos-por-oito-anos.ghtml>. Acesso em: 7 nov. 2023.

⁴⁴ “Erro em um momento de empolgação”, diz Arthur do Val sobre áudios sexistas. **UOL**: Política, 5 mar. 2022. Disponível em: <noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/03/05/erro-em-um-momento-de-empolgacao-diz-arthur-do-val-sobre-audios.htm>. Acesso em: 7 nov. 2023.

⁴⁵ “MBL anuncia logo e nome do partido que quer criar, a Missão”. Poder 360, 5 nov. 2023. Disponível em: <poder360.com.br/partidos-politicos/mbl-anuncia-logo-e-nome-do-partido-que-quer-criar-o-missao/>

elemento que se repete formando série e, por outro lado, um elemento que muda, varia, sustentando a possibilidade de expansão da série, a abertura do simbólico” (p. 57). Assim, gravando em um local padrão que quase não varia, com mudanças de figurino ou iluminação insignificantes, somado a bordões que situam o público, Arthur, funcionando através da antecipação acerca da imagem de um *youtuber*, cria um padrão de identificação de si e de seu conteúdo facilmente reconhecíveis.

Próximo aos quarenta anos, apesar de tentar soar jovial, o ex-deputado opta por manter seu visual neutro, mas sofisticado o suficiente para evocar a imagem de um homem de negócios, trabalhando, aqui, com a formação imaginária do que se espera de um político de direita. É um empreendedor informal; um CEO descolado. A maioria de seu cenário reflete esta tendência; é um escritório, mas aconchegante o suficiente para parecer estar anexo a um lar. Não há nenhum traço que torne a posição social de Arthur demasiadamente marcada; o equilíbrio entre vestuário e acomodações entrega ao e-leitor apenas o que ele precisa saber para poder se relacionar, se identificar.



Figura 3: Textualidade serializada: Arthur do Val.

Fonte: pesquisa.

Seu conteúdo varia entre cobrir os acontecimentos políticos nacionais ou as polêmicas moralizantes mais importantes do momento, mas, como dito acima, focaremos nos tópicos que estejam diretamente ligados às eleições de 2022.

A linguagem utilizada por do Val é descontraída, urbana, atravessada por gírias e vícios linguísticos notadamente paulistanos. O *youtuber* político aqui analisado costuma selecionar como tema de seus vídeos matérias jornalísticas veiculadas na imprensa tradicional, *tweets* ou posts do Instagram, os quais apresenta de forma simplista aos espectadores, à guisa de criação de conteúdo, quase sempre criticando e ridicularizando o que expõe. O humor ácido é uma de suas principais abordagens aos assuntos; ele ironiza e humilha os alvos de suas críticas, subindo o tom para algo agressivo e exasperado de forma corriqueira o bastante para isso torne-se uma postura esperada e exaltada pelos espectadores, recobrando a memória discursiva nazifascista, que, de acordo com Piovezani e Gentile (2020) em diálogo com Klemperer (2009), afasta qualquer discurso da neutralidade pela necessidade de possuir um inimigo a quem atacar, e por precisar constantemente rebaixar tal adversário.

A promoção tanto dos candidatos do MBL quanto a mobilização política do grupo, a exemplo do congresso nacional que o movimento organizou ao final de 2022, é uma recorrência em seu discurso. Enquanto fala com a câmera, Arthur vira e revira a tela do notebook, numa reiteração de espontaneidade, ressaltando o fato de seus vídeos não passarem por um estágio de pós-edição – ele é, como ele mesmo ressalta, “autêntico”.

Nikolas Ferreira, por sua vez, é belorizontino, “nascido e criado na favela Cabana do Pai Tomás”⁴⁶. O atual Deputado Federal completou 27 anos em 2023, já empossado em seu primeiro mandato como Deputado Federal por Minas Gerais, depois de ter vencido o pleito do ano anterior como o mais votado do país e terceiro mais bem colocado da história⁴⁷.

Ferreira é discípulo de Olavo de Carvalho⁴⁸, Bacharel em Direito pela PUC

⁴⁶ FERREIRA, Nikolas. "O povo está CANSADO desses POLÍTICOS". [Entrevista concedida a] DATENA, J. L. **OUL: Bran.com.br**. Disponível em: <band.uol.com.br/radio-bandeirantes/videos/nikolas-ferreira-o-povo-esta-cansado-desses-politicos-17102800>. Acesso em: 7 nov. 2023.

⁴⁷ MOREIRA, J. A. Quem é Nikolas Ferreira, deputado mais votado do Brasil aos 26 anos?. **Diário de Notícias**, 8 out. 2022. Disponível em: <dn.pt/internacional/quem-e-nikolas-ferreira-deputado-mais-votado-do-brasil-aos-26-anos-15232639.html>. Acesso em: 7 nov. 2023.

⁴⁸ PORTAL Uai. Nikolas presta homenagem a Olavo de Carvalho na Câmara. **YouTube**, 1 set. 2023. Disponível em: <youtube.com/watch?v=f8JOZHiryuQ&ab_channel=PortalUai>. Acesso em: 7 nov. 2023.
ESTILLAC, B. Em debate, Nikolas cita Olavo de Carvalho depois de 'risadinha' de Boulos. **Estado de Minas**. Política, 12 out. 2022. Disponível em: <em.com.br/app/noticia/politica/2022/10/12/interna_politica,1406302/em-debate-nikolas-cita-olavo-de-carvalho-

Minas, e foi alçado à vida política através de manifestações contra “a doutrinação” e a “perseguição aos cristãos conservadores no ambiente acadêmico”⁴⁹, estando a frente de movimentos estudantis de direita e chegando a acampar por três dias em Brasília pelo Impeachment de Dilma Rousseff, em 2016⁵⁰.

Contando com o apoio da comunidade Igreja Batista Graça e Paz de BH, da qual o pai é pastor, e com o suporte massivo da família Bolsonaro, de quem foi um fortíssimo cabo eleitoral local, Nikolas foi eleito o Vereador mais jovem da história de Belo Horizonte, em 2020, pelo PRTB. Em 2022, quando seu mandato foi cassado por fraude eleitoral, ele já não mais ocupava o cargo⁵¹.

Adepto da união entre política e religião, Nikolas ofereceu numerosas palestras sobre o Cristão e a Política⁵², escrevendo ainda um livro com o mesmo tema⁵³. Hoje dedica seu mandato a combater a esquerda e sua agenda progressista, e a promover pautas “cristãs, conservadoras” em favor “da família”⁵⁴.

Seus vídeos caminham no mesmo formato dos de do Val, no sentido de manterem uma estética simplificada e acessível através da serialização, e de simularem uma espontaneidade por meio da limitação de recursos: um homem em frente a uma câmera ou celular, simplesmente falando. As temáticas de Nikolas, contudo, não são majoritariamente pautadas por matérias de jornal, tampouco por postagens de outrem em plataformas digitais. Seu conteúdo está mais voltado para a articulação de seus seguidores em torno das agendas de

depois-de-risadinha-de-boulos.shtml>. Acesso em: 7 nov. 2023.

⁴⁹ GABRIEL, R. de S. Encontro de jovens conservadores que querem tomar a UNE terá gincana e livro de Ustra. **Época**, 17 mar. 2019. Disponível em: <oglobo.globo.com/epoca/encontro-de-jovens-conservadores-que-querem-tomar-une-tera-gincana-livro-de-ustra-23522698>. Acesso em: 7 nov. 2023.

⁵⁰ CRAVO, A. Conheça o *youtuber* que ganhou o apoio de Eduardo Bolsonaro em Belo Horizonte. **O Globo: Sonar**, 25 set. 2020. Disponível em: <blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/conheca-o-youtuber-que-ganhou-o-apoio-de-eduardo-bolsonaro-em-belo-horizonte.html>. Acesso em: 7 nov. 2023.

⁵¹ VERENICZ, M. Chapa que elegeu Nikolas Ferreira vereador em BH é cassada pelo TSE. **Carta Capital**, 4 abr. 2023. Disponível em: <cartacapital.com.br/politica/chapa-que-elegeu-nikolas-ferreira-vereador-em-bh-e-cassada-pelo-tse/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

⁵² ÁGAPE, Nova Aliança. Cristão e a Política | Nikolas Ferreira. **YouTube**, 13 jul. 2021. Disponível em: <youtube.com/watch?v=S8guN4ZC1rU&ab_channel=NovaAliançaÁgape>. Acesso em: 7 nov. 2023.

BELO HORIZONTE, Oitava Igreja Presbiteriana de. O Cristão e a Política | Nikolas Ferreira. **YouTube**, 19 mar. 2022. Disponível em: <youtube.com/watch?v=u8ScSzYSvEc&t=698s&ab_channel=OitavaIgrejaPresbiterianadeBeloHorizonte>. Acesso em: 7 nov. 2023.

⁵³ O Cristão e a Política. **Livraria do Nikolas**. Disponível em: <livrariadonikolas.com/o-cristao-e-a-politica-descubra-como-vencer-a-guerra-cultural>. Acesso em: 7 nov. 2023.

⁵⁴ Quem é Nikolas Ferreira (PL), o deputado federal mais votado do Brasil e da história de Minas Gerais. **G1**, 3 out. 2022. Disponível em: <g1.globo.com/mg/minas-gerais/eleicoes/2022/noticia/2022/10/03/quem-e-nikolas-ferreira-pl-o-deputado-federal-mais-votado-do-brasil-e-da-historia-de-minas-gerais.ghml>. Acesso em: 7 nov. 2023.

sua campanha eleitoral, e principalmente em prol do então candidato à reeleição, Jair Bolsonaro.

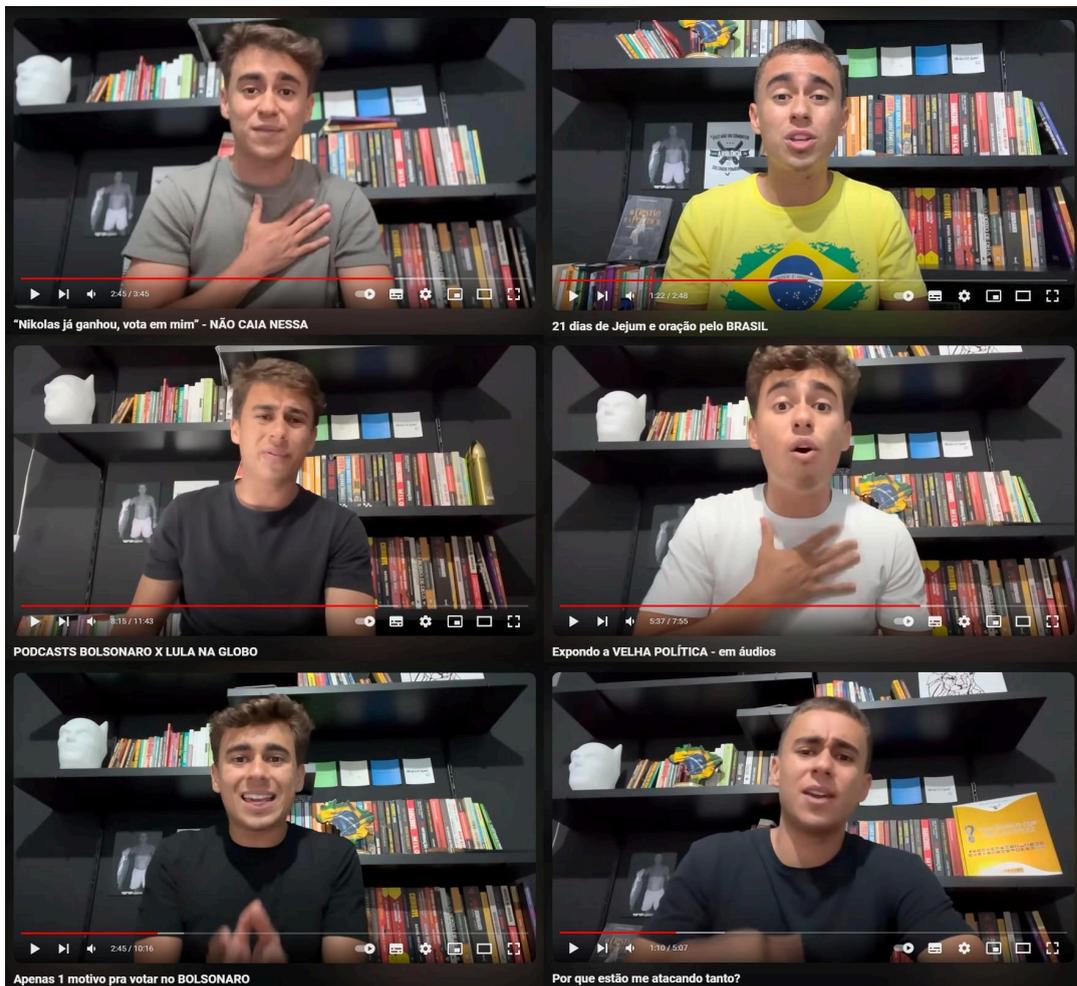


Figura 4: Textualidade serializada: Nikolas Ferreira.
Fonte: pesquisa.

Seus maneirismos e o tom usado remetem em grande medida a um líder evangélico pregando em uma congregação. Recobrando o que Piovezani e Gentile trazem ao discorrer sobre os discursos de Mussolini, também vemos em Ferreira “[...] a exaltação do pregador” que “aparece no tom de voz de ritual eclesiástico, lançando frases curtas, como fragmentos litúrgicos, diante das quais obtém reações emocionadas de todos, sem qualquer esforço mental” (2020, p. 21).

Nikolas, que ganhou notoriedade por se colocar enquanto um jovem cristão e conservador, se utiliza de uma abordagem direcionada a esse público em sua linguagem e na escolha de suas pautas. Trabalhando constantemente com uma formação discursiva cristã ultraconservadora, ele cita passagens bíblicas e bordões tradicionais do meio evangélico-neopentecostal.

Contudo, embora estejam ambos sob uma bandeira supostamente compartilhada – a do desmantelamento Estatal e do liberalismo econômico –, Arthur do Val (e o MBL) e Nikolas Ferreira não são aliados. Ao longo do período analisado, nossos protagonistas estiveram em constante embate, cada um com foco em uma das correntes constitutivas do neoliberalismo contemporâneo, i.e., o ultraliberalismo, no caso de do Val, e o ultraconservadorismo, no caso de Ferreira. Focaremos em seus pontos de divergência logo à frente.

Os vídeos escolhidos para compor nosso arquivo foram lançados no YouTube entre o início do período oficial da campanha eleitoral em 2022 e o fim do segundo turno, a saber, entre 16 de agosto a 31 de outubro do ano em questão. Consideramos este intervalo de tempo um marco na história política do país, uma vez que, frente às tensões que se colocavam no campo democrático com as posturas do então Presidente em exercício, tanto os discursos quanto a própria máquina de propaganda da direita brasileira recrudesceram.

Pensando que tanto Nikolas quanto Arthur produziam conteúdos diversos, com temas que variavam do comportamento de cantoras *pop* até teorias da conspiração acerca de escolas dominicais, decidimos que os temas debatidos nos vídeos analisados deveriam ser “Eleições”, “Processo Eleitoral” e/ou “Política Institucional”.

Como consequência, arrecadamos um total de 58 vídeos, sendo 40 produzidos por Arthur do Val, e 18 por Nikolas Ferreira. Os números refletem alguns fatos sobre ambos. Arthur, que teve sua imagem enquanto autor – nos termos de Adorno (2015) – nascida no YouTube, mostrava-se, à época, muito constante e prolixo no YouTube, enquanto Nikolas, que viralizou desde o início de sua carreira *online* através de redes como o Facebook e, posteriormente, o Instagram, manteve-se, no período analisado, mais seletivo ao que enviaria para a plataforma de vídeos da Alphabet.

É válido ressaltar que esta disparidade de conteúdo está diretamente ligada às filiações discursivas de ambos. Isso porque, tal como já reiteramos, o processo de constituição e formulação discursivas não estão alheio à sua fase de circulação. Do Val, que esteve sempre muito mais alinhado às pautas econômicas do que às pautas morais – apesar de não descartar estas últimas –, mobiliza sentidos diferentes daqueles empregados por Nikolas, que construiu sua popularidade a partir de um discurso ultraconservador.

O discurso cristão protestante usado por Ferreira, que emprega majoritariamente a lógica da teologia do domínio⁵⁵, trabalha articulando sentidos fatalistas e apocalípticos,

⁵⁵ Trata-se de uma corrente teológica e política que visa submeter a esfera pública ao domínio dos cristãos – em sua maioria neopentecostais. A partir de discursos fundados no neocolonialismo e de uma abordagem fatalista da

valendo-se de ânimos inflamados, que mostram-se efetivos quando organizados em notícias falsas e peças de desinformação cuja síntese se pauta pelo absurdo. Não se trata de lógica, mas sim de afetos; os sentidos estão pautados na efervescência, nos picos de revolta, na instantaneidade do choque. Assim, funcionam melhor circulando em plataformas que lidam com este fluxo de informação frenético, como os aplicativos de mensagem, em contraste com o efeito conciso e relativamente estável viabilizado pelo discurso tecnocrata de do Val no YouTube, tal como discorreremos de forma mais demorada logo adiante.

Para formular nosso arquivo, catalogamos os excertos dos vídeos para compor nosso *Corpora* em

- AVAD-[*sequência numérica*] e para identificar os recortes de do Val; e
- NFAD-[*sequência numérica*] para indicar as passagens atribuídas a Ferreira.

Optamos por destacar recortes que evidenciassem em suas marcas a cristalização da ideologia neoliberal e o funcionamento do discurso digital. Para além, consideramos enquanto parte de nosso arquivo e *corpora* também as sequências de anúncios veiculados nos vídeos assistidos, assim, tabelamos todos os dados. As *corpora* se encontram, em sua completude, ao final deste trabalho, na seção de Anexos.

No processo de construção do arquivo, utilizamo-nos de configurações especiais tanto para a busca quanto para análise e interação com cada um dos canais. Durante o percurso, atemo-nos ao emprego de uma VPN⁵⁶ – que camufla a geolocalização e o registro da máquina em uso –, à criação de e-mails novos sem quaisquer vínculos telefônicos, ligados à contas igualmente recém criadas, num ciclo de conexões “limpo”. Acessamos nosso material a partir do Google Chrome, um dos navegadores que mais capta dados e que apresenta uma das melhores performances em gestão algorítmica, porém, antes, desvinculando e promovendo a limpeza de cache de quaisquer outras contas logadas na

realidade material, há uma reorganização das figuras inspiracionais bíblicas, voltadas ao esquecimento dos dogmas fraternos do cristianismo e da adoção de uma postura bélica e conquistadora no trato social, exportando valores teológicos para as orientações geopolíticas nas esferas de poder institucional.

C.f.: PEREIRA, Eliseu. "Teologia do domínio: uma chave de interpretação da relação evangélico-política do bolsonarismo". Projeto História, São Paulo, v. 76, pp. 147-173, Jan.-Abr., 2023.

ROCHA, João Cezar Castro. Entrevista concedida à LIBERTA, Instituto Conhecimento. “Cronologia da Teologia do Domínio”. YouTube, 1 mar. 2024. Disponível em: <youtube.com/watch?v=QH0J4X-GGgE&ab_channel=InstitutoConhecimentoLiberta>. Acesso em: 6 mar. 2024.

⁵⁶ MIRANDA, I. C. de.; DUARTE, O. C. M. B. VPN: Virtual Private Network - Rede Privada Virtual. Grupo de Teleinformática e Automação - UFRJ. Disponível em: <gta.ufrj.br/seminarios/semin2002_1/Ivana/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

máquina de acesso. A intenção neste ponto era criar uma rede de navegação algorítmica “pura” o suficiente para ser direcionada “do zero” e tomar forma a partir das interações feitas no âmbito da pesquisa. Com isso, criamos o ambiente mais asséptico possível para nossa investigação sem nos valer de recursos demasiadamente sofisticados ou distintivos.

A partir disso, desenvolvemos nossa análise utilizando-nos da Análise do Discurso Digital como base teórica, trabalhando os efeitos e reflexos do discurso do digital nos discursos políticos ali destacados enquanto parte estruturante do que Freda Indursky (2008) caracteriza como acontecimento enunciativo, conceito capaz de promover um desdobramento entre a posição sujeito-político dominante na FD, e uma posição-sujeito político *youtuber* político, dissidente, a partir da qual o sujeito do discurso obtém sentidos e efeitos diferentes ao se relacionar com a ideologia.

No tópico a seguir faremos uma análise dos excertos escolhidos de forma contextualizada e teoricamente discutida.

3.2 Análise

Tal como vimos com as contribuições de Adorno (2015), o *youtuber*, quando fala, tem suas diversas textualidades plasmadas⁵⁷ em uma única forma, uma figura que assume o efeito de unicidade. Atravessado pelo discurso e pelas materialidades do digital, o discurso político enunciado a partir da posição-sujeito *youtuber* político submete-se ao efeito de síntese onde canal e sujeito do discurso se diluem em uma coisa só; o que é dito pode ser desdito e dito de outra maneira, pode filiar-se a discursos outros e refazer-se, num caráter fluido que diz muito sobre a materialidade do processo em si.

Na posição-sujeito *youtuber* político, a serialização das múltiplas textualidades funciona de modo que, independentemente da posição à qual está submetido o sujeito do discurso, ele ainda corresponderá a uma composição coerente, justamente por estar atrelado ao canal, a imagem, ao arquivo que, através da plataforma, lhe compete uma existência congruente.

NFAD - 07: "Não existe vácuo na política. Então **eu prefiro que eu ocupe esse espaço, conhecendo quem eu sou**, do que entregar isso de bandeja pra uma outra pessoa".

Nikolas (A) se conhece e por isso se escolhe, mas o mais importante é que ele fala

⁵⁷ Usamos a expressão “textualidades plasmadas” para descrever o movimento onde a imagem, a formação algorítmica, o que é dito pelo sujeito do discurso, sua trajetória histórica, etc, são sublimados em uma coisa só. São diversas textualizações comprimidas para promover o efeito de unicidade, de autoria.

a partir de uma posição-sujeito que se usa do funcionamento da plataforma para garantir que o e-leitor (B) acredite que também o conhece. A formação algorítmica na qual A está inserido atravessa e constitui sua figura serializada, mobilizando dizeres outros e fazendo sentido, portanto, nos processos de significação de B. O que a plataforma diz através do algoritmo pré-direciona o significado e significa de forma ainda mais profunda em B justamente porque o que a FA regurgita e co-compõe no discurso de A não é simplesmente aleatório, mas sim um tratamento de informações deliberada e cuidadosamente escolhidas para ressoar com B.

“Quem eu sou”, portanto, implica o que é mostrado *pelo sujeito do discurso e pela plataforma*. Implica o autor sintetizado numa coisa única, cuja credibilidade é reiterada e expandida pela identificação deliberada que os algoritmos entregam. “Quem eu sou” é a imagem discursivizada, e não apenas o discurso em si. Logo, quando Nikolas vier a ocupar o espaço político institucional, o efeito que a unicidade de suas múltiplas textualidades produzirá é a impressão de que o espaço em questão está ocupado por um conhecido, o mesmo representado no vídeo e associado à discursos que não são necessariamente dele, mas um reflexo das informação do e-leitor.

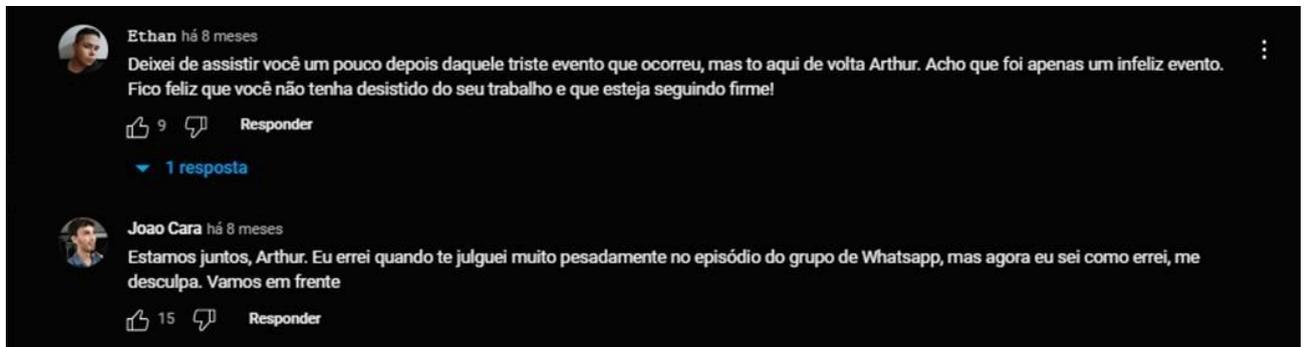


Figura 5: Compilação de comentários em vídeos de Arthur do Val 1: textualidades plasmadas no efeito de unicidade do autor.

Fonte: pesquisa.

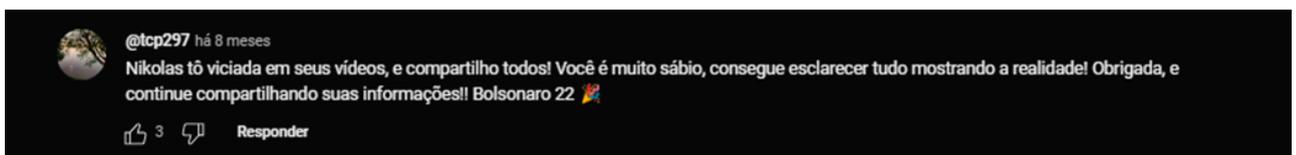


Figura 6: Comentário em vídeos de Nikolas Ferreira 1: textualizações plasmadas no efeito de unicidade do autor.

Fonte: pesquisa.

No caso da Figura 5, onde dois diferentes e-leitores se desculpam com Arthur do Val por terem-no “julgado” durante os episódios de assédio às refugiadas ucranianas – lembrando a fala exata do ex-Deputado: “elas são fáceis porque são pobres” –, temos que, a partir do trabalho de identificação, aproximação e associação com diferentes discursos por meio do funcionamento das Formações Algorítmicas, a figura de Arthur se discursivizada como mal-entendida, como perseguida e julgada, como digna não apenas de perdão, mas merecedora de pedidos de perdão. As falas criminosas do membro do MBL, amplamente divulgadas por meses a fio e em diversos espaços, deixam de fazer sentido – discursiva e semanticamente falando – para aqueles que, por meio do algoritmo, assimilam uma imagem deliberadamente remodelada do *youtuber*.

Na Figura 6, por sua vez, a e-leitora em questão atrela à Nikolas a legitimidade de interpretar e ensinar acerca dos acontecimentos contemporâneos; ela acrescenta à figura do Deputado a posição de “formador de opinião”, tal como já discutido aqui através de Messenberg (2019). Neste processo, a transparência tanto da rede social em si quanto das demais camadas de informação deliberadamente direcionadas para reiterar uma versão *on-demand* de realidade é naturalizada, e o faz através da figura textualizada – familiarizada – de Nikolas.

O sujeito do discurso, ao ser impelido histórica e socialmente à posição-sujeito *youtuber* político, passa a estar simbioticamente atrelado à ideia, à ideologia e à filosofia da plataforma. Assim, o valor e toda a construção moral do sujeito do discurso passa a depender de sua postura nas redes; a forma como ele se enuncia ou silencia; como ele agencia seu dizer em face da engenharia do site; como seus e-eleitores interagem e o antecipam; tudo passa, em última instância, a definir seus contornos num circuito dialógico.

AVAD-03: Você quer ver se um cara **merece teu apoio**? Na hora de defender o que acredita, ele tá disposto a perder pra isso, **perder like, perder inscrito, ser xingado. Se sim, aí beleza, aí ele acredita [nos próprios princípios] mesmo.**

AVAD-04: **Este canal aqui é pra quem é forte**, esse canal aqui não é pra quem quer notícias adocicadas vindas da Jovem Pan, ou vindas da Folha de São Paulo. Eu sou contra os dois [Bolsonaro e Lula]. **É a posição mais difícil? É. Perde inscrito? Perde. Toma xingamento, é pressionado, é ameaçado de morte? É. Mas é o certo** e eu vou me manter assim.

O merecimento e os princípios de Arthur do Val estão atrelados à sua postura nas redes e podem ser medidos em relação à elas; sua própria vida passa a ser ameaçada por conta do que é dito na plataforma. Não há de fato uma separação entre sua existência dentro e fora

do YouTube – trata-se de uma existência retigráfica por excelência, onde digital e material se sobrepõe e se completam.

O tipo de formulação que a plataforma incentiva, porém, está ligado a um efeito-rumor que, nos termos de Adorno e Silveira (2018) pode ser pensado enquanto práticas que buscam “fazer parte do processo de construção dos sentidos ainda não estabilizados, ou buscando desestabilizar versões advindas de campos hegemônicos, como o midiático ou a política” (p. 210). Formulados para circular e constituídos a partir da ideologia neoliberal e de seus sentidos individualistas de “liberdade” a qualquer custo, apesar de não ser um elemento *sine qua non* do efeito-rumor, em nosso material de análise, essas contribuições para a desestabilização de conceitos quase sempre significam como tensionadoras dos limites balizadores da social democracia – e esse é um ponto importante, ao qual voltaremos ao final do trabalho.

O que chamamos aqui de efeito-rumor se ampara no discurso da liberdade de expressão, reiterando o direito de falar. Quando apreendido a partir da posição-sujeito *youtuber* político, porém, falar equipara-se a fazer circular, que, novamente, equipara-se a *ser livre* para fazer circular – uma vez que o sujeito do discurso é canal, ser impedido de circular determinado dizer é sofrer uma violência, um cerceamento. Estar “certo” ou “errado” importa menos, portanto, do que simplesmente ter a “coragem” de se posicionar, de assumir seu caráter de homem livre para dizer. Enunciar torna-se, a partir da posição-sujeito *youtuber* político, a possibilidade de *projetar* a si e a sua imagem como indivíduo livres, *personificar* o discurso em sua constituição subjetiva e, desta forma, equiparar-se a ele – não ao seu *conteúdo*, mas ao *ato*.

NFAD-03: “Cê pode *ser genuíno em ser errado, mas ainda assim as pessoas vão gostar de você se você for genuíno*, né [...]”.

AVAD-05: “Se eu ‘tivesse a fim de *agradar às maiorias*, eu jamais, *jamais faria os vídeos que eu faço*. Eu tô aqui pra defender o que é certo, e o que é *certo* é isso.”

AVAD-06: “Essa *nojeira*. Política é foda, mano. Procure autenticidade, tá? Nos seus candidatos”.

Ilustrando o que trouxemos, temos nas sequências acima que o **erro** é passível de **compreensão**, desde que seja um **erro “genuíno”**; temos também que **“desagradar”** às maiorias é uma **premissa** para defender o que é **“certo”** e, por último, é dado nestes recortes que a **política tradicional** é uma **“nojeira”**, portanto, é necessário buscar por **“autenticidade”** como antídoto, como expressão asséptica da disputa de interesses de uma

sociedade. Assim, através de um exercício parafrástico, temos que:

Ser **autêntico** → ser **genuíno**.

Desagradar as majorias → **estar certo**.

Estar certo → ser **autêntico/genuíno** → ser honesto.

Ser **honesto** → ser **limpo** → **não compactuar** com a **nojeira**.

Nojeira → sujeira → **enganação/mentira** → falsidade/**inautenticidade** → **política tradicional**.

Compreendido no discurso digital, o efeito de autenticidade é reforçado também pelos e-leitores. Ao comentar, curtir e compartilhar, estes corroboram com o estabelecimento de uma rede de dizeres que, a partir da quantidade, reitera o emprego do efeito de verdade às mobilizações do conceito de autenticidade. A quantidade a que nos referimos, no entanto, está lastreada não no acúmulo numérico de interações, mas sim numa “quantidade regulada por dispositivos tecnológicos que dirigem os sentidos da interpretação” (DIAS, 2022 p. 12). De forma simplificada, trata-se de uma seleção específica de enunciados traduzidos em dados e códigos que serão, através do funcionamento da ideologia que direciona o algoritmo, re-organizados e re-distribuídos para se apresentarem de determinada forma ao e-leitor (FERRAGUTTI, 2018).

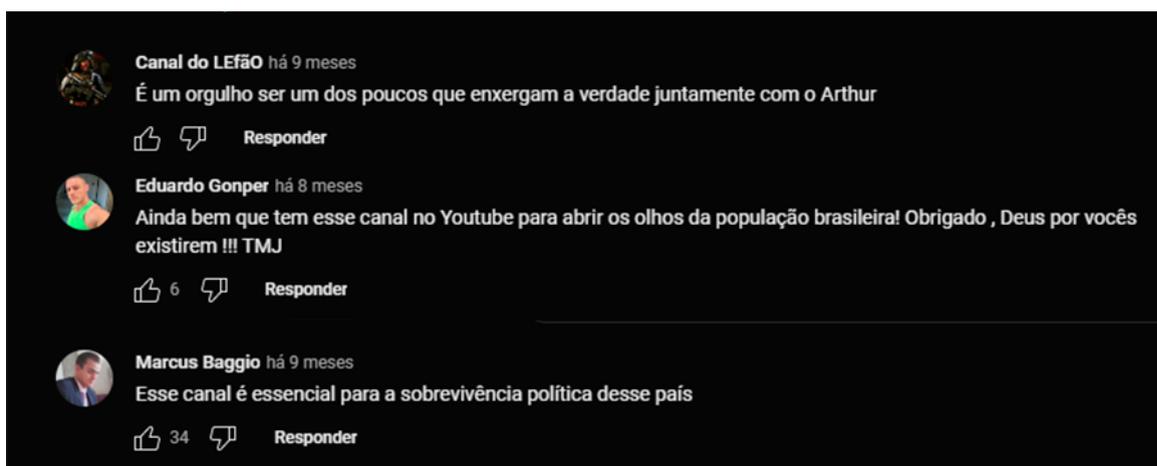


Figura 7: Compilação de comentários em vídeos de Arthur do Val 2: insuspeição do sujeito do discurso e transparência da plataforma.

Fonte: pesquisa.

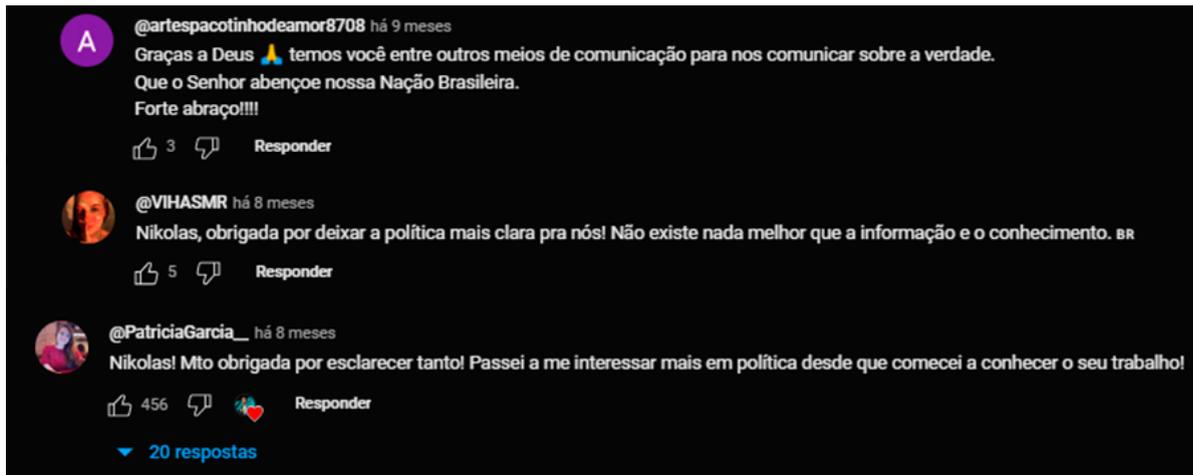


Figura 8: Compilação de comentários em vídeos de Nikolas Ferreira 2: insuspeição do sujeito do discurso e transparência da plataforma.

Fonte: pesquisa.

No recorte acima, o movimento dialógico dos comentários em função dos discursos de seus respectivos vídeos trabalha em três frentes interligadas: o crescimento da insuspeição acerca dos *youtubers* políticos; o aprofundamento do efeito de transparência da plataforma quanto ao que é circulado por ela; e o crescimento do descrédito da imprensa; sendo os dois primeiros pontos interdependentes.

Assume-se a neutralidade da plataforma a partir dos sentidos instados pela ideologia neoliberal, que emprega um caráter asséptico às corporações no geral, e através do discurso digital, que caracteriza a tecnologia como progresso, e o progresso enquanto unívoco – bom e evoluído. Somado ao efeito de honestidade que é trabalhado a partir da autenticidade, temos que o sujeito do discurso que enuncia a partir da posição-sujeito *youtuber* político o faz simulando uma instância do real que é não apenas livre de ideologia, como também é a única verdadeiramente ilibada, fiel aos fatos.

NFAD-08: “Gente, eu falo isso e repito. Esse é o dever de cada um de nós, de **contar a história verdadeira**, porque **a esquerda, ela vai modificando a história** ao tempo em que ela vai sendo construída [...]. **Graças a Deus, né, a gente tem internet** para poder **mostrar a verdade**”.

NFAD-01: **Por que a mídia [...] continua a mentir de maneira descarada?** *Goebbels* [...] dizia que uma mentira se torna verdade quando ela é contada mil vezes, né. *Então eles vão batendo*, batendo, batendo... Até que, enfim, consiga ali **mudar a narrativa**”

NFAD-02: “[...] Então assim, **a gente precisa lutar**, cara, de maneira absurda contra essa mídia escrota, e **o que que acaba com eles?** O celular, né? **O celular consegue, as redes sociais aí conseguem destruir essa falsa narrativa** aí da mídia, né”.

A associação da imprensa à esquerda e seu contínuo processo de descrédito pelo

discurso da direita brasileira evoca a memória discursiva do fascismo (STANLEY, 2018, p. 63). Isso colabora para a produção de uma “realidade alternativa” onde, por um lado, o e-leitor assume que “a verdade” significa única e exclusivamente o que está de acordo com as premissas difundidas dentro do grupo de identificação e de sua formação discursiva específica, sendo qualquer outra visão de mundo abordada como falsa, fabricada, “uma narrativa”; e por outro, o sujeito do discurso é elencado enquanto a única fonte confiável para se obter informações e se construir um repertório político-histórico. Isso não é, porém, um *efeito colateral* do discurso político a partir da posição-sujeito *youtuber* político; antes pelo contrário: *sua legitimidade*, como vimos, *depende* em grande medida deste movimento. Parafraseando uma vez mais:

As redes sociais conseguem destruir as falsas narrativas/mentiras da mídia,

logo,

Quem fala através das redes destrói as falsas narrativas/ mentiras da imprensa,

logo,

É necessário contar a História através das redes para impedir que a imprensa minta.

Aqui, o acontecimento enunciativo que cria tensão entre a posição-sujeito dominante – a posição-sujeito político tradicional – e a posição dissidente – posição-sujeito *youtuber* político – é o próprio funcionamento da plataforma e mais especificamente do capitalismo de plataforma, que obtém seus lucros, em parte, através do reforço dos sentidos acima destrinchados e, portanto, retroalimenta este processo em todos os níveis do ciclo discursivo.

A título de exemplo, o anúncio circulado no vídeo específico de onde foram extraídos os excertos que citamos – e presente em outros 3 dos 18 vídeos que compõem o arquivo de Nikolas Ferreira – traz a apresentação do aplicativo Movavi⁵⁸ (Tabela 1, linha 2), um programa para dispositivos móveis e *desktop* que, mesmo na versão gratuita, oferece diversas ferramentas intuitivas para edição de vídeo: “com nosso programa de vídeo completo, o único limite é a sua imaginação”. Ou seja, no mesmo vídeo onde Nikolas Ferreira trabalha a ideia de que a imprensa não é confiável e as informações precisam ser produzidas e circular de forma interna, a própria plataforma, através de anúncios lucrativos, está

⁵⁸ Movavi: movavi.com/android-video-editor.html

oferecendo formas de se tornar um editor de vídeo amador, sem complicações, com todas as ferramentas de um estúdio no próprio bolso do usuário para produzir o que quiser.

Há um reforço, através dos anúncios “neutros”, da ideia de que a realidade pode e deve ser compreendida enquanto o que está ao alcance da experiência empírica e imediata. No discurso do *youtuber* político, deve-se questionar e discordar de tudo o que não esteja em consonância com as filiações discursivas delimitadas pela ideologia *através do algoritmo*, acionando assim um ciclo retigráfico de enunciação e identificação onde a plataforma – e o sujeito do discurso que se plasma nela ao assumir a posição-sujeito *youtuber* político – torna[m]-se o ponto nevrálgico do real.

NFAD-09: “O **Bolsonaro**, ele *ganha nas redes sociais*, o **Bolsonaro**, ele *ganha nas ruas*, e ele só perde mesmo *no Datafolha*. Alguma coisa tá errada aí, né”.

Assim:

As redes sociais espelham a realidade → A rua, se mostrada através das redes sociais, espelham a realidade → Estar em dissonância com as redes sociais é estar errado → O Datafolha está errado pois não espelha a realidade.

O uso da palavra “Datafolha” funciona como metonímia, representando em si toda a imprensa hegemônica. A sugestão de que há algo errado com o “Datafolha”, com a imprensa tradicional no geral, reforça a descredibilização sem ter de ir muito longe.

As redes sociais espelham a realidade → A rua, se mostrada através das redes sociais, espelham a realidade → A imprensa hegemônica não está de acordo com as redes sociais → A imprensa hegemônica está errada → A imprensa hegemônica distorce a realidade que as redes sociais mostram.

A mídia tradicional, que é institucionalizada e curiosamente concebida enquanto um grupo político à esquerda neste discurso, evoca o imaginário neoliberal que caracteriza qualquer tipo de organização coletiva como um sinônimo de cerceamento da liberdade. As redes sociais são, assim, uma visão individual e portanto autêntica e verdadeira. Já o Datafolha representa um coletivo – de esquerda –, institucionalizado, tradicional,

não-autêntico, ou seja, falso, mentiroso.

Não estamos falando aqui de um efeito de pós-verdade, onde a verdade é abordada sob a ótica pós-estruturalista. Estamos lidando com uma posição-sujeito do discurso político que é dissidente e que, em seu tensionamento com a posição-sujeito dominante da FD da direita tradicional, *só reconhece* os dizeres que sejam reiterados, passíveis de circular e fazer sentido por meio da materialidade digital, estabelecendo, assim uma relação diferenciada com a ideologia, que centra e legitima o indivíduo para além do personalismo, num *individualismo biônico*, que assimila o digital, sua ordem e seu discurso, porém, e de forma mais grave e marcante, mascara exatamente esta instância no processo.

“Ele *só perde* mesmo no *Datafolha*. Alguma coisa *tá errada* aí” é uma marca discursiva que também evoca a memória fascista ao compor-se a partir do anticientificismo. Ao trazer as análises do filólogo Victor Klemperer a respeito do funcionamento da língua no Terceiro Reich, o linguista Carlos Piovezani e o historiador Emílio Gentile explicam que existe uma “onipresença” acerca “de um anti-intelectualismo entre os nazistas”, e que em seu programa pedagógico, Hitler relega “a formação intelectual e seu conteúdo científico” ao último lugar na lista de necessidades, “sendo admitidos a contragosto, com desconfiança e desprezo” (KLEMPERER, 2009, p. 39-40, apud PIOVEZANI & GENTILE, 2020, p. 27).

Ainda de acordo com Piovezani, Gentile e Klemperer, “uma faceta correlata do desprezo pelos universos intelectual, científico e artístico é ‘o culto da ação pela ação’”, que seria “bela em si”, em contraposição ao pensamento e a cultura, que se colocam, a partir desta ótica, enquanto uma “castração” (PIOVEZANI & GENTILE, 2020, p. 28). E não haveria de ser diferente: “pensar”, desenvolver uma teoria ou uma ponderação, geralmente se dá a partir do compartilhamento de informações, com a troca e a doação de tempo e esforços em um movimento coletivo. E como vimos, coletivo, na lógica neoliberal, é considerado um atentado à “liberdade”, a morte dela, em última instância.

NFAD-10: “você pode perceber que **todos**, né, **exceto o [ex] presidente [Jair Bolsonaro]**, **respondiam com *politiquês***, né, [...] Sendo que [...] **é diferente quando você vive algo**, sabe? Ele já *vive aquilo na vida dele*, **então simplesmente ele foi lá e mandou a verdade** pra todo mundo”.

O “politiquês” não tem espaço quando se fala a partir da posição-sujeito *youtuber* político; o “politiquês” reflete à compostura, aos acordos estabelecidos num discurso do Direito que não cabe num discurso político fundamentalmente atravessado pelo digital. O político formal, tradicional, evoca o limite – e o neoliberalismo, imperialista por essência, não pode funcionar pela ótica do findável. A filosofia primeira que norteia e embasa as condições

de enunciação do discurso político a partir do digital, tal como estamos vendo aqui, parte da acumulação infinita; freios e barreiras não compõe este léxico ontológico, essa formação discursiva e ideológica. O “polítiquês”, neste sentido, carrega consigo as marcas da institucionalidade, do funcionamento e da disputa organizada, e portanto é inautêntico, instiga o efeito de mentira; em especial, não é capaz de simplificar, de plasmar todas as camadas psico-sócio-históricas da “vida”, ou de qualquer que seja o assunto a ser tratado. O discurso político dominante falha em sintetizar, em representar a unicidade na imagem e na fala, e assim não pode ser lido enquanto verdadeiro.

Nas palavras de Piovezani e Gentile, “para o fascismo, a complexidade deve ser banida, e a réplica crítica e o desacordo são vistos como uma traição” (PIOVEZANI & GENTILE, 2020, p. 28). Aqui, a simplificação do discurso político enquanto duplo requisito tanto de funcionamento da engenharia de circulação da própria plataforma quanto de retificação do efeito de autenticidade, além de evocar o anticientificismo e rasterizar as discussões de forma equivalente ao discurso fascista, ainda promove um efeito de *distinção* do sujeito do discurso e dos e-leitores com ele identificados.

Isso porque o discurso ultraconservador e o discurso ultraliberal trabalham na mesma medida, ainda que a partir de sentidos diferentes, com o conceito de *excepcionalidade* – o “povo de Deus” e os “grandes empreendedores” se destacam *das e nas* grandes massas; são os herdeiros do reino dos céus ou da Forbes; não são iguais ou equiparáveis, e celebram a desigualdade enquanto um aspecto natural da humanidade. Assim, ao ser empregado no discurso político e atravessado pelo discurso digital a partir da posição-sujeito *youtuber* político, o sentido de “excepcionalidade” passa a estar atrelado à plataforma e aos significados que a constituem. O sentido de “superioridade”, de “excelência” e “distinção”, tornam-se interdependentes do reconhecimento da plataforma como a ferramenta que viabiliza este nível de elevação individual no capitalismo de plataforma; é superior quem tem a coragem de se dizer e se identificar a partir daquele espaço “contra-hegemônico”, “autêntico”, “neutro” e “transparente”.

AVAD-01: Por isso que você que tá aqui nesse canal, você é demais, cara. Talvez você nem saiba o quanto diferenciado você é. [...] Você que tá aqui é muito diferente, sei lá, de 80% do Brasil. Você é diferente de 99% da classe política brasileira, das lideranças políticas. Você não se ajoelha, cara; você não se ajoelha. E você não merece nada menos do que o que a gente te apresenta. Beleza?

Essa “superioridade” atrelada à escolha racional é apresentada como um fardo – remontando à memória discursiva do *fardo do homem branco* de colonizar e de catequizar, ou

até mesmo à *cruz* que Jesus carregou de forma abnegada. É uma recorrência, por exemplo, que Arthur do Val se refira aos seus vídeos como responsáveis por estragar o dia dos e-leitores – em nosso arquivo contabilizamos cinco títulos ou frases de abertura onde ele faz essa menção. A ignorância é significada como uma benção, mas *escolher* o conhecimento é estar *além do óbvio*, é ser um mártir, um herói de moral e comportamento superiores; trata-se de um atributo distintivo, *conquistado* de forma *deliberada e consciente*, que “não é pra todo mundo”, “não é para os fracos” e que requer a exibição de grande “força”.

AVAD-12: “Nesse vídeo aqui nós vamos **para além do óbvio** [...], esse é aquele tipo de vídeo que **não é pra todo mundo**, beleza? Esse é aquele tipo de vídeo que se você ‘tiver a fim de ficar, sei lá, **feliz aí na ignorância, para o vídeo agora**. Agora, se você continuar, **você vai ser, junto comigo, amaldiçoado pelo senso crítico** além do óbvio.

Em mais uma associação com o discurso fascista, temos aqui mobilizado o ideal da guerra constante, do *viver para lutar* e não *lutar para viver*, onde “o pacifismo é mal porque a vida é uma guerra permanente” (ECO, 2018, p. 52). Por sua vez, os sentidos do combate infinito mobilizados no discurso político digital viabilizam, em certa instância, o processo de despolitização necessário à estruturação da ideologia neoliberal, e operam, também, impelidos pelo próprio funcionamento da plataforma.

Isso porque, em primeiro lugar e como vimos, o simplismo – e não a simplicidade, haja vista – rasteriza o discurso para empregar-lhe um caráter autêntico, enquanto os algoritmos de circulação do YouTube favorecem a dinamicidade e a capacidade de manter a atenção do usuário, priorizando portanto vídeos que *engajam* em detrimento daqueles que *ensinam*.

Em segundo lugar, o processo de serialização de um *youtuber* político gera lucro à medida que o transforma em arquivo; dessa forma, o embate, a constante alimentação de um furor bélico, de um ideário de disputa que nunca arrefece, ao mesmo tempo em que terceiriza a luta política dos sujeitos políticos atuando em coletivo para o sujeito do discurso na plataforma, ainda extrai valor a partir do consumo e das interações do e-leitor com o conteúdo (RAULINO, 2020), num processo potencialmente viciante⁵⁹, que oferece satisfação imediata por uma contribuição mínima, mas suficientemente mensurável, para com uma pauta que é cara para o e-leitor e/ou para a sociedade no geral.

Em resumo, o discurso bélico articulado a partir da posição-sujeito *youtuber*

⁵⁹ **C.f.:** LANIER, Jaron. "Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais". Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

político, gera no e-leitor a compreensão de que o engajamento na rede é uma *ação tomada*, o oposto de uma *postura omissa*, e assim despolitiza e arrefece o ímpeto de conflito que a ideologia neoliberal trabalha para manter sob controle.

Há que se salientar aqui a distinção entre os discursos bélicos nos dois discursos estudados. Nikolas Ferreira, como dito anteriormente, fala a partir de um discurso ultraconservador. O deputado estrutura seu dizer no que o doutor em teologia, Eliseu Pereira, chama de “teologia do domínio”, programa político e teológico que se coloca enquanto “vaso comunicante” capaz de atravessar as diferenças e contradições dos evangélicos para uni-los num projeto expansionista, neocolonial e essencialmente violento (2023). Neste discurso, a guerra que fica evidenciada é uma guerra *santa*, baseada em liturgias bíblicas, que pode até tangenciar os ideais de acúmulo e meritocracia do discurso ultraliberal, mas em última instância está norteado pelo caráter místico da existência humana.

AVAD-02: “Os caras têm canhões, os caras têm a imprensa, os caras têm as tias de WhatsApp, os caras têm os robôs do Twitter, e você? Você tem o que? Você que- você que é mais inteligente do que isso. Você tem o que? Você tem pouca coisa, cara. Você tem, por enquanto, esse canal aqui, por exemplo. Você tem, por enquanto, o meu Instagram, o Instagram do MBL, os grupos de Whatsapp do MBL.

NFAD-11: “É realmente uma guerra espiritual muito forte, [...] essa guerra realmente não é pros fracos. A porta continua estreita, e muitos cristãos infelizmente vão acabar cedendo a pressão do coletivo”.

Enquanto a guerra de Arthur do Val está pautada nos aspectos tecnocratas das disputas, Nikolas encara os atritos como vindos de outro plano – de um lugar além da “porta”. Em ambos os casos os sujeitos do discurso sugerem uma luta pela tomada do presente, mas enquanto a temporalidade do discurso de Arthur assume o caráter projecionista para o futuro, Nikolas tem a certeza de que há um ponto final na caminhada. As linhas temporais dos sujeitos do discurso aqui distinguem: uma parte do ultrapassado para o moderno, enquanto a outra vai do Gênesis ao Apocalipse. A disputa, de qualquer forma, é decisiva e fatal – a derrota implicaria retrocesso e condenação, ao passo que a vitória representaria progresso e salvação.

Apesar da distinção, tanto o discurso bélico pautado na guerra cultural, quanto o discurso bélico baseado na guerra santa, retroalimentam e viabilizam a existência retigráfica do sujeito do discurso posicionado de forma dissidente dentro da formação discursiva por conta do digital. Em outras palavras, a posição-sujeito *youtuber* político depende fundamentalmente deste discurso, uma vez que a identificação e a segmentação dos e-leitores

estão na base do lucro constante e imediato que contemplam tanto para os donos do capital no controle da plataforma, quanto os sujeitos do discurso que através dela fazem circular – e assim rentabilizam – seu discurso político.

Esse processo é muito dependente da transparência da plataforma, que, ao criar câmaras de eco a partir das formações algorítmicas que costumam refletir o que o usuário e o sujeito do discurso experimentam empiricamente na forma de comentários, anúncios e recomendações, reforçam tanto a ideia de identificação entre e-leitor e sujeito do discurso, quanto a ideia de honestidade/genuinidade, pois o aferível materialmente retorna em forma de verdade através das “preferências”.

NFAD-12: Hoje eu alcanço **mais de 400 milhões de pessoas só no meu Instagram** de forma mensal, então realmente **eu utilizo isso pro bem**. [...] Então eu acho que **a primeira coisa é essa, é consagrar ao Senhor**, porque quando eu for pelas minhas forças, aí eu tô errado.

Aqui Nikolas articula o discurso cristão a partir da posição-sujeito *youtuber* político, ocultando o fato de o alcance, a entrega dos conteúdos, a forma de circulação, as redes discursivas que operam por uma formação algorítmica serem atravessadas fundamentalmente pelo capital – é a partir do capital que se impulsiona as postagens e são os detentores do capital quem delineiam as FA. Por outro lado, sua performance é colocada aqui como uma intervenção divina. Sendo a rede social “neutra”, neste discurso, ela é o sujeito do discurso que fala através dela; se o sujeito aqui é guiado por Deus, obviamente seus dizeres e sua imagem serializada também serão.

Outro exemplo latente do reforço da identificação através não apenas do discurso direcionado, mas do funcionamento da plataforma em si, está num recorte de Arthur do Val:

AVAD-07: **Ciro Gomes, um cara inteligente, um cara que fala bem.** Não dá pra falar que ele foi mal, só que ele **perdeu muita oportunidade**. Né, pra você ter uma ideia, teve uma hora, teve um momento que ele tava interagindo com o Bolsonaro... **De tudo que tinha pra falar do Bolsonaro**, de tudo, de tudo, de tudo, **ele escolhe falar de fome. E fica lá falando de fome, fome, fome, fome.** E solta número, e solta dado, **e fome e fome”**.

O patrocinador do vídeo do qual este recorte foi extraído é um navegador desenvolvido especialmente para *gamers* – jogadores de jogos *on-line* – (Tabela 2, linha 8), um público que muito provavelmente não sabe o que é fome, que não empatiza com esse discurso, e que repercute essa visão alheia ao sofrimento que não lhe diz respeito a partir dos comentários.

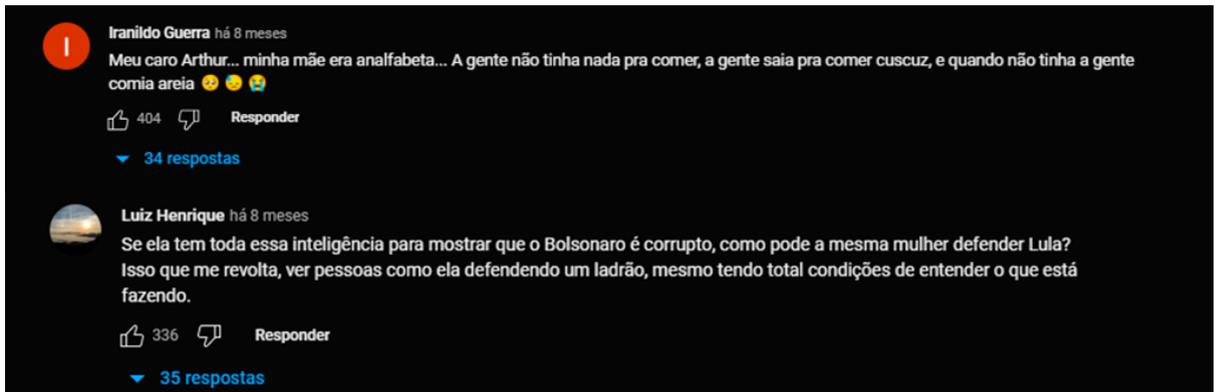


Figura 9: Compilação de comentários em vídeos de Arthur do Val 2: e-leitores identificados com o discurso.

Fonte: pesquisa.

Esse é um processo que tanto dessensibiliza as redes, borrando certos limites de empatia, quanto trabalha novas formas de sentido entre sujeito do discurso e ideologia, uma vez que a posição-sujeito dissidente aqui inverte o foco de incidência do discurso político, abandonando as generalizações necessárias à comunicação para grandes públicos e adotando, em seu lugar, um enunciado multitextual e segmentado, cristalizando e elevando a ideologia individualista do neoliberalismo ao seu ápice na contemporaneidade. Ilustremos de novo com do Val:

AVAD-08: A CLT [foi criada] numa época em que você tinha a maioria de *analfabetos no Brasil*, então *assumia-se* que *o trabalhador não era capaz de defender seus próprios interesses* [...] A diferença é que *hoje a realidade do Brasil é completamente diferente*. É óbvio que você tem *uma parcela da população ainda ignorante*, só que a gente precisa *reconhecer que existem Brasis diferentes* [...].

AVAD-09: “Hoje é *diferente, cara* [de quando era quando se instituiu a CLT e, eu cito, “a maioria dos trabalhadores era analfabeta e incapaz de defender seus direitos”]. *Hoje um prestador de serviço de TI muitas vezes ele tem que trabalhar domingo às três horas da manhã, e segunda-feira meio-dia ele não tem que trabalhar*”.

Os Brasis diferentes a que do Val se refere evocam elementos da memória discursiva economicista, que não levam a materialidade em conta, mas trabalham a partir da quantidade, de números imaginários atrelados à macrorregiões, que representam muito e significam pouco na prática do dia a dia, como por exemplo o Produto Interno Bruto. Tal como colocado por Guilbert (2020), esta é a aplicação de um léxico neoliberal para que naturalizada enquanto imutáveis escolhas políticas ideologicamente direcionadas.

Essas “realidades” referidas no discurso de do Val reforçam uma concepção

empirista da realidade, retroalimentando as antecipações entregues pelas formações algorítmicas e sendo deliberadamente exploradas pela posição-sujeito ao falar.

No *print* a seguir, vemos a propaganda que circula junto ao mesmíssimo vídeo de onde retiramos o recorte anteriormente mencionado; o Banco Inter apresenta ao e-leitor de do Val opções de conta corrente e poupança para Pessoa Jurídica e Microempreendedor Individual, agora com condições especiais de juros e crédito (Tabela 2, linha 6).



Fonte: MAMÁEFALEI, “Ciro Gomes No Jornal Nacional 2022”, 24 ago. 2022. Disponível em: <youtu.be/O6dOiLCBBBo?si=jCoGVLxE88pntYJQ>. Acesso em: 3 jan. 2024.

Não há uma tentativa, portanto, de convencer o interlocutor de que todos são iguais, de que todos podem vender o fruto do seu trabalho igualmente e receber de forma digna para isso. O argumento dorsal desta ideologia é o de que a humanidade é “naturalmente” desigual; quaisquer tentativas de evocar uma homogeneidade passa a distanciar o sujeito do discurso da interpretação assentada da realidade. É necessário, e agora sob o funcionamento do algoritmo passa a ser *viável*, invocar, falar para e a partir do indivíduo. Como agravante, o *design* da plataforma reforça o efeito de concordância, a sensação de unísono e razoabilidade, de reiteração da realidade empírica, através da constante plateia nos conteúdos que se colocam enquanto comícios *online*.

Como posto anteriormente, a quantidade, estabelecida e direcionada pelo funcionamento do próprio algoritmo da plataforma, reitera certos pontos, certas abordagens

em relação ao discurso e às figuras que o proferem. Os comentários trabalham, neste sentido, como reações específicas que interferem no processo de significação do e-leitor, estreitando as possibilidades de um retorno simbólico espontâneo.

Seja de forma orgânica ou artificial, os comentários têm influência direta nas formações imaginárias específicas antecipadas sobre as figuras dos *youtubers* políticos. Isso porque os dizeres dos outros e-leitores sempre estarão disponíveis – apesar de poderem oscilar entre si em relevância e visibilidade – para que uma discussão ou pesquisa possa ser feita a partir de uma rede de dizeres inscritos na memória metálica da máquina, pronto para tornar-se o que Cristiane Dias chama de memória digital (2018).

Diferentemente da memória discursiva, que se coloca enquanto interdiscurso, como aquilo que embasa tudo o que já foi e pode ser dito, a memória metálica é, para Orlandi (2006), o dizer infinitamente repetível, cujo sentido se dá a partir da circulação e reprodução horizontal, *ad nauseam*, que significa a partir da quantidade e não da historicização. Já a memória digital é, nas palavras de Dias (2018, p. 161) “o lugar da contradição, onde a memória escapa à estrutura totalizante da máquina, saindo do espaço da repetição formal e se inscrevendo no funcionamento do interdiscurso”. Em outras palavras, “a memória digital é o lugar da deriva que, pela textualização digital, inscreve o dizer em uma determinada formação algorítmica ou rompe com ela” (idem.).

Assim, os comentários mais ou menos similares, cujo sentido do dizer se estrutura a partir de uma formação discursiva muito específica, comungando e se significando a partir de um interdiscurso, de uma memória discursiva certa, faz sentido a partir de seu excesso. O e-leitor encontra ali formas de identificar e abordar os *youtubers* políticos que se cristalizam a partir da reiteração, do acúmulo de muitas “vozes” que só existem, só funcionam da forma como funcionam sob a lógica do digital.

Enquanto em tempos passados exigia-se que duas ou mais pessoas dispusessem do mesmo espaço ou engajassem numa mesma discussão presente para que esse tipo de troca fosse feita, agora, através da plataforma, existe a possibilidade real de se formular debates inteiros de forma ubíqua, com acesso ao que foi dito anteriormente e em outro espaço, utilizando-se de sentidos outros que nascem especificamente da materialidade digital, e que tecem suas teias de significado através da repetição, da quantidade.

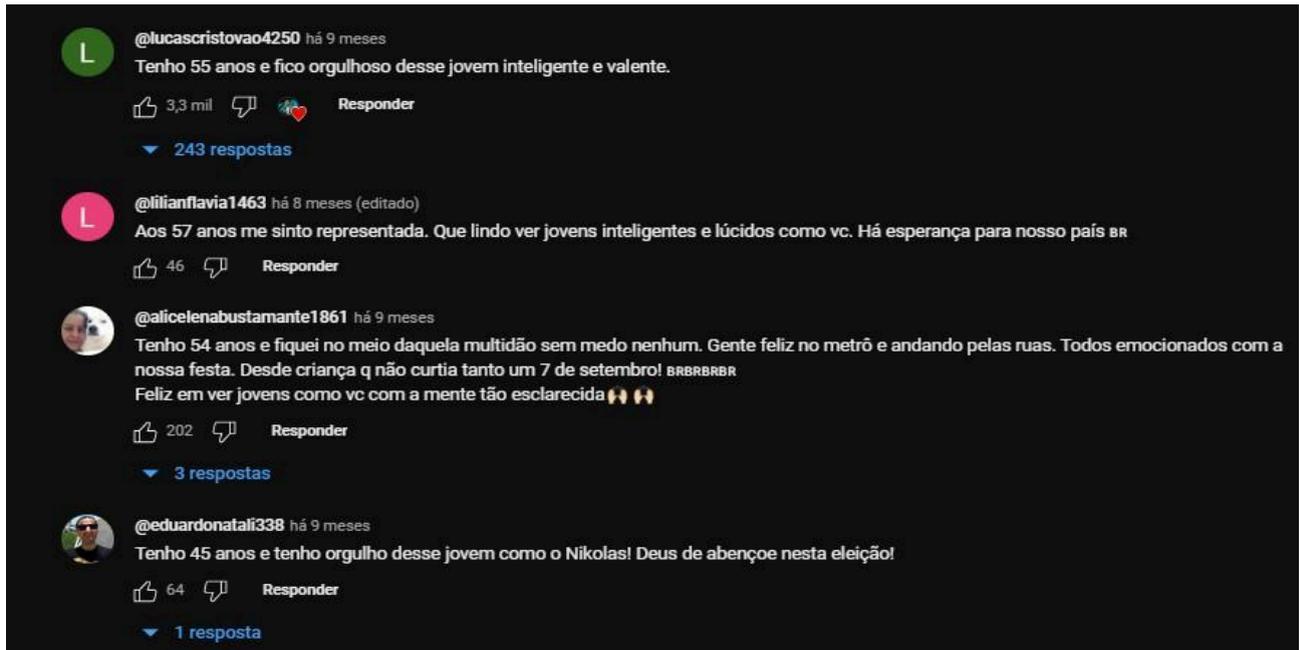


Figura 11: Print original de comentários – Nikolas Ferreira 1: e-leitores suspeitos.

Fonte: pesquisa.

Os comentários nos vídeos de Nikolas têm ainda uma particularidade que as discussões sobre o conteúdo de Arthur não têm. As falas ali presentes, que supostamente partem de seus e-leitores, são, em grande medida, muito parecidas. Elas indicam idade, localização e história de vida dos usuários, com *nicknames* sequencializados, numéricos, similares às contas automáticas que geralmente são utilizadas para garantir impulsionamento nas redes sociais digitais. Para além, é de se destacar que em seus 18 vídeos analisados para este trabalho, Nikolas Ferreira acumula uma média de 7 milhões de visualizações e 85,8 mil comentários *por vídeo*, enquanto Arthur do Val, que soma 1,27 milhão de inscritos *a mais* em seu canal, possui uma média de apenas 182 mil visualizações e 1.945 comentários em cada um de seus 40 vídeos analisados.

Não é a intenção deste trabalho provar que o engajamento de Nikolas Ferreira é gerado por máquinas. No entanto, essa mera possibilidade desenha outras questões caras à pesquisa, como a articulação do funcionamento da plataforma enquanto um meio para difundir conteúdos específicos de uma forma deliberada e sujeita ao capital. A injeção de dinheiro para gerar mais *views* e, dessa forma, se utilizar do funcionamento obscuro do algoritmo para ganhar proporção e aderência junto ao público, permite àqueles que possuem receita o suficiente interferir de forma definitiva na estruturação de formações imaginárias de um sem-número e-leitores, através da influência sobre as formações algorítmicas.

Ignorar este tipo de questão, contudo, é uma necessidade quando se pretende

manter o funcionamento da plataforma transparente e neutro.

AVAD-13: “E ele [Lula] **colocou o “nós contra eles”** não só dentro dos políticos, ele colocou o “nós contra eles” **na população**.”

NFAD-14: “O Lula simplesmente disse que **o Agro é fascista**. **Manda esse vídeo aí pro tiozão do Zap** que ele, ó! Vai apertar 22 mais forte ainda”.

Arthur escolhe ignorar a atuação do algoritmo que o favoreceu nos recortes anteriores para, em contrapartida, imputar a Lula o papel de agente polarizador discursivo; ele exime o funcionamento de seu discurso da influência da plataforma, e de forma inversamente proporcional acusa o campo politicamente antagônico ao seu de atuar nesse processo de segmentação social. No caso de Ferreira, além de se aproveitar da rasteirização do discurso para articular sentidos polêmicos em seus e-leitores, ainda há a atuação da plataforma que entrega o conteúdo direcionado, lucrando com isso: um dos anúncios no vídeo de onde o recorte foi extraído tratava da “semana do aposentado” numa casa de venda de aves domésticas (Tabela 1, linha 3); o “tiozão do zap” foi um alvo duplamente calculado: tanto enquanto e-leitor quanto como possível consumidor.

Para além, um ponto importante a ser considerado em nossas análises é a forma como a banalização da violência política cumpre um papel crucial no desdobramento da posição-sujeito *youtuber* político. Através, mais uma vez, do efeito de “autenticidade”, opera-se um processo de normalização de ofensas e crimes, que embora possam ser veiculados também fora das plataformas digitais, são constituídos e formulados para circular sem freios jurídico-institucionais precisamente nelas.

AVAD-10: “O vídeo de hoje **é de treta!** Então assiste, **porque eu sei que você gosta**”.

NFAD-04: E obviamente **essas confusões** **aí que acontecem** [*uma briga de caráter físico durante um dos debates entre os presidenciáveis em 2022, envolvendo assessores e parlamentares em socos e empurrões*], **faz parte dessa briga política**. E pra quem acha que, “aí, não, **isso é só treta, isso é confusão**”, **a gente está lidando com criminosos**, com ***bandidos, pessoas que não têm escrúpulos nenhum***, tanto na fala quanto de atitudes, e a **gente não pode ter ali uma- uma guerra moderada contra o mal**. Não, pelo contrário, **a moderação da verdade é um serviço prestado à mentira**.

Temos, portanto, que, brigas fazem *parte* do jogo político, são naturais, devem ser normalizadas. A moderação, por outro lado, é inimiga da verdade, ou ainda, uma mentira completa.

Minimizar um confronto físico entre assessores e parlamentares nos bastidores de um debate de presidenciáveis coloca o caso no nível da banalidade, ou pior, eleva-o ao

patamar de dever, de um papel a se assumir na “guerra” – cultural ou santa. Há uma legitimação da violência ao removê-la do campo do absurdo para colocá-la no campo do entretenimento, ou ainda, ao alçá-la ao posto de comportamento desejável.

Tal como colocado por Piovezani e Gentile (2020), para o funcionamento do fascismo histórico ou o nosso “fascismo comum” – “são fundamentais as relações entre o pensamento e as experiências de ódio e entre a linguagem e as ações violentas” (p. 45). A banalização e a anuência de determinados pensamentos, através da linguagem, materializam a ideologia, transicionam e cristalizam o dizer no agir. Ainda citando Piovezani e Gentile, trata-se, portanto, “de uma verdadeira política do direito ao ódio e do ódio como exercício legítimo da política” (idem.).

AVAD-11: “Porque pra gente continuar nessa jornada, cara, o que eu peço pra você, que foi um vício que eu inclusive ajudei a criar, é que você não me trate como você trata alguém do bolsonarismo ou alguém do lulismo. E por que eu tô falando isso? Eu não vou roubar dinheiro, eu não vou ser desonesto, eu não vou trair o projeto, mas eu vou errar. [...] Você vai tá ali, pra mim? Você vai tá ali me apoiando quando eu arrumar briga, quando as coisas acontecerem? Você vai tá ali? [...] Você que acredita no que eu tô fazendo, você não pode me tratar da mesma forma que você trata os nossos inimigos.

NFAD-05: “Eles estão vindo, vão- vão, aí, converter os seus filhos e obviamente as crianças são os maiores alvos aí dessa galera [de esquerda] [...] E eu peço por favor pra que você compartilhe esse vídeo, para que você curta, você comente pras pessoas, pra alertar a igreja”.

Nos termos da Raulino, a própria circulação e consumo de conteúdo nas redes forma uma mais valia expropriada de quem a produziu (2020). O “acompanhamento” da figura do *youtuber* político, o processo de “estar lá”, “compartilhar”, de “assistir”, é uma materialização da identificação – da lealdade – que também significa engajamento, e isso, na ordem do capitalismo de plataforma, é geração de capital.

Tal como vimos anteriormente em alguns pontos desta pesquisa, na atual configuração do sistema de produção em que vivemos, de forma exponencial e cada vez mais rápida, as plataformas estão concentrando a infraestrutura de comunicação social a partir de tendências monopolistas (SRNICEK, 2016), cristalizando o que Dias (2018), através de Pêcheux (2008), diz ao classificar o digital enquanto “o grande sistema lógico-portátil no qual todos os outros se convertem”. O capitalismo de plataforma se mostra, portanto, enquanto a base a partir da qual o agir político passa a ser mediado por uma empresa que se mostra não apenas transparente em seu processo de atuação e influência na sociedade, mas que, de forma ainda mais grave, se sedimenta no imaginário coletivo e no funcionamento do Estado de Direito enquanto elemento *sine qua non*, evidente e incontestável, de circulação e de

existência para sujeitos e discursos.

O processo do fazer-político dentro das redes se torna fonte de lucro, ao mesmo tempo em que deslegitima as disputas sócio-culturais e institucionais que acontecem fora delas. Ao passo que a imprensa e as mídias tradicionais são vistas como “inautênticas” e conseqüentemente “desonestas” por manterem um protocolo de ética – ainda que mínimo a depender do veículo –, as plataformas operam de forma majoritariamente desregulada, alheias aos limites da civilidade e até mesmo do código penal.

A posição-sujeito *youtuber* político que fala constituindo, formulando e circulando a partir destas plataformas, o faz adotando sua sua ideologia estruturante – o conceito de que o ato do dizer equipara-se ao ato de ser livre; a noção de que o choque reflete em engajamento, e engajamento significa dinheiro. O fazer-político se torna, como sintoma e causa do neoliberalismo, midiaticizado e monetizado por um lado, e passível de terceirização por outro; é uma ação individual, mesmo que possa ter pontos coletivamente organizados.

Em suma, e para finalizar, compreendemos aqui que a plataforma – e o capitalismo de plataforma – ao centralizar e digitalizar o máximo de aspectos existenciais e experiências sociais possíveis, ao potencializar os palanques ao mesmo tempo em que se remove as restrições sócio-jurídicas, e ao permitir que se siga dizendo, siga ganhando, siga circulado, independentemente *do que* se fale, é o que, enquanto acontecimento enunciativo, possibilita que a posição-sujeito *youtuber* político crie um novo tipo de relacionamento e novos sentidos fundantes entre sujeito do discurso e ideologia que o assujeita, substituindo os limites do jurídicos, do Direito, pelos limites – ou não limites – do dinheiro, do capital.

3.3 Para efeito de conclusão

A síntese formulada nesta pesquisa passa pela compreensão de que o discurso político, quando atravessado pelo discurso digital, cria tensão na posição-sujeito dominante da FD até que essa se desdobre numa posição-sujeito dissidente, a partir da qual o sujeito do discurso será instado a relacionar-se de forma ainda mais simbiótica com a ideologia neoliberal; no que tange aos efeitos sobre o e-leitor, estes são de uma desmobilização mobilizada – uma mobilização coletiva voltada ao individualismo; uma desmobilização coletiva organizada a partir de um grupo.

Trabalhando um efeito de autenticidade através de uma compreensão tão radical do indivíduo quanto àquela dos primórdios iluministas, a engenharia da rede social aqui estudada cria nichos de conteúdo segmentado, valendo-se da máxima da liberdade de

expressão para equiparar as instâncias do “fazer circular” às do “ser”, plasmando – sublimando, centralizando, achatando – sujeito e conteúdo em algo unívoco, norteados pela lógica da acumulação e capital, ainda que esta possa ser antiética e imoral.

Ao enunciar a partir da posição-sujeito *youtuber* político, o sujeito do discurso constitui e formula seu discurso estando desde já alinhado ao funcionamento da plataforma, submetido à ela e compreendendo-se como parte dela – tornando-a transparente e neutra, despolitizada e acima de qualquer juízo político. Ao passo que o dizer se torna possibilidade de lucro – tanto para o sujeito do discurso quanto para os donos do capital que detém esta tecnologia em si –, a rede social se coloca enquanto viabilizadora monopolista da existência do discurso e do sujeito, assumindo a autoridade sobre o que as categorias de legitimidade e de realidade. Na base deste processo está funcionando de forma dialógica esta nova posição-sujeito, reiterando e sendo ratificada no próprio movimento de discursivização e assujeitamento.

Podemos concluir, a partir deste trabalho, que urge a necessidade de implementação e cumprimento de legislações acerca do funcionamento das redes sociais, bem como a regulamentação das plataformas que lucram com circulação de informação e entretenimento *online*. Com as elucubrações aqui desenvolvidas, podemos afirmar que a classe trabalhadora precisa disputar e assumir o debate sobre os rumos das tecnologias da comunicação enquanto protagonista, visando um desenvolvimento na área que seja transversal e esteja voltado à construção de uma realidade socialmente justa e humanamente digna. Entendemos, por fim, que o debate deste tópico dentro da academia é fundamental, ainda que não isoladamente suficiente, para fomentar uma articulação coletiva da sociedade civil em oposição à figuras e instituições que no cenário atual se utilizam das TICs para influenciar e ameaçar a memória, o presente e a possibilidade de futuro, legando às gerações atuais e vindouras apenas espólio e desterro. Esta foi nossa singela contribuição.

4. BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, G. **O "eu", a autoria e os vlogs: formas históricas do poder-dizer**. Seminário de Estudos em Análise de Discurso. 2015. (Seminário).
- ADORNO, G.; NOGUEIRA, L. **O sujeito discursivizado como empresa no Youtube: trabalho e condições (digitais) de produção**. In: SOBRAL; SANTANA NETO (Orgs.), Salvador em discurso: estudos discursivos. Feira de Santana, BA: UEFS Editora, 2013, p. 25-47. Leitura, [S.l.], v. 1, n. 76, p. 316–329, 2023.
- ADORNO, G; SILVEIRA, J. **Pós-Verdade e Fake News: Equívocos do Político na Materialidade Digital**. Anais Do SEAD, v. 8, pp. 1-6, 2018.
- ALMEIDA, S. L. de. **Neoconservadorismo e liberalismo**. In: In.: SOLANO, Esther (Org.). O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ALTHUSSER, L. **Sobre a reprodução**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- AMARAL, M. A nova roupa da direita. **Agência Pública**, 23 jun. 2015. Disponível em: <<https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>>. Acesso em: 7 nov. 2023. 36. jun. 2023.
- AMARAL, Priscila Cavalcante do; VINHAS, Luciana Iost. **12. Discurso Transverso**. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Org.) Glossário de termos do discurso. 1ª Ed. Campinas: Pontes, 2020.
- BIROLI, F.; MANTOVANI, D. **A parte que me cabe nesse julgamento**: a Folha de S. Paulo na cobertura ao processo do “mensalão”. *Opinião Pública*, v. 20 n.2, pp. 204-218, 2015. Disponível em: <periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8641549>. Acesso em: 7 nov. 2023.
- BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente 4ª Ed. São Paulo: Politeia, 2023.
- CARREON, R. de O.; BARONAS, R. L. **Lives presidenciais**: reflexões iniciais sobre o discurso político digital. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 541–561, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i3.1731. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1731>. Acesso em: 7 nov. 2023. 6 nov. 2023.
- CASARA, Rubens. **Precisamos falar da “direita jurídica”**. In.: SOLANO, Esther (Org.). O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.
- CASIMIRO, F. H. C. **A Nova Direita No Brasil**: aparelhos de ação político-ideológica e a atualização das estratégias de dominação burguesa (1980 – 2014). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense. Niterói, p. 479. 2016.
- CASIMIRO, F.H.C. **As classes dominantes e a nova direita no Brasil contemporâneo**. In.: SOLANO, Esther (Org.). O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.
- CARAPANÃ. **A nova direita e a normalização do nazismo e do fascismo**. In.: SOLANO, Esther (Org.). O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

COURTINE, J. J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. 1a. Ed. São Carlos: EdUFSCAR, 2009.

_____. **Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública**. 1a. Ed. São Carlos: Claraluz, 2006.

DANIEL, B. CARREON, R. O. **Regionalização de dizeres negacionistas no youtube: um ensaio sobre o funcionamento das formações algorítmicas**. No prelo.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DIAS, C. **A materialidade digital da mobilidade urbana: espaço, tecnologia e discurso**. *Linguas e Instrumentos Linguísticos*, n. 37, jan-jun, 2016.

_____. **Análise do Discurso Digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes, 2018.

_____. **Circulação e produção: quantidade na materialidade digital**. In: FERNANDES, Célia Bassuma; GARCIA, Dantielli Assumpção. 1a. Ed. Campinas: Pontes, 2022.

_____. **Memória metálica. In.:** Enciclopédia virtual da Análise do Discurso e áreas afins. 2020. Campinas: UffTUBE. 2020. [vídeo]. (5 minutos). Disponível em: <youtube.com/watch?v=u0Pf4OXFwQw&ab_channel=enciDISUFFs>.

_____. **Textualidades seriadas: entre a repetição, a regularização e o deslocamento, o caso dos memes**. *Revista de la Sociedad Argentina de Estudios Lingüísticos*, 2019, pp. 55-74.

DOURADO, T. M. S. G. **Fake news na eleição presidencial de 2018 no Brasil**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

FERNANDES, S. **Sintomas mórbidos: a encruzilhada da esquerda brasileira**. 1.ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

FERRAGUT, G. **Mouvements souciaux et sens de la ville: la circulation du discours urbain par le numérique**. 2022. Tese (Doutorado) – Programa de Doutorado em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, cotutela com: Universidade de Gênova.

FISHER, M. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim de capitalismo?**. 1 Ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FRANCO, F. et al. **O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo**. In: SAFATLE, V.; SILVA JR., N. da; DUNKER, C. (Orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. 1a. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FREITAS, O. V. A. **O Movimento Brasil Livre**. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual de São Paulo. Araras, p. 87. 2018.

INDURSKY, Freda. **Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso**. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.). *Práticas Discursivas e identitárias. Sujeito & Língua*. Porto Alegre, Nova

Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008. (Col. Ensaios, 22).

JOATHAN, I; REBOUÇAS, H. **Campanha permanente em busca da Presidência da República**: as estratégias de comunicação de Jair Bolsonaro no Facebook 2015-2018. ECCOM, São Paulo, v.11, n.22. p.377-398, jul./dez.

KALIL, R. B. **A regulação do trabalho via plataformas digitais**. São Paulo: Blucher, 2020. Disponível em: <https://juslaboris.tst.jus.br/bitstream/handle/20.500.12178/192691/2020_kalil_renan_regulacao_trabalho.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 7 nov. 2023. 23 jul. 2023.

LENIN, V. I. **O Estado e a revolução**: a doutrina do marxismo sobre o Estado e as tarefas do proletariado na revolução. São Paulo: Boitempo, 2017.

LÉON, Jacqueline; PÊCHEUX, Michel. **Análise Sintática e Paráfrase Discursiva**. In: ORLANDI, Eni P (Org.). *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. 1ª Ed. Campinas: Pontes, 2011.

LEWIS, R. **Alternative Influence**: Broadcasting the Reactionary Right on YouTube. Data & Society Research Institute, 2018. Disponível em: <datasociety.net/library/alternative-influence/>. Acesso em: 7 nov. 2023. 2 set. 2021.

MALDIDIER, D. **A Inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes. 2003.

MARANHÃO FILHO, E.; COELHO, FERNANDA, M. F.; DIAS, T. B. **Fake news acima de tudo, fake news acima de todos**: Bolsonaro e o kit gay, ideologia de gênero e fim da família tradicional. *Correlatio (Online)*, v. 17, p. 65-90, 2019.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 15 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

MESSENBERG, D. **A direita que saiu do armário**: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. In.: SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (Orgs.) *As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil*. 1 Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

MIGUEL, L. F. **A reemergência da direita brasileira**. In.: SOLANO, Esther (Org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

MISES, L. von. **Ação Humana**: um tratado econômico. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

MOURA, J. F. **Primeiro como farsa, depois como tragédia**: a construção da imagem do MBL em contraposição à alteridade. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

MUNDIM, P. S.; VASCONCELLOS, F.; OKADO, L.. **Social Networks and Mobile Instant Messaging Services in the Election of Jair Bolsonaro as President of Brazil in 2018**. *Dados*, v. 66, n. 2, 2023.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Conversa com Eni Orlandi. Teias, Rio de Janeiro, ano 7, n. 13-14, jan./dez. 2006.

_____. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. 13ª Ed. Pontes. Campinas. 2020.

_____. **Do sujeito na história e no simbólico**. In: ORLANDI, E. *Discurso e texto. Formulação e circulação dos sentidos*. 1ª. ed. Campinas: Editora Pontes, 1999.

PARAIZO, M. A. . **O governo Lula e o cumprimento da função geral do Estado diante das contradições de classe da formação social brasileira.** In: Seminário Interinstitucional Teoria Política do Socialismo – “Althusser: 50 anos lendo O Capital por Marx”, Marília, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 2a. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. **A propósito da análise automática do discurso:** atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 163-246.

PEREIRA, Eliseu. "Teologia do domínio: uma chave de interpretação da relação evangélico-política do bolsonarismo". **Projeto História**, São Paulo, v. 76, pp. 147-173, Jan.-Abr., 2023.

PIAIA, V.; OLIVEIRA, R. **Bolsonaro, entretenimento e política.** Compolítica, v. 12, n. 2, p. 87-112, 7 abr. 2023

PINHEIRO-MACHADO, R.; SCALCO, L. M.. **Da esperança ao ódio:** a juventude periférica bolsonarista. In.: SOLANO, Esther (Org.). O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

PINTO, C. R. J. **A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015).** In.: SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (Orgs.) As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil. 1 Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

PIOVEZANI, Carlos; GENTILE, Emílio. **A Linguagem Fascista.** 1ª Ed. São Paulo: Hedra, 2020.

RAULINO, G. **Capital e trabalho nas plataformas sociodigitais.** In: DANTAS, M., et al. O valor da informação: de como o capital se apropria do trabalho social na era do espetáculo e da internet. São Paulo: Boitempo, 2022.

REUTERS Institute; OXFORD University. **Digital News Report 2023.** NEWMAN, Nic; et al. (Orgs.), 2023. Disponível em: <reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2023-06/Digital_News_Report_2023.pdf> . Acesso em: 7 nov. 2023.

RIBEIRO, M. M. **Antipetismo e conservadorismo no Facebook.** In.: SOLANO, Esther (Org.). O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

ROCHA, C. **“Imposto é roubo!”:** A formação de um contrapúblico ultraliberal e os protestos pró-impeachment de Dilma Rousseff. In.: SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (Orgs.). As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil. 1a. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

SAFATLE, V. **A economia é a continuação da psicologia por outros meios:** sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In.: SAFATLE, V.; SILVA JR., N. da; DUNKER, C. (Orgs.). Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. 1a. Ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2021.

_____. **O circuito dos afetos:** corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. . Belo Horizonte: Autêntica. . Acesso em: 7 nov. 2023. 06 nov. 2023.

SAFATLE, V.; SILVA JR., N. da; DUNKER, C. (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico.** 1a. Ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2021.

- SANTOS, E. P. J.; SILVA, F. F. da S. **Análise do Discurso I**. São Cristóvão: CESAD, 2014.
- SILVA, D. P. da., et al., **Matrizes psicológicas da episteme neoliberal: a análise do conceito de liberdade**. In.: SAFATLE, V.; SILVA JR., N. da; DUNKER, C. (Orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. 1a. Ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2021.
- SOLANO, E. (Org). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2018.
- SOLANO, E.; ROCHA, C. (Orgs.). **As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil**. 1a. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.
- SRNICEK, N. **P Cambridge: Polity Press**, 2016.
- STANLEY, J. **Como funciona o Fascismo: a política do “nós” e “eles”**. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- TELES, E. **A produção do inimigo e a insistência do Brasil violento e de exceção**. In.: SOLANO, Esther (Org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- TELLES, H. **Corrupção, legitimidade democrática e protestos: o boom da direita na política nacional?**. In.: SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (Orgs.). *As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil*. 1a. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.
- THIERRY, Guilbert. **As evidências do discurso neoliberal na mídia**. 1ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.
- TOLEDO, C. N. P. de. **Partido dos Trabalhadores e governo Lula: a regressão da luta ideológica**. *Revista Crítica Marxista*, v. 1, n. 26, p. 117-138, 2008.
- WE Are Social; MELTWATER. **Digital 2023: Brazil**. KEMP, Simon (Org). 2023. Disponível em: <datareportal.com/reports/digital-2023-brazil>. Acesso em: 7 nov. 2023.
- YOUTUBE. Como o YouTube ganha dinheiro?, 2023. **Nossos compromissos**. Disponível em: <youtube.com/howyoutubeworks/our-commitments/sharing-revenue/>. Acesso em: 7 nov. 2023.
- YOUTUBE. YouTube Help: How ads show on videos you monetize, 2023. **Help Center**. Disponível em: <support.google.com/youtube/answer/7438625?hl=en>. Acesso em: 7 nov. 2023.

5. ANEXOS

5.1 Corpora

5.1.1. Recortes de Arthur do Val

AVAD-01: Por isso que você que tá aqui nesse canal, você é demais, cara. Talvez você nem saiba o quão diferenciado você é. [...] Você que tá aqui é muito diferente, sei lá, de 80% do Brasil. Você é diferente de 99% da classe política brasileira, das lideranças políticas. Você não se ajoelha, cara; você não se ajoelha. E você não merece nada menos do que o que a gente te apresenta. Beleza?

AVAD-02: “Os caras têm canhões, os caras têm a imprensa, os caras têm as tias de WhatsApp, os caras têm os robôs do Twitter, e você? Você tem o que? Você que- você que é mais inteligente do que isso. Você tem o que? Você tem pouca coisa, cara. Você tem, por enquanto, esse canal aqui, por exemplo. Você tem, por enquanto, o meu Instagram, o Instagram do MBL, os grupos de Whatsapp do MBL.”

AVAD-03: Você quer ver se um cara merece teu apoio? Na hora de defender o que acredita, ele tá disposto a perder pra isso, perder like, perder inscrito, ser xingado. Se sim, aí beleza, aí ele acredita [nos próprios princípios] mesmo.

AVAD-04: Este canal aqui é pra quem é forte, esse canal aqui não é pra quem quer notícias adocicadas vindas da Jovem Pan, ou vindas da Folha de São Paulo. Eu sou contra os dois [Bolsonaro e Lula]. É a posição mais difícil? É. Perde inscrito? Perde. Toma xingamento, é pressionado, é ameaçado de morte? É. Mas é o certo e eu vou me manter assim.

AVAD-05: “Se eu ‘tivesse a fim de agradar às maiorias, eu jamais, jamais faria os vídeos que eu faço. Eu tô aqui pra defender o que é certo, e o que é certo é isso.”

AVAD-06: “Essa nojeira. Política é foda, mano. Procure autenticidade, tá? Nos seus candidatos”.

AVAD-07: “Ciro Gomes, um cara inteligente, um cara que fala bem. Não dá pra falar que ele foi mal, só que ele perdeu muita oportunidade. Né, pra você ter uma ideia, teve uma hora, teve um momento que ele tava interagindo com o Bolsonaro... De tudo que tinha pra falar do Bolsonaro, de tudo, de tudo, de tudo, ele escolhe falar de fome. E fica lá falando de fome, fome, fome, fome. E solta número, e solta dado, e fome e fome”.

AVAD-08: A CLT [foi criada] numa época em que você tinha a maioria de analfabetos no Brasil, então assumia-se que o trabalhador não era capaz de defender seus próprios interesses [...] A diferença é que hoje a realidade do Brasil é completamente diferente. É óbvio que você tem uma parcela da população ainda ignorante, só que a gente precisa reconhecer que existem Brasis diferentes [...].

AVAD-09: “Hoje é diferente, cara [de quando era quando se instituiu a CLT e, eu cito, “a maioria dos trabalhadores era analfabeta e incapaz de defender seus direitos”]. Hoje um prestador de serviço de TI muitas vezes ele tem que trabalhar domingo às três horas da manhã, e segunda-feira meio-dia ele não tem que trabalhar”.

AVAD-10: “O vídeo de hoje é de treta! Então assiste, porque eu sei que você gosta”.

AVAD-11: “Porque pra gente continuar nessa jornada, cara, o que eu peço pra você, que foi um vício que eu inclusive ajudei a criar, é que você não me trate como você trata alguém do bolsonarismo ou alguém do lulismo. E por que eu tô falando isso? Eu não vou roubar dinheiro, eu não vou ser desonesto, eu não vou trair o projeto, mas eu vou errar. [...] Você vai tá ali, pra mim? Você vai tá ali me apoiando quando eu arrumar briga, quando as coisas acontecerem? Você vai tá ali? [...] Você que acredita no que eu tô fazendo, você não pode me tratar da mesma forma que você trata os nossos inimigos.

AVAD-12: “Nesse vídeo aqui nós vamos para além do óbvio [...], esse é aquele tipo de vídeo que não é pra todo mundo, beleza? Esse é aquele tipo de vídeo que se você tiver a fim de ficar, sei lá, feliz aí na ignorância, para o vídeo agora. Agora, se você continuar, você vai ser, junto comigo, amaldiçoado pelo senso crítico além do óbvio.

AVAD-13: “E ele [Lula] colocou o “nós contra eles” não só dentro dos políticos, ele colocou o “nós contra eles” na população.

AVAD-14: E olha só: os deputados que estão no congresso, eles vêm de onde? Eles saem de onde? Eles saem de Marte? De Saturno? Saem da Lua? Não, eles saem do nosso país. Eles são reflexos da nossa sociedade. E será que a nossa sociedade está pior? Porque assim, o congresso a cada vez que passa você vê que tá cada vez pior. Será que isso não é de fato um reflexo da nossa sociedade?

AVAD-15: As pessoas às vezes elas não querem a liberdade, porque com a liberdade vem a responsabilidade das suas escolhas, e muitas vezes as pessoas não querem isso.

AVAD-16: “Ele [Lula] fala o seguinte, ele fala muito bem, trocar a palavra “governar” pela palavra “cuidar”. Que isso pra mim é o símbolo da derrota do brasileiro. Ele está basicamente dizendo pra mim e pra você assim: ‘vota em mim porque você é um merda, entendeu? E você precisa de alguém pra cuidar de você. E eu sou político, eu sou o legalzão que vai cuidar da sua vida’. Que- que isso, velho? Que isso, cara? Eu não quero ser cuidado por um presidente! Tá? E muitas vezes as pessoas fazem essa opção, de se eximir das próprias responsabilidades, das próprias escolhas [...]”.

5.1.2. Recortes de Nikolas Ferreira

NFAD-01: Por que a mídia [...] continua a mentir de maneira descarada [...]? Goebbels [...] dizia que uma mentira se torna verdade quando ela é contada mil vezes, né. Então eles vão batendo, batendo, batendo... Até que, enfim, consiga ali mudar a narrativa”.

NFAD-02: “[...] Então assim, a gente precisa lutar, cara, de maneira absurda contra essa mídia escrota, e o que que acaba com eles? A gente sabe que que é [...]: o celular, né? O celular consegue, as redes sociais aí conseguem destruir essa falsa narrativa aí da mídia, né”.

NFAD-03: “Cê pode ser genuíno em ser errado, mas ainda assim as pessoas vão gostar de você se você for genuíno, né [...]”.

NFAD-04: E obviamente essas confusões aí que acontecem [uma briga de caráter físico durante um dos debates entre os presidenciáveis em 2022, envolvendo assessores e parlamentares em socos e empurrões], faz parte dessa

briga política. E pra quem acha que, “ai, não, **isso é só treta, isso é confusão**”, **a gente está lidando com criminosos**, com ***bandidos, pessoas que não têm escrúpulos nenhum***, tanto na fala quanto de atitudes, e a gente **não pode ter ali uma- uma guerra moderada contra o mal**. Não, pelo contrário, **a moderação da verdade é um serviço prestado à mentira**.

NFAD-05: “**Eles** estão vindo, vão- vão, **ai, converter os seus filhos** e obviamente as crianças são os maiores alvos aí dessa galera [de esquerda] [...]. E eu peço por favor pra que você **compartilhe esse vídeo, para que você curta, você comente pras pessoas, pra alertar a igreja**”.

NFAD-06: “Na verdade **Jesus não veio aqui pra acabar com a pobreza, Jesus não veio aqui pra poder acabar com a desigualdade, ele veio aqui pagar um preço que você não poderia pagar, ponto final**”.

NFAD - 07: “Não existe vácuo na política. Então **eu prefiro que eu ocupe esse espaço, conhecendo quem eu sou**, do que entregar isso de bandeja pra uma outra pessoa”.

NFAD-08: “Gente, eu falo isso e repito, e a gente- Esse é o dever de cada um de nós, de contar a história verdadeira, porque a esquerda, ela vai modificando a história ao tempo em que ela vai sendo construída [...]. Graças a Deus, né, a gente tem internet para poder mostrar aí a verdade”.

NFAD-09: “O **Bolsonaro, ele ganha nas redes sociais**, o **Bolsonaro, ele ganha nas ruas**, e ele **só perde mesmo no Datafolha**. Alguma coisa tá **errada** aí, né”.

NFAD-10: “você pode perceber que **todos, né, exceto o [ex] presidente [Jair Bolsonaro], respondiam com politiquês**, né, [...] Sendo que [...] **é diferente quando você vive algo**, sabe? Ele já vive aquilo na vida dele, **então simplesmente ele foi lá e mandou a verdade** pra todo mundo”.

NFAD-11: Hoje eu alcanço **mais de 400 milhões de pessoas só no meu Instagram** de forma mensal, então realmente **eu utilizo isso pro bem**. [...] Então eu acho que **a primeira coisa é essa, é consagrar ao Senhor**, porque quando eu for pelas minhas forças, aí eu tô errado.

NFAD-12: “É realmente **uma guerra espiritual muito forte**, [...] essa guerra realmente **não é pros fracos. A porta continua estreita, e muitos cristãos infelizmente vão acabar cedendo a pressão do coletivo**”.

NFAD-13: “**Quem dera se o Lula tivesse só roubado, né?** Na verdade o que ele roubou mesmo e ele- e ele destruiu foi a **nossa moral, nossos princípios, nossos costumes. Universidades formando não estudantes, mas ativistas. É, cada vez mais ideologia de gênero, ativismo LGBT, legalização das drogas, agenda em prol do aborto, né, matar criança no ventre, e realmente a grande- nossa preocupação aí contra o Lula**”.

NFAD-14: “O Lula simplesmente disse que **o Agro é fascista. Manda esse vídeo aí pro tiozão do Zap** que ele, ó! Vai apertar 22 mais forte ainda”.

5.2 Anúncios

5.2.1. Tabela 1 – anúncios veiculados nos vídeos de Nikolas Ferreira

Linha	Vídeo	Propaganda	Data e Link	Números
1	AD.2-001 – “Bolsonaro na GLOBO - Festival de cinismo “	Movavi: aplicativo editor de vídeos.	23 de ago. de 2022 youtube.com/watch?v=j0 UUK6J-bo0	736.930 visualizações 8.120 comentários
2	AD.2-002 – “PROVANDO QUE A MÍDIA MENTE... e muito.”	Aki Mania: “uma empresa de tecnologia do ramo E-commerce”, anunciando uma promoção de mocassins masculinos. Meu Fluxo: embora nos vídeos de Arthur do Val o mesmo site promettesse o método de inteligência desbloqueada, nesta versão ele oferece um método de emagrecimento, “Emagreça agora”.	24 de ago. de 2022 youtube.com/watch?v=3MYRsqN0j_4	277.368 visualizações 2.330 comentários
3	AD.2-003 – “PODCASTS BOLSONARO X LULA NA GLOBO”	Gil Piske, o Rei das Aves: semana da aposentadoria com aves exóticas, “mais de 100k em pássaros”. Construai: materiais para construção e reforma.	26 de ago. de 2022 youtube.com/watch?v=t0 f_IjzkHUw	216.680 visualizações 2.177 comentários
4	AD.2-004 – “DEBATE NA BAND E A TRETA NOS BASTIDORES”	Play TV: suposto app de acesso a todos os streamings e canais do mundo por um preço único. Revertrol: medicamento que supostamente reduz o nível de LDL – não Inteligência Já: ⁶⁰ descubra como aumentar sua inteligência em 200%.	29 de ago. de 2022 youtube.com/watch?v=Z FlnpaNrjDE	647.382 visualizações 7.637 comentários
5	AD.2-005 – “DEBATE NA BAND E A TRETA NOS BASTIDORES”	Memozil: “Restaure a capacidade da sua memória com o poder do Memozil. A única solução 100% natural, capaz de melhorar a capacidade cognitiva e auxiliar na perda de memória, melhorando a saúde do seu cérebro!”. Unitree: cachorros robôs.	1 de set. de 2022 youtube.com/watch?v=iNVUescRoAg	271.656 visualizações 3.061 comentários
6	AD.2-006 – “O PERIGO do que ele disse...”	Epidemic Sound: biblioteca de músicas para edição de vídeo. Inteligência Já.	9 set. de 2022 youtube.com/watch?v=DNA6N5T9tdk	641.363 visualizações 7.632 comentários
7	AD.2-007 – ““Nikolas já ganhou, vota em mim” -	Movavi. Monday: plataforma gerenciadora de	13 set. de 2022 youtube.com/watch?	57.151 visualizações

60

C.f.: Inteligência Já. Disponível em:

<meufluxo.com/lp/ultra-inteligencia-meufluxo-v1-lead2/?src=99205d3a9fc6431cac413568ed78d9db&utm_source=adwords&utm_medium=ppc&hsa_acc=3407556201&hsa_cam=20266512690&hsa_grp=150743744072&hsa_ad=662059889247&hsa_src=ytv&hsa_net=adwords&hsa_ver=3&gclid=CjwKCAjwhJukBhBPEiwAniIcNWQpnSpw48m-V2I-JaToy4USw2J93gcXKvntfNL1DiARjBXCd0R5BoC_FoQAvD_BwE>. Acesso em: 7 nov. 2023.

	NÃO CAIA NESSA”	multi-tarefas <i>online</i> .	v=MvzftWm7Gl	1.184 comentários
8	AD.2-008 – “UM ALERTA PRA IGREJA - Esquerda mirando as crianças”	GWM: Great Wall Motors Company Limited, também conhecida pela sigla GWM, é a maior montadora de veículos privada da China. Portal Health News: azia e refluxo são causadas por “molécula alfa”; aprenda a controlar.	14 set. de 2022 youtube.com/watch?v=p z3TaulfiqY	377.498 visualizações 4.424 comentários
9	AD.2-009 – “Apenas 1 motivo pra votar no BOLSONARO”	Não consta.	25 set. de 2022 youtube.com/watch?v=QxbGmO_Shak	123.505 visualizações 1.704 comentários
10	AD.2-010 – “Expondo a VELHA POLÍTICA - em áudios”	Movavi.	27 de set. de 2022 youtube.com/watch?v=NyUqXuZ1Xdw	88.183 visualizações 1.058 comentários
11	AD.2-011 – “Meu último recado”	Meu Fluxo.	30 de set. de 2022 youtube.com/watch?v=6yhLKJzogrA	152.783 visualizações 2.482 comentários
12	AD.2-012 – “Deputado mais votado do Brasil e de Minas. Agora é outra missão!”	Trunemco: tratamento de “bionematicida” para soja, produzido pela IHARA. Festival Duas Rodas 2023: evento automobilístico sobre motocicletas. Sou Smile: aparelho odontológico.	3 out. de 2022 youtube.com/watch?v=IV3OavKgUeQ	114.196 visualizações 5.647 comentários
13	AD.2-013 – “Datena se emociona - Entrevista com Nikolas Ferreira” – AD.2 - 13.	Fazerdinheiroemcasa.com: Comece a ganhar dinheiro hoje em casa.	5 out. de 2022 youtube.com/watch?v=SONr9V5XFFM	1.887.952 visualizações 9.202 comentários
14	AD.2-014 – “21 dias de Jejum e oração pelo BRASIL”	Zeus: “agro defensivo” contra a cigarrinha do milho, fabricado pela IHARA. Meu Fluxo.	8 out. de 2022 youtube.com/watch?v=FxEQQcXjQYo	145.794 visualizações 5.573 comentários
15	AD.2-015 – “Por que estão me atacando tanto?”	Zeus. Meu Fluxo. Ravena Shop: e-commerce que trabalha trazendo “tendências internacionais para o público Brasileiro”.	11 out. de 2022 youtube.com/watch?v=UPa4MVKrtHA	584.182 visualizações 10.238 comentários
16	AD.2-016 – “Como eu posso ajudar o Bolsonaro?” - DESAFIO PRA VOCÊ”	Unitree.	16 out. de 2022 youtube.com/watch?v=_hC1xbkurP0	248.981 visualizações 5.380 comentários
17	AD.2-017 – “O último vídeo - Deus abençoe o Brasil”.	Construai. Hollyland Lark My: microfone lapela sem fio.	29 out. de 2022 youtube.com/watch?v=U HhXuGQwdz8	361.965 visualizações 6.940 comentários

18	AD.2-018 – “E agora?”	<p>Pinga, pinga?⁶¹ - “Portal Saúde MS”, uma “entrevista com especialista” que “revela o que a indústria farmacêutica não quer que você saiba”, i.e., que a causa motriz do inchaço na próstata “vem de dentro de você”, quando “seu organismo está te sabotando” e “produzindo mais células da próstata por desregulação hormonal”. Eles anunciam um tratamento caseiro que está sendo divulgado pelo mundo todo. No site oficial, lê-se “Entrevista: Especialista revela hormônio afeminador que está inchando sua próstata”, e no vídeo de anúncio na plataforma, a propaganda incita os espectadores à “recuperar sua masculinidade”.</p> <p>Unitree. Inteligência Já.</p>	31 out. de 2022 https://www.youtube.com/watch?v=GraVZEXu3n0	1.483.740 visualizações 19.521 comentários
----	-----------------------	---	--	---

5.2.1. Tabela 2 – anúncios veiculados nos vídeos de Arthur do Val

Linha	Vídeo	Propaganda	Data e Link	Números
1	AD.1-001 – “Vai Dar Lula no 1º Turno”	Não consta.	16 de ago. de 2022 youtube.com/watch?v=4DM4azH5Njo	168.153 visualizações 1.748 comentários
2	AD.1-002 – “Vem Passar Raiva Comigo - Piores Candidaturas”	World of Warships: jogo de navios de guerra para celular.	17 de ago. de 2022 youtube.com/watch?v=6a kDKFs-UnQ	143.600 visualizações 1.304 comentários
3	AD.1-003 – “Oooooo Dona Loudes / Vakinha Pro Goleiro B”	Não consta.	18 de ago. de 2022 youtube.com/watch?v=mAcFEUmbzpc	126.082 visualizações 857 comentários
4	AD.1-004 – “Gustavo Lazaro VAGABUND!!! Bolsonaro no Jornal Nacional”	ClearBlue: teste de gravidez. Banco Inter: contas e aplicativos específicos para gestão de PJ.	23 de ago. de 2022 youtube.com/watch?v=fhv RSAIoJ4s	227.886 visualizações 3.624 comentários
5	AD.1-005 – “Olha Só Quem Chegouuuuuuu!!!!”	World of Warships.	23 de ago. de 2022 youtube.com/watch?v=iN VUescRoAg	155.500 visualizações 1.291 comentários

⁶¹ C.f.: **Pinga, pinga?**. Disponível em: [<portalsaudemsbr.com.br/google/yt/ps/?src=youtube&utm_source=subconta&utm_medium=258v2_1&utm_campaign=prostatlim&gclid=Cj0KCCQjwj_ajBhCqARIsAA37s0y4VT4tZq_HUo6S0PRvRwYPWU3mRkQUXTT e1DbeLAuYvDLOtlb7foMaAvGMEALw_wcB#>](https://portalsaudemsbr.com.br/google/yt/ps/?src=youtube&utm_source=subconta&utm_medium=258v2_1&utm_campaign=prostatlim&gclid=Cj0KCCQjwj_ajBhCqARIsAA37s0y4VT4tZq_HUo6S0PRvRwYPWU3mRkQUXTT e1DbeLAuYvDLOtlb7foMaAvGMEALw_wcB#>). Acesso em: 7 nov. 2023.

6	AD.1-006 – “Ciro Gomes No Jornal Nacional 2022”	<p>World of Tanks.</p> <p>Naldecon Multi: comprimido antigripal indicado para o tratamento dos sintomas de resfriados.</p> <p>Banco Inter: contas e aplicativos específicos para gestão de PJ.</p>	24 de ago. de 2022 youtu.be/O6dOiLCBBBo	149.842 visualizações 1.356 comentários
7	AD.1-007 – “Lula no JN - Refutando Todos Os Pontos - ASSISTA ANTES QUE A GLOBO TIRE DO AR”	<p>Movavi.</p> <p>Monday.</p> <p>Flixbus: aplicativo de passagens de ônibus.</p> <p>Netflix.</p>	26 de ago. de 2022 youtube.com/watch?v=Mv_zfktWm7GI	152.447 visualizações 938 comentários
8	AD.1-008 – “Bolsonaro GANHOU o Debate!”	<p>Opera GX Gaming: navegador específico para jogos <i>online</i> de alto consumo e performance de GPU.</p>	29 de ago. de 2022 youtu.be/6iog4IQGcns	275.445 visualizações 3.444 comentários
9	AD.1-009 – “Não Tem Jeito, Vou Apoiar Bolsonaro”	<p>Ibmec: faculdade particular. Atende pelo motto: “o negócio do Ibmec é formar protagonistas: a melhor startup que existe é você”.</p> <p>Paco Rabanne: Colônia Invictus, cujo motto é “I Have, I am”.</p> <p>UNIP: faculdade particular; seu motto nas propagandas <i>online</i> é “alcança você, onde você estiver”.</p>	30 de ago. de 2022 youtube.com/watch?v=GGcyX8UQQj4	259.155 visualizações 2.923 comentários
10	AD.1-010 – “Estrague Sua Semana AGORA!”	<p>War Thunder: jogo de guerra em aeronaves para celular.</p> <p>Opera GX Gaming.</p> <p>Language Tool: assistente de redação.</p>	5 de set. de 2022 youtube.com/watch?v=J_FvsF9dCw0	159.850 visualizações 2.923 comentários
11	AD.1-011 – “Bolsonaro DESTRUIU Amanda Klein Na Jovem Pan”	<p>Do Zero ao Hacker Profissional: Técnicas de Invasão Hacker; “juntos, a nossa legião - legião de hackers, aprender hacking do zero, passo a passo, no intensivão, juntos”.</p> <p>Evony: jogo de estratégia e labirintos para celular.</p> <p>Você Opina: empresa de pesquisas <i>online</i> que “paga” por respostas [em créditos no Paypal e nas Americanas] - “a única comunidade em que você é pago pela sua opinião”.</p> <p>Opera GX Gaming.</p>	7 de set. de 2022 youtube.com/watch?v=R4_Y7qqdFMj0	137.734 visualizações 1.395 comentários
12	AD.1-012 – “Marmita de Gado”	<p>World of Warships.</p> <p>Do Zero ao Hacker Profissional.</p> <p>Movavi.</p> <p>Droga Raia: rede de drogarias.</p> <p>Você Opina.</p>	12 de set. de 2022 youtube.com/watch?v=W_bpOga8Vz2I	114.196 visualizações 830 comentários
13	AD.1-013 – “Lula foi DESTRUÍDO na CNN”	<p>World of Warships.</p> <p>Evento: O tradutor freelancer.</p> <p>Evony.</p> <p>Monday.</p> <p>Pinga, pinga?.</p>	13 de set. de 2022 youtube.com/watch?v=Dy_2okk3xBdc	163.322 visualizações 738 comentários

14	AD.1-014 – “Pablo Marçal Gadeou / YouTube Favorece Bolsonaro e JP”	Lupo: fabricante brasileira de moda íntima, meias e uniformes de times. Monday.	14 de set. de 2022 youtube.com/watch?v=N Yrn7rIxoU8	124.705 visualizações 1.002 comentários
15	AD.1-015 – “Luísa Sonsa Cancelada / Mito no Velório da Rainha”	Memória Renovar ⁶² : “você que sofre com esquecimento”; “meu pai sofreu de esquecimento devido ao Alzheimer”; “Método pouco conhecido mas muito eficaz que parou a perda progressiva de memória do meu pai”; “Restaurou sua memória por completo e controlou os sintomas do Alzheimer e ainda deixou seu raciocínio afiado como o de um jovem. Estou falando de um método cientificamente comprovado e aplicado por cientistas mais renomados do mundo”. Os estudos anexados ⁶³ no site são uma sequência de links não referenciados, todos falando sobre doenças de visão e suas ligações com a falta de certas vitaminas. São de fato estudos publicados, mas todos em inglês e de forma nenhuma relacionados ao Alzheimer. Monday. Bússola Executiva: “há dois tipos mindset de líder, o líder executor e o líder executivo”. “Compromisso com o seu sucesso”. Oferece três aulas ao vivo, contando “o segredo dos líderes executivos 30+”, exclusivo para líderes.	19 de set. de 2022 youtube.com/watch?v=Rc pZavgXWZ8	112.759 visualizações 689 comentários
16	AD.1-016 – “Lula vs Bolsonaro vs Ciro Se Matando Nas Propagandas”	World of Warships. Pinga, pinga?.	22 de set. de 2022 youtube.com/watch?v=QfEEb7B4FK A	99.552 visualizações 508 comentários
17	AD.1-017 – “Ciro GANHOU O Debate do SBT”	Memória Renovar. Bússola Executiva.	25 de set. de 2022 youtube.com/watch?v=9F ulMxO02ds	115.482 visualizações 1.172 comentários
18	AD.1-018 – “Boulos e PSOL Agridem MBL de 15 anos”	Portal Health News. Evony. Memória Renovar.	25 de set. de 2022 youtube.com/watch?v=LmoPoRAfVvo	98.973 visualizações 1.140 comentários

⁶² C.f.: **Memória Renovar.** Disponível em: <memozll.com/research/c/at/15/?src=Youtube&utm_campaign=20238044107&utm_source=youtube.com&gclid=Cj0KCQjwj_ajBhCqARIsAA37s0zsumbTGh30ogPHPu4ZEPtPZIKGiaW2zwAqBxgkwfUHsKOBmb7vul8aAgiqEALw_wcB>. Acesso em: 7 nov. 2023.

⁶³ Estudos comprovando a eficácia do remédio Memozil. Disponível em: <memozll.com/estudos/?src=Youtube&utm_campaign=20238044107&utm_source=youtube.com&gclid=Cj0KCQjwj_ajBhCqARIsAA37s0zsumbTGh30ogPHPu4ZEPtPZIKGiaW2zwAqBxgkwfUHsKOBmb7vul8aAgiqEALw_wcB>. Acesso em: 7 nov. 2023.

19	AD.1-019 – “ABSURDO!!!”	Bússola Executiva. Portal Health News. Memória Renovar.	27 de set. de 2022 youtube.com/watch?v=m Q2ypDAW4p4	151.201 visualizações 1.009 comentários
20	AD.1-020 – “Lula Janta Com Brasil Paralelo!”	Bússola Executiva. Portal Health News. Memória Renovar. World of Tanks.	29 de set. de 2022 youtube.com/watch?v=WJ k9ruz2QOg	113.210 visualizações 1.062 comentários
21	AD.1-021 – “O Pior Debate da História do Brasil”	Monday. Neuro Produtividade⁶⁴: “você não é preguiçoso, você apenas tem feito as associações erradas em relação às tarefas que você precisa desempenhar”. Apresenta um “Renomado Médico Brasileiro” que “Revela Segredo Que Empresas Farmacêuticas E Gurus Não Querem Que Você Descubra Para Acabar com a Procrastinação e Multiplicar Sua Produtividade Dedicando Apenas 3 Minutos do Seu Dia”.	30 de set. de 2022 youtube.com/watch?v=Xr cYqtIQZgE	175.084 visualizações 1.395 comentários
22	AD.1-022 – “Neymar Virou Gado”	Espião do Zap⁶⁵: aplicativo que supostamente permite que você “vigie” a atuação on-line de outras pessoas; “curtidas, comentários, mensagens”. Sugere a mesma funcionalidade do Pegasus, software desenvolvido pela empresa de armas cibernéticas israelense NSO Group, Prime Vídeo.	1 de out. de 2022 youtube.com/watch?v=W 0bmTKJjfyE	105.569 visualizações 1.800 comentários
23	AD.1-023 – “Se Prepare...” Excerto AVAD-14	MyCon: consórcio para casa própria. Professora de Yoga. Dixi Ponto: Marcador de ponto eletrônico. Lexos: hub de integração para empresas.	3 de out. de 2022 youtube.com/watch?v=01ZxODVoky M	373.325 visualizações 7.249 comentários
24	AD.1-024 – “Vou sair do MBL”	Construai. Hoomy: fabricante de lençóis. PhotoVibrance: aplicativo para edição de fotos.	4 de out. de 2022 youtube.com/watch?v=c6j dof0F3uU	270.819 visualizações 3.901 comentários
25	AD.1-025 – “Bolsonaro Maçom & Lula do Capioto” Excerto AVAD-13	Prime video. Play TV: suposto app de acesso à todos os streamings e canais do mundo por um preço único.	5 de out. de 2022 youtube.com/watch?v=zI5 Xd99pSOU	169.852 visualizações 2.005 comentários

⁶⁴ **C.f.: Neuro Produtividade com o Dr. Frederico Porto.** Disponível em: <sl.drfredericoporto.com/?mdk=FPT-VEX-PAID-YT-NPR-NPR0001-BABT-X-TVFA-X-X-AD06V&utm_campaign=NPR0001&utm_source=YT&utm_medium=BABT&utm_content=AD06V&utm_term=FPT-VEX-PAID-YT-NPR-NPR0001-BABT-X-TVFA-X-X-AD06V&gclid=CjwKCAjwhJukBhBPEiwAniIcNfFmMA_DKSQZJvk6asXYDDqp2keXDptUEOVbP0vx6DYewhLqqsUquhoCYhEQAvD_BwE>. Acesso em: 7 nov. 2023.

⁶⁵ **C.f.: App Espião do Zap.** Disponível em: <espiaodozap.com/pv-012/?gclid=CjwKCAjwhJukBhBPEiwAniIcNXb88iV8t2Pvq-Mh8_GZxH3wbuxgLv6Ro2BCxp3ezzjiP02YihpCBxoC42kQAvD_BwE>. Acesso em: 7 nov. 2023.

26	AD.1-026 – “2º Turno: PT Não Dá - Vou No Capitão!” Excerto AVAD-16 Excerto AVAD-19	Não consta.	6 de out. de 2022 youtube.com/watch?v=QpGblmV1x-Q	472.119 visualizações 14.637 comentários
27	AD.1-027 – “Estrague Seu FDS AGORA”	Saquemoney Online ⁶⁶ . Com fonte comics, anuncia o “um benefício ao qual aproximadamente 48 milhões de brasileiros teriam direito”. A logo na thumbnail é do Jornal Nacional. Inteligência Já. Dr. Consulta: rede operadora de plano de saúde à custo “acessível”.	7 de out. de 2022 youtube.com/watch?v=StZlqYk8_Mk	208.095 visualizações 1.463 comentários
28	AD.1-028 – “Desabafo” Excerto AVAD-20	Epidemic Sound. Sérgio Yamaguchi: “Renomado Médico e Biohacker” “revela como as maiores mentes do mundo ativam o efeito 30 Horas no seu dia para serem Máquinas de Produtividade”. Ele realmente tem CRM ativo em São Paulo, mas não é especialista em nada.	10 de out. de 2022 youtube.com/watch?v=40kbJ2mFUzU	164.806 visualizações 2.908 comentários
29	AD.1-029 – “Janones e o Leite” Excerto AVAD-05	Não consta.	11 de out. de 2022 https://www.youtube.com/watch?v=R5czU1j_D-M	148.419 visualizações 1.547 comentários
30	AD.1-030 – “Hora De Estragar Seu FDS”	Sérgio Yamaguchi. Meu Fluxo.	14 de out. de 2022 youtube.com/watch?v=D2LtC0U3ThU	133.247 visualizações 1.182 comentários
31	AD.1-031 – “Bolsonaro VENCEU De Novo! - Debate Band 2º Turno”	Sérgio Yamaguchi. Meu Fluxo.	17 de out. de 2022 youtube.com/watch?v=D2LtC0U3ThU	212.316 visualizações 3.241 comentários
32	AD.1-032 – “Parabéns Amoedo - Tb Voto No Lula!”	B-Max Sênior: plano de academia para a terceira idade. Monday. Sérgio Yamaguchi. Meu Fluxo.	18 de out. de 2022 youtube.com/watch?v=DwQf6CuDEMs	171.516 visualizações 3.385 comentários
33	AD.1-033 – “Lula No Flow: 1 Mi Ao Vivo DESTRUIU o Mito”	Stone: aluguel de máquinas de cartão. Flixbus. Apartamento integrado: anuncia compra e financiamento de apartamentos na planta,	19 de out. de 2022 youtube.com/watch?v=uIe gsW7cqzM	184.355 visualizações 1.861 comentários

⁶⁶ C.f.: **Saque Money Online Já.** Disponível em: <saquemoney.online/l/?utm_source=YTKAROL&utm_campaign=CA40&utm_agid=151593370002&utm_term=&creative=661195529727&device=c&placement=youtube.com&gclid=CjwKCAjwhJukBhBPEiwAniIcNeTtfPCrStX5ATzN-Ir6fpVEycLxl8UkxXuDJR2_IUUqWUGYWb6_ohoCgHsQAvD_BwE>. Acesso em: 7 nov. 2023.

		embora não diga onde, nem esteja vinculado a qualquer construtora.		
34	AD.1-034 – “Bolsonaro Censurado”	Stone. Loja Corrêa: loja de departamento oferecendo kits de 10 camisetas impermeáveis.	20 de out. de 2022 youtube.com/watch?v=G3 FHHbaOx_0	131.348 visualizações 2.132 comentários
35	AD.1-035 – “Recorde Mundial - Bolsonaro Vai Ganhar”	Stone. Loja Corrêa. Inteligência Já.	21 de out. de 2022 youtube.com/watch?v=jU GN52nrfy4	195.799 visualizações 2.308 comentários
36	AD.1-036 – “É GÓPY do TSE! Cadê as Inserções do Mito?”	Mariana e Mateus, Guilherme e Benuto - Toma Dramin (ao vivo). Vinicola Aurora.	27 de out. de 2022 youtube.com/watch?v=xemidJGkNVw	122.370 visualizações 2.107 comentários
37	AD.1-037 – “Prepare-se: 3 Dias p/ A GU3RR4 Civil!”	Unitree Go1: Robô cachorro de companhia. Total battle: jogo de estratégia de guerra para celular. Inteligência Já.	28 out. 2022 youtube.com/watch?v=oa KEpt0A_Ec	155.814 visualizações 1.645 comentários
38	AD.1-038 – “O ÚLTIMO Debate - Quem Venceu?”	Axis: Empreendimentos imobiliários.	29 de out. de 2022 youtube.com/watch?v=u8 YiqDtE8dI	157.843 visualizações 1.712 comentários
39	AD.1-039 – “LULA PRESIDENTE”	Trade China: plataforma de cooperação comercial entre Brasil e China. Jurema Águas Quentes: resort paranaense.	30 de out. de 2022 youtube.com/watch?v=Qi APueS35x8	298.391 visualizações 4.583 comentários
40	AD.1-040 – “E Agora?”	Trade China. Jurema Águas Quentes. UTalk: “Múltiplos atendentes logados e respondendo em uma única conta de WhatsApp”. O segredo: livro escrito por Rhonda Byrne que ensina “o poder da mente” para manifestar pensamentos em realidade. Foi febre nos anos 2010.	31 de out. de 2022 youtube.com/watch?v=pL2sbYUWa90	404.331 visualizações 3.907 comentários